

LUCIANA COUTINHO GEPIAK

# ESCRITA FEMININA NO BRASIL MERIDIONAL

Revocata Heloísa de Melo  
(reconhecimento e produção  
bibliográfica)





**Escrita Feminina no Brasil  
Meridional: Revocata Heloísa  
de Melo (reconhecimento e  
produção bibliográfica)**

## FICHA TÉCNICA

Título: *Escrita Feminina no Brasil Meridional: Revocata Heloísa de Melo (reconhecimento e produção bibliográfica)*

Autora: Luciana Coutinho Gepiak

Colecção: Elas, 4

Directores da Colecção: Isabel da Cruz Lousada, Alexandre Honrado, Isabel Baltazar

Director Adjunto da Colecção: Luís da Cunha Pinheiro

Paginação: Luís da Cunha Pinheiro

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa

Editora LiberArs

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa, São Paulo, Rio Grande, 2021

Esta publicação foi financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos Projectos «UIDB/00077/2020» (CLEPUL – Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade Nova de Lisboa) e «UIDB/04647/2020» (CICS.NOVA – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa)

O texto é da inteira responsabilidade da autora. As opiniões nele emitidas não exprimem, necessariamente, o ponto de vista dos responsáveis pela colecção.

Esta é uma obra em acesso aberto, distribuída sob a Licença Internacional Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 (CC BY NC 4.0)



Luciana Coutinho Gepiak

**Escrita Feminina no Brasil  
Meridional**

**Revocata Heloísa de Melo  
(reconhecimento e produção  
bibliográfica)**

CLEPUL / CICS.NOVA / LiberArs /

Biblioteca Rio-Grandense

2021



# Índice

PALAVRAS INICIAIS . . . . .	7
À GUIA DE FORTUNA CRÍTICA: O RECONHECIMENTO INTELECTUAL DA AUTORA . . . . .	15
1 – Revocata Heloísa de Melo e seu tempo . . . . .	16
2 – O reconhecimento intelectual . . . . .	22
2.1 – Dicionários, arrolamentos de autores e similares . . . . .	23
2.2 – Coletâneas . . . . .	29
2.3 – Estudos sobre as mulheres, o feminino e o feminismo . . . . .	38
2.4 – Abordagens acerca da imprensa literária e/ou feminina . . . . .	49
A PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA DE REVOCATA HELOÍSA DE MELO . . . . .	57
1 – <i>Folhas errantes</i> . . . . .	57
2 – <i>Coração de Mãe</i> . . . . .	74
3 – <i>Berilos</i> . . . . .	90
PALAVRAS FINAIS . . . . .	113
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS . . . . .	121



## PALAVRAS INICIAIS

Desbravadoras, trilhando um terreno sociocultural pedregoso e pouco fértil às suas práticas e ideias, as mulheres escritoras do século XIX e primeiras décadas do seguinte seguem por tal caminho tortuoso, enfrentando resistências, preconceitos e adversidades de toda ordem. Elas perseveram, não desistem de seus ideais e levam em frente uma bandeira que permite para suas coetâneas e, ainda mais fortemente, no futuro, para aquelas que as seguiram, um novo espaço e uma nova concepção quanto à condição feminina.

No caso do Brasil, elas se espalham pelas várias regiões, algumas encontrando notoriedade e fazendo eco de seu ideário, enquanto outras ficam mais restritas aos tantos quadros geográficos regionais deste imenso país, havendo ainda aquelas cujas referências se perdem, restando apenas nomes desconhecidos, como meras lembranças de um passado longínquo. A mais meridional fronteira brasileira, representada pela Província, depois Estado do Rio Grande do Sul, também contou com a ação destas escritoras, desde as mais até às menos reconhecidas. Dentre elas, Revocata Heloísa de Melo é uma daquelas cuja ação permite um significativo reconhecimento.

Um dos pontos altos da carreira de Revocata de Melo é a sua participação como criadora, gerente e redatoria do *Corimbo*, periódico literário voltado a um público preferencialmente feminino, que marca época no contexto brasileiro pela grande longevidade para tal tipo de publicação, chegando à marca de seis décadas de circulação, circulando na cidade do Rio Grande entre 1883 e 1944. É por esta atuação que Revocata será mais lembrada, entretanto sua obra não se limita apenas ao trabalho de administrar e redigir o *Corimbo*, folha que, como era muito comum à época, tinha uma inspiração floral para seu título, o qual tem por significado um «tipo comum de inflorescência em que as flores partem de alturas diferentes e alcançam o mesmo nível, na porção superior» (FERREIRA, 2010, p. 587).

É neste sentido que este livro pretende abordar a carreira literária de Revocata Heloísa de Melo «para além da inflorescência», ou seja, busca estudar o seu reconhecimento intelectual e a obra da autora publicada em meio bibliográfico. Assim, o estudo recai sobre os livros publicados por Revocata, levando em conta as pesquisas realizadas junto aos acervos das bibliotecas Rio-Grandense, Pública Pelotense, Pública do Estado do Rio Grande do Sul e da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e Nacional.

A base do enfoque do livro é em essência o papel de Revocata de Melo como articuladora da escrita feminina. Os «textos de autoria feminina se distinguem dos demais por possuírem um tom, uma dicção, um ritmo, uma respiração» própria, incorrendo em um universo com tendência intimista (BRANCO, 1991, p. 13-14). Mas, muitas vezes, o enfoque de tal escrita se estende também à conjuntura que cerca as autoras, pois «a própria noção de natureza feminina, sobre a qual assenta a de 'escrita feminina'» traz em si «contextos histórico-culturais e sociais específicos», na elaboração da «produção literária» (MINGOCHO, 2005, p. 8).

A afirmação da escrita feminina, entretanto, não é um processo de fácil execução. O maior obstáculo está ligado à manutenção de uma tendência conservadora quanto à organização social e ao papel da mulher na sociedade. Por décadas ainda perdura para as mulheres «a regra da menoridade prolongada até a velhice, determinando nas senhoras a infantilidade». A partir de vários «motivos, numa sociedade feita por homens e para homens, a mulher havia de ser mantida em sujeição, sob o poder dos pais, dos maridos, dos irmãos» (PEREIRA, 1954, p. 21, 23-24).

Sobrevive então «uma ordem social assente numa rígida e apertada distribuição de papéis», que confina «a mulher ao domínio do familiar e do privado e remetendo o homem para o domínio do público». Prevalece «o reduzido nível de instrução dos indivíduos do sexo feminino» e o «estatuto de menoridade intelectual e emocional que lhe eram atribuídos» constituíam entraves para «não estimular a produção e a criação do espírito» (COUTO, 2003, p. 44). Em tal contexto, «as mulheres foram praticamente silenciadas, suas vozes abafadas, suas 'penas' engavetadas», de modo que «escrever, aliás, já se constituiria ousada insurreição, qualquer que fosse o teor da escrita» (MAIA, 2001, p. 17).

Apesar de alguns avanços, por vezes mais limitados, em outras, mais expressivos, durante significativo tempo, a mulher continua a ser «colocada fora da cultura» e «excluída de uma efetiva participação na sociedade, de

modo a assegurar condignamente sua própria sobrevivência» e «de uma educação superior». Desta maneira, «as mulheres no século XIX permaneciam literalmente fechadas» em suas casas (TELLES, 1990, p. 127).

O ato de «escrever, para as mulheres, não foi uma coisa fácil». Muitas vezes «sua escritura ficava restrita ao domínio privado», de forma que «publicar era outra coisa» bem mais complexa. Elas tiveram de vencer os preconceitos e «o sarcasmo que, no século XIX, acompanhavam as mulheres», as quais pretendiam ser autoras, «fronteira de prestígio difícil de ultrapassar, por causa da resistência em aceitá-las como tais». Houve também «as dificuldades de reconhecimento», entre os tantos obstáculos «para uma mulher transpor a barreira das letras». Entretanto, «apesar de tudo, as mulheres transpuseram essa barreira» e, «nos séculos XIX e XX elas conquistaram a literatura» (PERROT, 2015, p. 97-99).

Nesta linha, a escrita feminina começa a se espalhar por um quadro mundial em que diversas mulheres tiveram um papel fundamental na afirmação do feminino. Algumas se destacam internacionalmente, outras, no âmbito regional e nacional. Estas escritoras constituem casos que conseguem «impor-se numa sociedade fechada, tradicionalmente patriarcal, capaz de sujeitar o feminino ao foro do privado, num isolamento a que não sobreviveriam tantas outras mulheres da sua geração» (LOUSADA, 2010a, p. 23).

Assim, estas mulheres «mais cultas», apesar de sofrer com uma represão «feroz, constante e persistente», mostram-se «dispostas a transpor as barreiras do preconceito» (PRADA, 2010, p. 28-29). Neste sentido, «as inúmeras escritoras brasileiras buscavam sair do obscurantismo e participar de uma vida ativa». Elas «conseguiram trabalhar em jornais, escrever periodicamente», atuando «com seriedade e objetivos de perenizar a obra de suas contemporâneas e criar uma obra própria» (MUZART, 2011, p. 24). Eram «figuras femininas», que representam «exemplos de força interior, de tenacidade, defrontando os baixos interesses, os preconceitos, a hipocrisia, a intolerância, as prepotências da sociedade que as rodeava e constrangia» (BRAGA, 1980, p. 5).

O papel desempenhado por estas mulheres escritoras ganha ainda mais relevância pelo efeito produzido na condição de servirem de exemplo para as demais. Desta maneira, seu «péríodo traçado revela a ousadia no ultrapassar de múltiplas barreiras, que às mulheres de Oitocentos estava porventura vedado». Além disto, «o reconhecimento granjeado» por elas «junto de pares resulta do empenho e esforço empreendidos ao longo

da carreira» para a qual se dedicaram. Fica então estabelecida «uma conquista que surgiria aos olhos das mais jovens mulheres», que passam a tomá-las na condição de «modelo e precursora» (LOUSADA, 2012, p. 111).

Algumas conseguem publicar seus textos na forma de livros, ação mais restrita, principalmente por causa dos altos custos. Tendo em vista tal aspecto, os periódicos se tornam os principais propagadores da escrita feminina. Dá-se então o fenômeno pelo qual, «a partir de meados do século XIX, assistiu-se ao surgimento de uma infinidade de jornais e revistas dedicados à mulher e à família», constituindo um «tipo de imprensa» que «dividiu com a leitura de romances e folhetins a esfera privada e íntima na qual vivia a maior parte do público feminino» (PRIORI, 2016, p. 9, 296).

Neste quadro, «é quase impossível estudar a literatura feita por mulheres no século XIX sem nos debruçarmos no estudo e levantamento do que foi publicado nos periódicos dessa época». Tais escritoras «tiveram uma quota considerável de responsabilidade no despertar da consciência das mulheres brasileiras», desempenhando «um papel fundamental» (MUMZART, 2003, p. 225-226). Além disto, estas «publicações genuinamente feitas de ‘mulher para mulher’ servem de termômetro para aferir os costumes de uma época», uma vez que «retratam os paradigmas vigentes» (COSTA, 2012, p. 390).

Ocorre então, ao longo do «século XIX, a ascensão irreversível de jornais e revistas dedicados a mulheres, tal como uma grande diversificação de títulos». São «publicações periódicas destinadas a mulheres e consumidas majoritariamente por elas», as quais têm «um papel importante na emancipação feminina» (LAMAS, 1995, p. 20). Deste modo, «o espaço ocupado na imprensa pelas mulheres servia ao propósito de estimular e convocar para a batalha pela emancipação de outras irmãs» (LOUSADA, 2010b, p. 42). Este é um fenômeno mundial, mas também ocorre no Brasil e no Rio Grande do Sul, levando a escrita feminina a patamares até então impensáveis.

Progressivamente, e não sem sacrifícios, as mulheres vão deixando a «antiga situação de objeto de enunciação masculinas, que durante tanto tempo lhe foi atribuído», para passarem «a ser sujeito que a si mesmo se enuncia» (MAGALHÃES, 2005, p. 21). É o anúncio de uma época em que as «mulheres escritoras» viriam a fazer «parte da sociedade civil e literária» num «nível perfeitamente paritário com os homens», ou seja, são «mulheres integradas na vida e literatura nacionais, mulheres com uma

autonomia intelectual e humana» (MAGALHÃES, 1987, p. 7). Fica também estabelecido um processo mais amplo de transformação, pois, «quando as mulheres se transformam em produtoras de escrita, algo começa a se modificar», e o próprio «conceito de literatura sofre algumas mutações» (BESSE, 2001, p. 26).

Revocata de Melo convive e interage com este processo histórico de afirmação da escrita feminina, constituindo uma daquelas que teve ação mais perene no âmbito brasileiro. Esta época de transformações quanto à escrita de natureza feminina e à ação social destas agentes culturais são destacadas com entusiasmo por escritoras contemporâneas de Revocata. Desta maneira, uma de suas coetâneas, Inês Sabino, afirma que «a literatura feminina no Brasil tem caráter próprio e não se confunde com outra qualquer» e dela surge uma nova mulher, «que vive pelo cérebro», tendo «mais percepção do que a que se ocupa de coisas frívolas» (SABINO, 1899, p. 270).

Em época próxima, levando em conta o contexto gaúcho, Andradina de Oliveira também se refere aos avanços da escrita feminina. Segundo ela, «a bastilha dos preconceitos ridículos está aqui, se derrocando», de modo que a «mulher rio-grandense procura quebrar as algemas do carrancismo desta educação retrógrada, oriunda de um convencionalismo primitivo». De acordo com tal opinião, «a aurora da redenção do sexo apelidado fraco já assoma no horizonte», com a previsão de que um «brilhantíssimo papel está destinado às formosas filhas do pujante Rio Grande do Sul» (OLIVEIRA, 1907, p. 13-14).

Outra ativista do feminismo, Maria Lacerda de Moura, chama a atenção para «quantos e quantos nomes femininos gloriosos, obscuros uns, conhecidos outros», todos apontam «feitos, dignificando o sexo, aureoland o passado que refulgirá sempre com o mesmo clarão de ingênua beleza» (MOURA, 1919, p. 66). Mais uma militante da emancipação feminina, que convive com Revocata, a portuguesa Ana de Castro Osório, destaca com esperança o «movimento feminino que se está pronunciando no Brasil, levando a mulher para um novo campo de ação e de trabalho», resultando do mesmo «o máximo de progresso deste país, que será o mais admirado e o mais culto da América Latina», caso este fosse o desejo feminino, «continuando a vencer a luta em que se empenhou pelo seu progresso e levantamento moral» (OSÓRIO, 1924, p. 59).

Tal perspectiva esperançosa também está em outra escritora feminista contemporânea, Mariana Coelho, ao afirmar que, no Brasil, «as mais idô-

neas representantes do sexo feminino estão revolucionando a sociedade brasileira opondo uma moderna educação feminina aos costumes arcaicos do passado». De acordo com a escritora, a partir «desta revolução de costumes que reflete fielmente o movimento altamente progressista feminino e feminista, a mulher brasileira vai conquistando galhardamente as até aqui inacessíveis profissões masculinas». Nesta linha, «as mulheres de responsabilidade social, pela sua posição, pelos seus méritos e dotes intelectuais, formam uma plêiade simpática e considerável que desmente francamente os velhos e repisados preconceitos» (COELHO, 1933, p. 499).

Revocata Heloísa de Melo vivencia e participa ativamente deste processo de transformação e progressiva afirmação da escrita feminina. Para tanto, publica livros com textos inéditos, divulgando seus trabalhos em incansáveis colaborações por meio da imprensa. Sua ação literária ganha notoriedade principalmente a partir do forte intercâmbio realizado com outras autoras e autores espalhados não só pelo Brasil e, inclusive, internacionalmente. Por meio de seus escritos, ela tanto apresenta ao público desde textos com teor intimista, até propostas voltadas a uma ação social, interagindo com o meio no qual se estende a sua carreira e as suas vivências e refletindo a respeito de tal contexto.

Neste sentido, ocorre a correlação pela qual aparece «a escrita como produto da sociedade e a escrita como produtora da sociedade» (LEE-NHARDT, 1998, p. 44). Deste modo, «a arte é social nos dois sentidos», pois «depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação», bem como «produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo» ou ainda «reforçando neles o sentimento dos valores sociais». Nesta linha, «sob esta dupla perspectiva, percebe-se o movimento dialético que engloba a arte e a sociedade num vasto sistema solidário de influências recíprocas» (CANDIDO, 2000, p. 20-21, 24).

A elaboração do texto «pode ser vivida ou contextual», uma vez que o «discurso literário» traz em si «um certo número de significações implícitas», originadas da «experiência total do mundo» (LEFEBVE, 1975, p. 156, 161). As «forças sociais condicionantes guiam o artista em grau maior ou menor», de maneira que uma «obra é fruto da iniciativa individual» e das «condições sociais», surgindo «na confluência de ambas, indissolivelmente ligadas» (CANDIDO, 2000, p. 25-26). De acordo com tal perspectiva, «o mundo da ficção não abole a validade do mundo social ali presente», de forma que «a análise da obra estética só pode ser enten-

dida se texto e contexto não estiverem dissociados», ou seja, «a história da literatura alinha o social ao todo estético, permitindo que a estrutura social esteja presente tanto no todo, como nas partes do texto» (BARROSO, 2013, p. 61-62).

O contexto pode ser «entendido como a soma dos nexos referenciais que o texto estabelece com o meio circundante». Em questões envolvendo a biografia e a formação cultural do autor, «o contexto formar-se-ia dos significados provenientes da relação dos vocábulos do texto e a conjuntura externa amplamente divisada» (MOISÉS, 2004, p. 86). Quanto ao texto literário, «o seu contexto compreende elementos como as coordenadas ideológicas, as visões de mundo, os eventos históricos, os estilos de época, os dominantes de gênero» entre outros. Neste sentido, dá-se uma articulação do texto «com o contexto, entendendo-se nessa articulação uma certa forma de dialogar com determinado cenário histórico e cultural» (REIS, 2003, p. 199).

A obra de Revocata traz esta representativa inter-relação com o contexto no qual vive, de modo que seus escritos se originam de suas impressões pessoais, das influências recebidas pelo seu meio e das estratégias por ela utilizadas para atingir seus leitores. Em tal ação, ela incorre na prática de vários gêneros literários, principalmente o conto, a crônica e a poesia, atuando também na realização do drama teatral e na elaboração de textos de natureza encomiástica.

Assim, este livro tem por meta o estudo de parte da obra literária de Revocata de Melo como significativa manifestação da escrita feminina no contexto rio-grandino, sul-rio-grandense e brasileiro. Fica justificada a realização da presente pesquisa, uma vez que, nas últimas décadas, os estudos voltados às mulheres vêm ganhando cada vez mais espaço, resgatando-as do passado, por meio de «um ato de olhar para trás de maneira nova», com «novos olhos» capazes «de penetrar um texto a partir de uma nova direção crítica» (TELLES, 1990, p. 134). A recuperação de ao menos «parte do processo intelectual brasileiro, desde o século XIX, no que concerne às mulheres» possibilita «investigar a ampliação do público leitor e o papel desempenhado pelas revistas e jornais», e mesmo pelos livros, «como fatores propulsores da conscientização feminina de seus direitos, e de incentivo para a produção de textos literários» (DUARTE, 2012, p. 37).

Este livro busca ir nesta direção, levando em conta a ação literária de Revocata Heloísa de Melo. Para tanto, o trabalho é dividido em dois

capítulos. O primeiro inter-relaciona alguns dados biográficos acerca da escritora com o contexto histórico no qual ela vive, chamando atenção também para o reconhecimento intelectual obtido por Revocata, utilizando por base as referências bibliográficas. O segundo capítulo apresenta o estudo de caso de três livros da autora, como representativos de sua produção bibliográfica. Especificamente no que se refere a Revocata de Melo, os seus escritos em conjunto «nunca foram coletados em obra individual» (SCHMIDT, 2000, p. 251-252), de modo que esta publicação visa contemplar tal lacuna, de maneira ainda introdutória, pouco pretensiosa, realizando um levantamento parcial da obra da autora.

# **À GUIA DE FORTUNA CRÍTICA: O RECONHECIMENTO INTELECTUAL DA AUTORA**

A escrita feminina constitui um avanço significativo na condição da mulher no século XIX e primeiras décadas do seguinte. As resistências às escritoras são significativas, mas, «mesmo assim, muitas mulheres tomaram da pena e escreveram, desobedecendo o recato imposto e transgredindo o padrão cultural». Desta maneira, «nunca será demais enfatizar a força extraordinária destas mulheres, lutando bravamente contra as dificuldades para escrever» (TELLES, 1990, p. 128, 134). Progressivamente, o carrancismo conservador quanto à participação feminina na vida literária passa a ser contestado, uma vez que «a literatura e o feminismo existem, como fenômenos culturais e sociais, dentro da história e modificam-se no tempo e no espaço», surgindo «novas concepções e novos mundos» (LOBO, 2006, p. 25).

Aquela época foi caracterizada como um momento de grandes transformações e como uma era de avanços científicos e tecnológicos. Entretanto, no que tange às relações de gênero, os progressos são mais lentos e paulatinos, especialmente no Brasil, atrelado secularmente às tradicionais estruturas de cunho patriarcal e mais ainda no Rio Grande do Sul, uma unidade administrativa profundamente marcada pelo conservadorismo oligárquico. Mas contra tais condições fica estabelecida uma linha de resistência.

## 1 – Revocata Heloísa de Melo e seu tempo

Em um campo quase infértil à escrita feminina, dá-se a existência de algumas mulheres resilientes que, cada qual com seu modo de agir, conseguem se impor a um meio predominantemente masculino, aparecendo como escritoras ocasionais ou como literatas que viriam a conquistar certo reconhecimento intelectual. Dentre estas mulheres esteve Revocata Heloísa de Melo, nascida em Porto Alegre, a 31 de dezembro de 1853 e vindo a residir ainda jovem na cidade portuária do Rio Grande, na época uma das principais localidades gaúchas, onde constrói sua carreira e permanece até a morte em 23 de fevereiro de 1944 (PÓVOAS, 2007, p. 29).

Revocata tem uma ligação umbilical com a escrita e com a literatura, em muito por causa de suas relações familiares. Em primeiro lugar, é praticamente indissociável fazer referência à Revocata, sem associá-la à figura de sua irmã, Julieta de Melo Monteiro. Elas acompanham e compartilham uma caminhada conjunta desde a juventude até a morte da caçula. Julieta é um pouco mais jovem, tendo nascido no Rio Grande a 21 de outubro de 1855 e falecido na mesma cidade, a 27 de janeiro de 1928 (PÓVOAS, 2007, p. 29). Elas interagem e criam conjuntamente, numa verdadeira simbiose literária, refletida na ação em periódicos e na parceria na edição e redação de livros, ou mesmo na atuação profissional ligada às atividades do magistério.

A presença familiar é ainda mais incisiva no caso das irmãs Melo. São netas pelo lado materno de Ana Passos e Figueiroa e Manuel dos Passos e Figueiroa, latinista, poeta, teatrólogo, autor de obras didáticas e jornalista do período farroupilha. O pai, João Gomes de Melo é ligado aos negócios e às práticas comerciais e a mãe, Revocata Passos Figueiroa e Melo, é escritora, professora e poetisa, conhecida pelo pseudônimo de Americana. Ainda há dois tios, Manuel dos Passos e Figueiroa, engenheiro civil, matemático e escritor, e Deodato dos Passos e Figueiroa, professor e escritor. Também é tia a poetisa Amália Figueiroa, igualmente pertencente à Sociedade Partenon Literário (FLORES, 2011, p. 464; VIEIRA, 1997, p. 91; NEVES, 1987, p. 168).

Além de Revocata e Julieta, a família é composta pelos irmãos João, Romeu e Otaviano, este último também ligado às lides literárias, como escritor e ainda como criador e gerente do periódico literário *Arauto das*

*Letras.* Para completar, Julieta casa-se com outro poeta, Francisco Pinto Monteiro (TEIXEIRA, 1921, t. 2, p. 194). Assim, «tantas Revocatas, Melos & Figueiroas apontam para a existência de um sistema literário curioso», no qual «as mulheres tinham espaço para redigir e tornar público seus textos, mas talvez dependessem não apenas do prestígio social da escrita», como «também do apoio familiar». Nessa linha, «pertencer a um clã de letreados talvez fosse uma das condições para que a mulher não se sentisse diminuída, quando quisesse dar vazão a seu pendor artístico por meio das belas artes» (ZILBERMAN, 2011, p. 16).

A ação de Revocata de Melo como escritora está inevitavelmente ligada ao contexto histórico por ela vivido ao longo de sua longeva existência. Por mais que muitas vezes tenha optado por certo silêncio diante das grandes transformações históricas, o meio e o tempo exercem influência direta sobre a escritora e a sua escritura. A jovem Revocata acompanha a família no retorno à cidade do Rio Grande, uma vez que tinham se deslocado para Porto Alegre, para buscar melhores condições de saúde para a mãe que acaba por falecer (NEVES, 1987, p. 168).

A cidade do Rio Grande é progressista, avançando economicamente, como único porto marítimo do Rio Grande do Sul e ponto estratégico para a chegada das importações e a partida das exportações gaúchas, principalmente o charque. Durante o século XIX e primeiras décadas do seguinte, a cidade portuária mantém uma certa tendência de progresso alicerçada no comércio para, posteriormente, alternar épocas de estagnação e crise. Desta maneira, Rio Grande, ao lado da capital Porto Alegre e da vizinha Pelotas são as cidades rio-grandenses mais importantes. Tal perspectiva progressista também serve como ambiente propício ao desenvolvimento cultural, havendo vários jornais circulando e, desde 1846, funciona no Rio Grande um Gabinete de Leitura, que viria a transformar-se, ao final dos anos 1870, na Biblioteca Rio-Grandense, uma das mais importantes instituições culturais gaúchas.

As irmãs Melo crescem neste ambiente e mantêm seus destinos entrelaçados nas opções, estudando e avançando até se tornarem professoras, mantendo a carreira docente ao longo de boa parte de suas vidas. Ao mesmo tempo, os avanços do jornalismo na Província, inclusive no que tange ao periodismo literário, vão possibilitando espaços para que os jovens escritores sul-rio-grandenses tenham oportunidade de divulgar seus trabalhos. Mais uma vez as três principais cidades são as mais destacadas neste tipo de jornalismo.

O Império Brasileiro também se encontra em sua fase de apogeu, com a estabilidade política, o predomínio das oligarquias e da escravidão e a exportação de bens primários, entre os quais o café está cada vez mais em destaque. A tendência é da alternância entre os dois principais partidos liberal e conservador, mas a substituição nem sempre é tranquila e progressivamente começa a intensificar-se um movimento republicano.

Nesta época, Revocata de Melo atua incessantemente nos jornais literários e de outros gêneros, havendo inclusive a referência de que teria trabalhado na redação do *Diário de Pelotas*. O início dos anos 1880 é marcante para a sua carreira literária, pois é quando ocorre o lançamento de seu primeiro livro, *Folhas errantes*, e o início da circulação do *Corimbo*, publicação a que destinaria todo o restante de sua longa vida, como proprietária e redаторa, função que chega a dividir com sua irmã Julieta.

Embora alguns biógrafos atribuam à Revocata uma tendência republicana, a maioria de seus escritos não revela tal inclinação, de modo que seu pensamento se aproxima muito mais da perspectiva liberal. Mas o republicanismo avança no Brasil e consolida-se também no Rio Grande do Sul naquela mesma década de 1880. Não havendo tantos indícios de uma simpatia pela forma republicana, há outros que indicam Revocata de Melo como uma ardorosa defensora do abolicionismo, promovendo campanhas e realizando esforços pessoais para a eliminação da escravidão no país.

A monarquia começa a dar sinais de fraqueza e o desgaste político da questão da manutenção da escravidão só aumenta o processo de enfraquecimento. Com a Lei Áurea, em 13 de maio de 1888, dá-se o ponto alto do desgaste monárquico. A transformação política ocorrida no Brasil em 15 de novembro de 1889 traz uma série de alterações na vida nacional. A forma republicana não muda a estrutura socioeconômica nacional, mas o regime político muda drasticamente, acabando uma tendência de valorização das liberdades individuais da época de D. Pedro II para um autoritarismo crescente, durante os primeiros anos republicanos.

No Rio Grande do Sul, esta transição foi mais drástica. Os seguidores do republicano Júlio de Castilhos constroem um modelo político que garante a permanência no poder apenas dos fiéis seguidores deste líder político. Aqueles que foram afastados do poder ou não conseguiram a ele chegar se sentiram prejudicados e, afirmando não ter outro recurso, buscam o caminho da revolta. É a Revolução Federalista, uma das guerras civis mais violentas enfrentadas pelos gaúchos, que ocorre entre 1893 e 1895,

mas deixa em aberto feridas profundas na vida política rio-grandense. O regime autoritário proposto por Júlio de Castilhos é o vencedor e o castilhismo domina o governo rio-grandense até o final dos anos 1920.

Nestas últimas décadas do século XIX, ficam demarcados alguns dos elementos que marcariam a vida intelectual de Revocata. Ela é influenciada pela tendência romântica e daí derivam muitos dos elementos que condicionaram suas obras, como o aflorar dos sentimentos, retratando as paixões juvenis, os amores impossíveis, os encontros e desencontros sentimentais e, em grande parte, os desenlaces em tons trágicos. Há também uma forte presença da natureza e do ambiente, com destaque para as belezas naturais típicas daquela época, na qual havia o predomínio do ambiente rural sobre o urbano, de modo que, mesmo nas cidades, a natureza se fazia muito próxima. Na sua obra também aparecem detalhes do ambiente sul-rio-grandense, como os invernos rigorosos, e o rio-grandino, como o constante contato com o mar.

Outro elemento bastante presente na obra de Revocata de Melo é a finitude da vida. A recorrência da morte é também uma influência da perspectiva romântica, tão afeita aos finais trágicos. Mas há ainda as próprias experiências e vivências da escritora e as suas perdas pessoais. Ela sofre com as mortes dos avós, dos pais e da tia poetisa. Mais tarde falece o irmão João. O outro irmão, Octaviano, e o cunhado Pinto Monteiro, também literatos, perecem em época próxima. Depois ainda ocorre o óbito da sobrinha Alda e de mais um irmão, Romeu. Finalmente, já ao final dos anos 1920, morre a sua mais importante companheira, a irmã Julieta, tão chorada nas décadas seguintes. Para Revocata resta usar as palavras, expressas em tantos de seus textos, para aliviar as dores de tantas mortes.

A guerra é outro elemento bastante presente na obra de Revocata e não é para menos. Por um lado, há mais de uma vez a presença do pensamento romântico e a valorização da Revolução Farroupilha, idealizada e valorizada como movimento que permeia a formação gaúcha, cunhando lendas, heróis e vilões que matizam muitos dos escritos sobre tal época. Mas, por outro lado, bem longe de um confronto do passado, observado por um viés romantizado, houve umas tantas guerras, com as quais ela convive.

Quando criança e já na juventude, ela percebe os confrontos bélicos muito próximos de si. O Brasil entra na Guerra do Paraguai e se surpreende com a resistência dos adversários que sustentam o conflito por quase meia década. O Rio Grande do Sul chega a ser invadido pelos

paraguaios e, além disso, há um receio histórico de uma invasão por parte da fronteira do Uruguai, colocando os gaúchos em alerta contínuo. Além disto, boa parte das tropas no fronte era formada por sul-rio-grandenses, gerando o receio pela perda das vidas e um retorno incerto que poderia deixar muitas famílias abandonadas.

Proclamada a República e tendo em vista o confronto entre as forças castilhistas e as oposições, o Rio Grande do Sul mergulha em uma feroz guerra, com ódios sanguinários que não se encerram com o conflito bélico. A Revolução Federalista coloca de um lado os positivistas castilhistas e de outro os liberais federalistas, que acabam por se aliar com os insurretos da Revolta da Armada, que se revoltam no Rio de Janeiro e depois se deslocam para o sul. Os governos de Castilhos e Floriano Peixoto não pouparam o uso da força para vencer os revolucionários.

Terminada a guerra, os ódios não cessam e se arrastam até a deflagração de uma nova guerra civil em 1923. Neste meio tempo, os conflitos entre os governistas castilhistas e os oposicionistas federalistas persistem. Em meio a tais conflitos, Revocata vê o irmão Romeu, partidário dos federalistas, ser perseguido, aprisionado e finalmente morto. Tal motivo só dá maiores certezas à escritora em relação a seu viés de teor liberal, aproximando-a decisivamente da causa federalista e colocando-a na resistência ao castilhismo. Ela chega a se manifestar abertamente em nome da causa oposicionista e vem até mesmo a integrar o Clube Gaspar Martins, frente formada no Rio Grande para abrigar os federalistas. Além disto, ela não se conforma em viver sob a égide do autoritarismo castilhista-borgista, batendo-se em nome da liberdade de expressão.

Passada a agitação inicial, a República se consolida em meio a um sistema de poder controlado pelas oligarquias estaduais, com o predomínio da paulista e da mineira. A estabilidade política traz a econômica e o Brasil se afirma como exportador de café. Nesta época, Revocata consolida a edição do *Corimbo*, apesar de continuar enfrentando as dificuldades inerentes à pequena imprensa. Seus escritos já revelam uma maturidade e ocorre uma tendência mais reflexiva. Neste meio tempo, ela tem participação decisiva no Clube Beneficente de Senhoras em sua ação filantrópica e uma grande preocupação com os desvalidos e com as mazelas de cunho social. Há nesta época também uma aproximação ainda mais evidente com a maçonaria<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Os limites de tempo para execução da pesquisa e as amplas dificuldades no acesso

Desde então, Revocata Heloísa de Melo vem a conviver com algumas das principais transformações ocorridas no Brasil, como a crise dos anos 1920, a Revolução de 1930, a ascensão do gaúcho Getúlio Vargas ao poder e a instalação do Estado Novo. Em termos internacionais, ela observa a conflagração bélica em escala global, com a I e a II Guerra Mundial. Nos seus últimos dias ela coexiste com o autoritarismo da ditadura estado-novista e com as agruras do maior confronto bélico até então visto. A única certeza é a de que o *Corimbo* continua sua caminhada literária e em defesa da causa feminina.

Aliás, Revocata de Melo dedica sua carreira inteira, da juventude à velhice, a promover o ideal de uma nova condição social para a mulher, principalmente no que tange ao acesso à educação. Quando «ler romances, saber ler e escrever, exercer uma profissão fora de casa, gostar de escrever eram considerados deslizes perigosos» ou mesmo «transgressões da ‘verdadeira’ missão feminina», apenas como mãe e esposa, muitas escritoras entram na «luta em que se empenham contra toda uma tradicional desconfiança da educação» para as mulheres (LEITE, 1990, p. 60).

Nesta perspectiva, «a educação recebida no lar e nas escolas é criticada nos mais diversos aspectos, gerando protestos, reivindicações e programas de ação, não faltando considerações sobre o prejuízo cultural das jovens». A busca por «melhores níveis educacionais» torna-se uma constante, já que «a precariedade educacional da mulher», interpretada «como causa geradora de sua deplorável situação de passividade», ou «como consequência da injustiça dos homens, provocou unânime e permanente reação de protesto» em meio às escritoras (BERNARDES, 1989, p. 123-124, 136). Revocata é uma delas e defende tais princípios não só no âmbito das letras, como também nas suas vivências.

Para tanto, seus escritos têm um papel fundamental, seja pelo sistema de dedicatórias muito usual em seus textos em prosa ou poesia publicados em livros e em jornais, seja pelo intenso intercâmbio que os periódicos estabelecem na época com a troca de correspondências e exemplares, que ultrapassam fronteiras regionais e até nacionais. Ainda que os jornais tivessem limitações editoriais típicas da pequena imprensa, isto não

---

às fontes não permitiram que neste livro fossem aprofundados os temas voltados à participação de Revocata no Clube Gaspar Martins, no Clube Beneficente de Senhoras e mesmo junto à maçonaria. Havendo a oportunidade de continuidade em outra etapa da pesquisa, eles deverão ser retomados.

os impedia de revelar certo alcance e interesse bem além do local onde ele era impresso.

Tal prática é comum ao periodismo não só no Rio Grande do Sul ou no Brasil, mas atinge termos globais, de modo que «interessante é a intercomunicação estabelecida entre as colaboradoras e os colaboradores» dos periódicos, como no caso do «relacionamento em especial, por meio de dedicatórias de poemas, passatempos e textos em prosa que o autor/autora oferece a outro(a) colaborador(a) ou a um leitor(a)» (CHAVES; LOUSADA; ABREU, 2014, p. 20). Além disso, os periódicos permitem permutas entre os autores quanto à publicação de textos e a recepção à leitura também amplia o alcance, uma vez que os leitores não se concentram apenas em uma cidade, «mas se espalham por toda a Província, pelo País e até pelo exterior» (PÓVOAS, 2004, v. 1, p. 123).

Desta maneira, também no caso sul-rio-grandense, por meio da publicação de livros ou por meio dos periódicos, «é preciso sublinhar nesta floração de mulheres escritoras» que «elas não estão isoladas umas das outras, mas, pelo contrário, formam uma espécie de rede feminina» que se estende por todo o Rio Grande do Sul «e mantém vínculos com os outros centros do país» (SOARES, 1980, p. 145). Revocata de Melo foi uma importante engrenagem neste mecanismo, que aproxima escritoras de pequenos rincões e de grandes cidades no âmbito gaúcho, brasileiro e internacional.

## 2 – O reconhecimento intelectual

Como parte de algo que não se circunscreve apenas à portuária cidade do Rio Grande, nem a sulina unidade administrativa brasileira, ganhando até o mundo, Revocata obteve amplo reconhecimento de sua ação como intelectual e como militante da causa feminina. Tal constatação pode ser observada a partir de várias referências bibliográficas feitas ao seu respeito, tanto na época em que ainda era viva, quanto, principalmente, após a sua morte. Exemplos deste reconhecimento podem ser verificados a partir do estudo de alguns dicionários, levantamentos de autores e similares, coletâneas, obras sobre as mulheres e abordagens específicas acerca da imprensa literária e/ou feminina.

## 2.1 – Dicionários, arrolamentos de autores e similares

Em termos de dicionários, levantamento de autores e trabalhos similares, existem diversos que ressaltam a formação intelectual brasileira e sul-rio-grandense. Na maior parte, há uma ampla predominância da escrita masculina, e mesmo casos até de negligência para com a escrita feminina, mas há outros que garantem espaço para as prosadoras e poetisas atuantes, como foi o caso de Revocata de Melo.

Augusto Victorino Alves Sacramento Blake, biógrafo, historiador e poeta é responsável por um dos mais conhecidos dicionários brasileiros voltados à biografia, o *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Na abertura, o autor adverte que não tinha em vista estudar o desenvolvimento que vinham tendo «as letras no Brasil», esclarecendo que seu trabalho era «propriamente bibliográfico». Ainda assim, Blake ressalta que não poderia «deixar de dar algumas notícias biográficas relativamente a cada escritor», vindo a guardar «nesta parte uma certa concisão, porque, de outra sorte, teria de dar à empresa uma amplidão, que não se coaduna com a natureza dela» (BLAKE, 1883, v. 1, p. XVII e XVIII).

No *Dicionário bibliográfico brasileiro*, Revocata é apresentada como «distinta cultora das letras e espírito superior». É citado o artigo do filólogo Júlio Ribeiro, no jornal *Correio de Santos*, em «número a ela especialmente consagrado», no qual aparece o destaque de que ela «soube quebrar as prisões estreitas com que nós procuramos conter as aspirações feminis, e fez voar seu nome dos pampas do Rio Grande do Sul às florestas do Amazonas». Por Blake são enumeradas as obras *Folhas errantes* – identificada como «fantasias em prosa», o drama *Coração de mãe e Mário*, que ele diz não ter visto. Ganhava relevo também a sua colaboração em vários periódicos, como *A Grinalda e Pátria Ilustrada*, de Buenos Aires, além do seu papel de redatora no *Diário de Pelotas* e no *Corimbo* (BLAKE, 1902, v. 7, p. 128).

Luís Corrêa de Melo, escritor e jornalista redige o livro *Subsídios para um dicionário dos intelectuais rio-grandenses*, o qual pretende abordar o «vasto panorama mental» gaúcho, uma vez que o Rio Grande do Sul apresenta um rol de «grandes poetas e escritores», de modo que se torna necessário «admirar a fertilidade do seu solo fecundo em homens e

ideias». O livro se refere à Revocata como nascida no Rio Grande e como «uma das primeiras poetisas do Rio Grande do Sul». Ainda sobre a escritora, tal dicionário afirma que «seus versos saturados de romanticismo, revelam um estro superior, onde inspiração e sensibilidade se fundem admiravelmente». Ela é ainda descrita como «espírito superior», irmã de Julieta e diretora do *Corimbo*, tendo publicado *Folhas errantes*, *Coração de mãe e Mário* (MELO, 1944, p. 7, 111).

Também quanto ao âmbito gaúcho, Walter Spalding, historiador, bibliotecário e jornalista, escreve «Itinerário da literatura sul-rio-grandense», trabalho publicado na *Encyclopédia Rio-Grandense*, com o objetivo de traçar um breve histórico da evolução literária gaúcha, centrando a abordagem nos escritores que atuam no contexto rio-grandense (SPALDING, 1956, p. 191-193). Este trabalho tem uma continuidade no volume seguinte daquela *Encyclopédia*, com o título «Itinerário da literatura» (1900-1957). Em tal «Itinerário», Revocata de Melo é apresentada como «professora, jornalista, oradora e poetisa», bem como «a primeira mulher no Brasil que subiu à tribuna da maçonaria». Ainda aparecem como destaque a fundação e direção «por longos anos» do semanário *Corimbo*, «auxiliada por sua irmã Julieta». Também é informado que ela «escreveu, além de inspiradas poesias que nunca reuniu em volume, dramas e comédias, algumas de colaboração com a sua referida irmã». Finalmente, é destacado que a autora «em prosa publicou *Folhas errantes* e *Berilos*» (SPALDING, 1957, p. 277).

Vários levantamentos bibliográficos são organizados pelo pesquisador, dicionarista e enciclopedista José Galante de Sousa. Um deles é *O teatro no Brasil*, cujo primeiro tomo refere-se à evolução do teatro no Brasil e o segundo constitui uma relação de subsídios para uma bibliografia do teatro no Brasil. Assim, seus objetivos são elaborar «uma síntese histórico-evolutiva do teatro no Brasil», e organizar «uns subsídios para a bibliografia do teatro no Brasil», pretendendo realizar um trabalho «substantialmente informativo», considerando que, «antes da crítica», está «a informação exata». Neste sentido, na segunda parte de sua obra, Galante de Sousa esclarece que «subsídios é bem a denominação que cabe às notas bibliográficas reunidas», buscando apresentar «alguns elementos que possam servir para uma futura» organização «de um dicionário biobibliográfico» (SOUZA, 1960, t. 1, p. 7-8; t. 2, p. 3). Outro levantamento realizado pelo mesmo autor é o *Índice de biobibliografia brasileira*, cuja meta é a realização de «um índice geral remissivo, que alcance o maior

número possível de trabalhos biobibliográficos», buscando sistematizar tais dados (SOUSA, 1963, p. 5).

Nos «subsídios bibliográficos» sobre o teatro brasileiro de José Galante de Sousa, as informações sobre Revocata Heloísa de Melo são sucintas, limitando-se a indicar o seu local de nascimento (erradamente como Rio Grande) e a sua colaboração «em vários periódicos do seu Estado natal», tendo usado o pseudônimo de Sibila, escrevendo com a irmã os dramas *Mário* e *Coração de mãe* (SOUSA, 1960, t. 2, p. 348). Já no *Índice de biobibliografia brasileira*, aparece a referência de alguns dos trabalhos biográficos e bibliográficos na qual a escritora sul-rio-grandense é citada (SOUSA, 1963, p. 269).

O escritor, jornalista, crítico literário e historiador Raimundo de Menezes, escreveu o *Dicionário literário brasileiro ilustrado*, trazendo como uma de suas metas a supressão de uma lacuna de uma «fonte de referência fácil e acessível», bem como «dados biobibliográficos concernentes aos nossos escritores antigos e contemporâneos». O autor esclarece ainda que tenta «oferecer ao público leitor uma obra autêntica, isenta, tanto quanto possível, de falhas, omissões, lapsos e dúvidas» (MENEZES, 1969, v. 1, p. II e XV-XVI).

Em tal *Dicionário ilustrado*, é apresentado o pseudônimo de Revocata – Sibila – e apontado o seu local de nascimento como a cidade do Rio Grande, afirmando ainda ser ela irmã da poetisa Julieta Monteiro. Quanto às atividades de Revocata são citadas a fundação do *Corimbo* e a colaboração «na *Revista do Partenon* e noutras revistas e jornais gaúchos», além da indicação de seu falecimento na localidade do Rio Grande. No que tange às suas obras, são destacadas *Folhas errantes*, identificada como versos, e *Coração de mãe* e *Mário*, como dramas em colaboração com a irmã Julieta (MENEZES, 1969, v. 3, p. 814).

Levando em conta o contexto gaúcho, o livro *Notas de bibliografia sul-rio-grandense* é publicado em 1974 pelo estudioso Pedro Leite Villas-Bôas que, mesmo autodidata, teve significativo reconhecimento no meio intelectual de sua época. Ele constitui até hoje um livro de consulta básica na busca de dados biográficos acerca da intelectualidade gaúcha. A publicação é apresentada como aquela que indica «o que existe, o que foi escrito e publicado, autor por autor», chegando às minúcias, tratando-se de uma «obra de fôlego, de paciente pesquisa, de constante busca por todos os recantos» a respeito dos escritores rio-grandenses (VILLAS-BÔAS, 1974, p. 13).

Nestas *Notas*, Revocata é apresentada como «poetisa, jornalista, teatróloga e educadora», com a indicação dos locais de nascimento e morte, como Porto Alegre e Rio Grande e o pseudônimo Sibila. As suas obras citadas são o conto *O solitário do mirante*, as fantasias em prosa *Folhas errantes*, a prosa *Berilos* e o drama escrito em parceria com a irmã *Coração de mãe*, sobre o qual aparece a informação de que foi representado no Grêmio Dramático Damasceno Vieira, em Triunfo. Finalmente o autor traz o seguinte apontamento: «consta que ficaram inéditos vários dramas, alguns escritos em parceria com sua irmã Julieta» (VILLAS-BÔAS, 1974, p. 313).

Mais tarde, as pesquisas de Villas-Bôas dão origem ao *Dicionário bibliográfico gaúcho*, apresentado como uma coleta de «informações preciosas», originada de um «devotado trabalho de anotações sistemáticas» que perdurou por décadas, servindo para desvelar «o processo de produção intelectual do Rio Grande do Sul, indelevelmente marcado por identidade regional». A base da publicação é identificada pela preocupação «com a informação pormenorizada e verídica», e ela é definida como uma versão atualizada do livro publicado pelo autor em 1974. Neste *Dicionário*, as informações sobre Revocata de Melo são bastante similares ao livro anterior, com o acréscimo da fundação do jornal literário *Corimbo* e da filiação ao Partenon Literário. Quanto à atuação da escritora, ela é apresentada como «contista, poetisa, jornalista, educadora e teatróloga» (VILLAS-BÔAS, 1991, p. 5 e 152-153).

*História da inteligência brasileira* constitui um importante trabalho sobre a formação intelectual do Brasil, no qual os temas atinentes à literatura são relevantes no conjunto da obra, notadamente tendo em vista a ação profissional do autor, Wilson Martins, que atua na área, como professor no contexto nacional e internacional e como crítico literário. Tal *História* estabelece a meta de ser «um amplo e minucioso panorama das atividades intelectuais no Brasil, do século XVI à atualidade» e foi anunciada como uma «obra verdadeiramente ímpar pela sua amplitude e riqueza de informações, bem como pela justeza dos seus enfoques críticos e interpretativos». O autor pretende, assim, estudar «as estruturas do pensamento brasileiro», visando a «pôr em evidência as relações profundas que entrelaçam, a cada momento histórico, todas as atividades em que se empregou a inteligência humana», inclusive e notadamente no que tange à literatura. Em tal livro há uma brevíssima referência à Revocata,

como autora das «fantasias em prosa» *Folhas errantes* (MARTINS, 1977, v. 1; v. 4, p. 117).

A bibliotecária, especialista em levantamentos bibliográficos, Celuta Moreira Gomes escreve *O conto brasileiro e sua crítica* que constitui um arrolamento abrangendo livros envolvendo tal gênero e publicados entre 1841 e 1974, propondo-se a trazer a referência bibliográfica acerca da crítica do conto em questão. O objetivo fundamental do livro é «inventariar o conto literário propriamente dito». Da obra de Revocata Heloísa de Melo é citado *Folhas errantes*, categorizado como «divagações e contos» e *Berilos*, juntamente com Julieta Monteiro. A referência quanto à crítica é a do livro *História da literatura do Rio Grande do Sul*, do pesquisador Guilhermino Cesar (GOMES, 1977, v. 1, p. XIX-XX; v. 2, p. 324).

Outro dicionário biobibliográfico sobre a intelectualidade gaúcha foi publicado pelo crítico literário, poeta e teatrólogo Ari Martins, sob o título *Escritores do Rio Grande do Sul*, um copioso levantamento de autores sulinos. Uma das principais características pelas quais tal livro foi apresentado está ligada à «riqueza de dados informativos», bem como à «meticulosidade do autor em registrá-los». Ainda é destacado «que o autor conferiu certa ênfase à formação cultural do biografado», servindo tais informações para a elaboração de dissertações e teses universitárias e para que os genealogistas pudessem dispor «de preciosas achegas nos registos de parentesco constantes nos verbetes», constituindo, portanto, uma obra de referência (MARTINS, 1978, p. 11-13).

Neste livro de Ari Martins, o verbete destinado à Revocata Heloísa de Melo informa Porto Alegre e Rio Grande como os locais de nascimento e morte, e identifica seus pais como João Gomes de Melo e Revocata dos Passos Figueiroa de Melo. A escritora é apresentada como «professora por muitos anos no Rio Grande, redatora do *Diário de Pelotas*, cofundadora e codiretora da revista literária *Corimbo*», além de «poetisa, prosadora e teatróloga». Dentre suas obras são citadas *Coração de mãe* e *Mário*, dramas em parceria com a irmã Julieta, *Folhas errantes*, *Berilos* e *Grinalda de noiva*, além de outros contos, crônicas e colaborações em vários periódicos (MARTINS, 1978, p. 362).

O levantamento de autores também ocorre na cidade do Rio Grande, a partir do trabalho do biógrafo e genealogista Décio Vignoli das Neves que escreve *Vultos do Rio Grande* voltado principalmente aos escritores locais, em seu segundo tomo. O livro busca apresentar «o histórico da fundação da Academia Rio-Grandina de Letras, bem como traça a biografia dos seus

quarenta patronos», lista que é «acrescida de mais alguns rio-grandinos que muito mereceriam serem patronos, mas ficaram esquecidos» (NEVES, 1987, p. 26, 131).

Décio Neves informa que Revocata é patrona da Academia Rio-Grandina de Letras, identifica o local de seu nascimento e o da sua morte e sua ascendência genealógica, descreve sua vida familiar, sua participação no *Diário de Pelotas* e o seu papel na execução do *Corimbo* e junto do Clube Beneficente de Senhoras. O autor lembra as homenagens que Revocata de Melo recebera de parte da maçonaria, notadamente por ocasião de seu funeral. Quanto à atuação profissional da escritora gaúcha, Neves enfatiza que ela, «além de jornalista reconhecida tanto no Brasil como no estrangeiro, foi, outrossim, professora no Rio Grande, bem como inspirada poetisa, cronista, conferencista, teatróloga e inflamada oradora». O autor ainda cita dois sonetos de Revocata, «*Vida Nova*» e «*Carta querida*» e aponta como fazendo parte de sua bibliografia: *Folhas errantes*, *Coração de mãe*, *Berilos*, *Grinalda de noiva* e *Mário* (NEVES, 1987, p. 168-170).

Uma importante obra a abordar a formação literária gaúcha, sem deixar de arrolar alguns autores, é a escrita pelo professor universitário, crítico literário e historiador Guilhermino Cesar, intitulada *História da literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)*. Ao elaborar seu livro, o autor destaca que adotou por parâmetro essencial «o método histórico-literário», por considerá-lo «o mais adequado» às suas «limitações e até o mais construtivo». Ao empregar tal método, Cesar destaca que não pretende prender-se aos «valores estéticos frios» e sim verificar a «motivação psicológica» e o «resultante cultural» das manifestações literárias. O historiógrafo também estabelece o objetivo de enfatizar a importância da literatura gaúcha, diante da «comissão da historiografia nacional» em relação à mesma, visando a ressaltar o significado «do Rio Grande dentro do processo cultural brasileiro» (CESAR, 2006, p. 19-21).

A presença de Revocata Heloísa de Melo no livro de Guilhermino Cesar se dá de uma forma associada à sua irmã Julieta, tanto que o autor afirma que ambas se ligaram «de tal modo que entre a obra de uma e de outra existe a mais completa identidade». Cesar destaca a ação de Revocata como na poesia, no teatro e no conto e traça uma breve biografia, informando que ela nascera e morrera no Rio Grande e «manteve durante muitos anos em sua cidade natal o *Corimbo*», além de ter publicado *Folhas errantes* (CESAR, 2006, p. 285, 313).

A *Enciclopédia de literatura brasileira*, dirigida pelo professor universitário, ensaísta e crítico literário Afrânio Coutinho e pelo já citado José Galante de Sousa é realizada no sentido de sistematizar as informações sobre a formação literária nacional, notadamente a partir da «coleta de informações em obras de referência, especialmente antologias, e inúmeros periódicos». O verbete acerca de Revocata de Melo apresenta-a como «poeta, teatróloga, professora e jornalista», tendo nascido em Porto Alegre e falecido no Rio Grande e utilizando-se de Sibila como pseudônimo. Suas obras citadas são *Folhas errantes* – fantasia em prosa, *Berilos* – prosa, e *Coração de mãe e Mário* – dramas em parceria com Julieta Monteiro, além de indicar que ela colaborou em diversos periódicos (COUTINHO; SOUSA, 2001, p. IX e 1048).

Com formação em Arte Dramática e Letras, o escritor e dramaturgo Antenor Fischer publicou *Dicionário de autores da literatura dramática do Rio Grande do Sul*, cujos objetivos são possibilitar «a ampliação da quantidade de gêneros passíveis de análise, em futuros estudos temáticos da nossa literatura», proporcionar «a visualização da expressividade da dramaturgia gaúcha» e contribuir «para a 'desmistificação' da crença de que o Rio Grande do Sul não possui autores teatrais e nem uma literatura dramática que mereça ser considerada» (FISCHER, 2014, p. 8 e 347).

Neste *Dicionário* há um verbete destinado a Revocata de Melo, apresentando Porto Alegre e Rio Grande como seus locais de nascimento e morte. Sua ação é indicada como «educadora, escritora, jornalista, poeta e dramaturga», tendo colaborado em vários periódicos gaúchos e sido membro da Sociedade Partenon Literário. A escritora é apresentada como fundadora ao lado da irmã do *Corimbo*, sendo apontado erroneamente o mesmo para *O Escrínio*. De acordo com os interesses da obra, são destacados como de autoria das irmãs Melo *Coração de mãe*, *Mário* e *Grinalda de noiva* (FISCHER, 2014, p. 190).

## 2.2 – Coletâneas

Outra forma de registro da intelectualidade no âmbito nacional e regional é a organização de coletâneas. Em geral apresentam algum dado biográfico sobre os autores destacados e remetem ou transcrevem

um exemplo ou um conjunto de textos do biografado. Normalmente em tais antologias há uma predileção pela transcrição, sem maiores preocupações com a biografia, mas ainda assim demarcam sua relevância, pois, por vezes, conseguem trazer ao público composições inéditas. Em diversas coletâneas se dá a presença de Revocata.

*Sonoras* é o título de uma coletânea organizada no início dos anos 1890, pelos escritores e jornalistas sul-rio-grandenses Francisco de Paula Pires, C. Bandeira Renault e Antônio J. Ferreira de Campos. Ela visa reunir e compilar «poesias de diversos autores nacionais», com destaque para os gaúchos e os fundos provenientes de sua venda deveriam reverter «em benefício da Biblioteca Pública Pelotense». Os organizadores da obra apresentam-na «Ao leitor», esclarecendo que pretendem «ser úteis» àquela biblioteca e juntar «em um volume essas belas composições que andavam dispersas por grande número de jornais e que, com trabalho e consciência, compilamos» (PIRES *et al.*, 1891, p. 2, 5).

Em tal coletânea fica marcada a presença feminina, a qual é representada com aproximadamente vinte por cento dos trabalhos apresentados. As irmãs Melo desempenham um papel importante, pois Julieta tem a primazia de apresentar a poesia de abertura e Revocata, a de fechamento, além de outros versos. Assim, em *Sonoras*, Revocata de Melo publica quatro poemas: «À mocidade do Congresso Português D. Luiz I», «À mocidade», «Saudosa» e «Este livro» (PIRES *et al.*, 1891, p. 144, 150, 190, 257).

O primeiro poema publicado por Revocata na antologia intitulada *Sonoras* é o soneto «À mocidade do Congresso Português D. Luiz I». Ainda que seja uma homenagem à história portuguesa e à juventude lusitana e também aos jovens membros da colônia lusa presente no Brasil, como era o caso daquela na cidade do Rio Grande, há certos indícios de uma simpatia pela forma monárquica, ou, ao menos pela dinastia de Bragança, que fora exilada do Brasil dois anos antes:

Oh mocidade ardente e esperançosa  
Incansável obreira do porvir,  
Deixai que nesta data gloriosa  
Junto a vós eu também me faça ouvir:

Deixai que nos arroubos de uma ideia  
De amor à liberdade, ao luso povo,  
Relembre de *Bragança* aura epopeia  
Exemplo de valor ao mundo novo.

Junto a vós que lembrais essa vitória  
Que deixou mil lauréis à pátria história,  
E ao marco – progredir – hoje a conduz.

Eu quero em expansões francas, ardentes,  
A memória saudar desses valentes  
Que à treva da opressão mostraram luz!

Os outros versos, intitulados «À mocidade», são uma invocação aos jovens, traduzindo as esperanças no porvir, a partir das novas gerações. Revelando nuances liberais, o poema conclama por uma luta contra o «despotismo cruel» que bem poderia ser uma exortação ao combate contra o castilhismo, cujo poder avança pelo Rio Grande do Sul:

Vinde, pois, à grande luta  
Oh! mocidade que exulta,  
Banhando o século de luz!  
Vinde armar as vossas tendas  
Nas gentis, formosas sendas,  
Que ao futuro nos conduz.

Dai curso às nobres ideias,  
Levando-as como epopeias  
Às modernas gerações;  
Fazei nascer para os povos  
Nas ciências mundos novos,  
Traduzindo evoluções.

Lavando a nódoa nefanda,  
Horrível, negra, execranda,  
Do despotismo cruel,  
Sede a horda audaz, pujante  
Que avança firme, possante,  
Livre de escudo ou broquel!

Já em «Saudosa», Revocata de Melo apresenta um soneto que incorre pela abordagem sentimental nas relações a dois, trazendo as mágoas e as desilusões originadas do esquecimento e das promessas vãs, culminando com os desalentos da separação:

É noite, na alcova tristonha, isolada  
Quem sabe dos sonhos que alento a pensar?

Os lábios, baixinho, qual prece sagrada  
Murmuram seu nome querido, sem par.

Os olhos se fitam às vezes chorosos  
Num doce retrato de olhar cismador,  
E então, à minha alma nuns véus luminosos  
Teu vulto aparece visão deste amor!

E tu, tão distante, por sobre outros mares,  
Talvez não te lembre tão agros pesares,  
Talvez que nesta hora te esqueças de mim...

Eu sei, as promessas também desfalecem,  
Também os afetos de amor emurchecem  
E a ausência quebranta venturas sem fim.

Finalmente, Revocata encerra o livro *Sonoras*, trazendo exatamente o fechamento para a obra, ao apresentar o soneto «Este livro», valorizando a publicação como uma preciosidade, mas revelando modéstia, por não se considerar à altura de realizar o arremate da mesma:

Este escrínio de pedras preciosas  
Trabalhos de um labor aprimorado,  
A rescender o aroma delicado  
De um ramalhete de nevadas rosas;

Este cofre de gemas valiosas  
Que a benfazejas mãos é destinado,  
Para colher o óbolo consagrado  
Ao templo das ideias luminosas;

Não parece guardar tanta riqueza,  
Encerrar talismãs, joias e flores,  
Tesouros de magia e de beleza;

Tem a fechá-lo tosca, sem lavoress,  
Verdadeiro objeto de pobreza,  
Feia chave, sem arte, sem valores.

Também no formato de coletânea de poemas, o professor, crítico e historiador Laudelino Freire organiza a obra *Sonetos brasileiros (século XVII-XX)*, reunindo versos de quinhentos sonetistas nacionais, acompanhados de pequenos verbetes sobre os respectivos autores. O organizador da publicação pretende reunir de cada autor «a melhor produção

do gênero, seguida do respectivo retrato e de ligeiras notas biográficas». Freire afirma também que seu livro poderia ser «o repositório de todos os frutos peregrinos do talento e da imaginação dos vates brasileiros», ou, pelo menos, uma «obra capaz de palear o brilho e a excelência, o vigor e a exuberância da poesia nacional» (FREIRE, 1913, p. 2, 5).



Figura 1

Na antologia aparecem apenas vinte e seis representantes do sexo feminino, ou seja, aproximadamente cinco por cento e, dentre elas, está a presença de Revocada de Melo, destacada através de retrato (**Figura 1**) e pelo breve traço biográfico, de ser nascida na cidade de Porto Alegre e «ter inúmeras poesias avulsas» (FREIRE, 1913, p. 138). O soneto de sua lavra em destaque tem por título «A uma carta», associando a imagem da missiva com a passagem do tempo e as desilusões amorosas:

Bom tempo! se a saudade, em dor intensa,  
Abria com a lâmina afiada  
Uma ferida gotejante, imensa,  
Na minha alma febril, dilacerada!

Eu te relia, oh carta idolatrada,  
Palavra por palavra; em doce crença,  
Soavas ao coração, pura afnada,  
Qual voz de uma harpa, sedutora, extensa.

Hoje, porém, as letras desmaiadas,  
De tanta vez que te aconcheguei ao peito,  
Que te apertei entre as mãos frias, geladas.

És múmia de um sonho já desfeito,  
Pois a ausência matou flores rosadas,  
Meu coração à dor hoje é afeito!

As professoras de língua portuguesa Guilhermina Krug e Nelly Rezende de Carvalho realizam a compilação que dá origem ao livro *Letras rio-grandenses*. A ideia das organizadoras é a de oferecer «uma coletânea sobre literatura rio-grandense que permitisse aos professores fazê-la mais conhecida e mais prezada no nosso meio escolar», além de prestar seu «pequeno concurso na divulgação das letras gaúchas». Quanto à Revocata é elaborada uma pequena nota, apresentando-a como «poetisa e prosadora de linguagem expressiva e atraente», tendo publicado *Folhas errantes* e *Coração de mãe*. Ainda aparece como destaque a fundação do *Corimbo*, «órgão literário da cidade do Rio Grande». O soneto selecionado é «Vida nova», uma versão modificada de outro que Revocata de Melo havia publicado no *Tudo*, em 1919, sob o título «Coração moribundo» (KRUG; CARVALHO, 1935, p. 5, 173).

Ainda no que tange às antologias, o jornalista, biógrafo e conferencista Antônio Carlos Machado publica a *Coletânea de poetas sul-rio-grandenses (1834-1951)*. Ao apresentar seu trabalho, o autor afirma que «a presente coletânea constitui uma pequena, mas expressiva amostra do opulento parnaso rio-grandense, tão ignorado pelos leitores e críticos patrícios», bem como, «com raras exceções, sistematicamente excluído das antologias oficiais». Nesta publicação, Revocata é apresentada como natural da cidade do Rio Grande, onde funda o *Corimbo*, com a sua irmã Julieta, além de ter colaborado em vários periódicos. Suas obras citadas são: *Folhas errantes*, *Coração de mãe* e *Mário*. O poema da autora selecionado chama-se «O apóstolo da liberdade» e, apesar de pequena discrepância quanto ao título, é o mesmo editado nas páginas do *Margato*, em homenagem a Gaspar Silveira Martins (MACHADO, 1952, p. 14, 185).

Bem mais tarde, outra antologia denominada *Rio Grande nos versos dos poetas* traz poemas da autoria de Revocata. Organizada pelo escritor, jornalista e médico Sued de Oliveira Rodrigues, a coletânea tem «o intuito de oferecer à comunidade rio-grandina e sul-rio-grandense uma coleção de 150 poemas dos mais diversos autores sobre a nossa terra». Na abertura da obra, fica definido que o «livro dedica-se basicamente, no stricto sensu, a poesias sobre a cidade do Rio Grande, seus filhos, suas entidades e suas atividades». São poetas de várias épocas, a maior

parte deles contemporâneos à edição, cujos trabalhos versando sobre o Rio Grande encontram-se coletados. Aparecem autores do século XIX e primeiras décadas do seguinte, como é o caso de Revocata Heloísa de Melo que está representada por três poemas, um de título «Silva Paes» e outros dois com a mesma denominação – «Rio Grande» (RODRIGUES, 1989, p. 1, 11).

Os dois primeiros, «Silva Paes» e «Rio Grande» são poemas encomiásticos, alusivos ao fundador e à própria cidade do Rio Grande. A coletânea informa que no caso de ambos se trata de uma publicação original de 1935, editada no *Tudo Rio-Grandino*. Tal data indica que faz parte das comemorações do centenário da elevação do Rio Grande à condição de cidade. No primeiro, um soneto, é manifestado o desejo de que o personagem homenageado venha a ser imortalizado em forma de monumento estatuário, o que se confirmará pouco depois, bem como de que ele servisse como um exemplo cívico às novas gerações. O segundo busca enaltecer aspectos da história e da geografia rio-grandina. Já o terceiro, é um poema de circunstância, transcrito do periódico rio-grandino *O Tempo* (RODRIGUES, 1989, p. 1, 11, 57, 59, 69). Os poemas «Silva Paes» e «Rio Grande» trazem respectivamente os seguintes versos:

Ergamos a ele, que vive, que fala  
Na alma incendiada do bravo torrão.  
A estátua, a coluna que o tempo não cala  
E mostra aos vindouros real tradição;

Que sejam os moços, que a dor não abala,  
Leves pioneiros do grande padrão!  
Levantem o marco a glória trescala  
Do feito a encher-nos de vivo clarão;

Levantem o preito que a alma reclama,  
Que fique indelével na terra sulina  
De Paes a memória que ao alto domina

Depois do civismo que é áureo, que é flama  
De toda a grandeza que o homem produz,  
É belo que surjam mais raios de luz!

Terra de luz, audaz, de farroupilha!  
Implantada na gleba da coxilha,  
Na gleba dos centauros da legenda,  
Onde o bravo sevê, de tenda em tenda

Arvorando o pendão da liberdade  
 Nesse incontido sonho de igualdade!...  
 Terra vencendo as mais, nessa grandeza  
 De seres deste Sul a fortaleza;

Sempre ereta, possante, sobranceira  
 Calma, serena, sim; porém guerreira  
 Se aclara os ares da peleja a flama  
 E o coração da pátria aos filhos chama!...  
 Grande és no nome e grande no roteiro;  
 Escancaras a boca ao mar certeiro  
 És herdeira de glórias, tens eleitos!  
 Tem tua história, de heroísmo os feitos!

A Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul publica a coleção *50 anos de literatura: perfil das patronas*, «em homenagem a essas admiráveis mulheres» que lhe serviram como patronas, notabilizando-se «pela afirmação do feminino como expressão positiva da sociedade moderna». Dentre as homenageadas, o texto referente à Revocata fica a encargo da escritora e jornalista Lydia Mombelli da Fonseca que aponta as incertezas quanto à data de nascimento da patrona, ressaltando sua ação «para o enriquecimento de nossas letras e de nossa poesia», na «batalha das justas causas», na «luta pelo abolicionismo» e na «conquista dos grandes ideais». É dada ênfase à atuação de Revocata de Melo em prol da abolição e à frente do «jornalzinho *Corimbo*», às suas ligações familiares, às instituições a que pertenceu e às obras publicadas – *Folhas errantes*, *Berilos* e *Coração de mãe*, além dos inéditos *Marinhas* e *Missal de Ternura*. O poema selecionado é um preito à maternidade, com um soneto intitulado «Mães» (FONSECA, 1993, p. 63-65):

Mães, doces mães, sublimes criaturas  
 Que dão vida, carinho, luz, amor,  
 Mensageiras de Deus nas desventuras,  
 Nas dores consolando com fervor.

São divinas, calando as amarguras  
 Transformando-as em risos de fulgor,  
 Acalentando os filhos nas ternuras  
 Que o coração lhes diz com tanto ardor.

Mães, fiamdeiras de um amor sem nome,  
 De um amor que a desgraça não consome  
 E à noite não consegue deslembra-

Não há pincel de mestre ou lira de ouro  
Que possa retratar todo o tesouro  
Que a alma das mães desprene no seu lar.

*Escritoras brasileiras do século XIX* é uma antologia organizada a partir da «constatação de uma ausência e de um esquecimento» daquelas escritoras as quais não se encontram «presentes nas histórias da literatura e em muitos dicionários», de modo que a coletânea é realizada «com o intuito de reverter tal situação, contextualizar, criticar e fazer circular uma produção que permanece desconhecida». O livro é organizado pela professora universitária e estudiosa do feminismo Zahidé Lupinacci Muzart, e o tópico a respeito de Revocata é da lavra da pesquisadora e professora universitária Rita Terezinha Schimidt, que descreve suas relações familiares e sua ação literária, notadamente à frente do *Corimbo* (SCHIMIDT, 2000, p. 892).

Rita Schimidt afirma que «o ambiente familiar foi responsável, em grande parte, pela predisposição às letras» de Revocata. A escritora gaúcha é descrita ainda como «uma mulher de índole romântica, de personalidade forte e de atuação combativa marcante em termos de luta por ideias em que acreditava, num contexto marcado por acirradas polarizações e preconceitos». A atuação de Revocata de Melo ao lado dos ideais abolicionista e federalista são enfatizados, bem como a influência maçônica em seu pensamento. Há uma especial atenção para com as obras de Revocata, com análise específicas acerca de *Folhas errantes* e *Berilos* (SCHIMIDT, 2000, p. 892-897).

Os trabalhos coletados da autora rio-grandense são os poemas «O apóstolo da liberdade» e «Vida nova», publicados originalmente junto à imprensa e também transcritos em outras antologias; e o conto «A confissão», extraído do livro *Berilos*. Aparece ainda «A liberdade de imprensa», um enaltecimento ao livre direito de expressão do pensamento. O texto se constitui numa reação contra «a torpe ambição de mando» que amordaça «a poderosa voz da razão e da verdade» e uma luta em nome daqueles que ser viram «agrilhoados ao poste infamante da mais vil das iniquidades, a reclusão do pensamento». No artigo citado, Revocata demarca que, em uma época na qual «a luz percursora do progresso e da civilização» devia predominar, era inaceitável «coartar a imprensa», em clara alusão ao autoritarismo típico do regime castilhista (SCHIMIDT, 2000, p. 899-902).

A obra *Narradores do Partenon Literário* constitui uma antologia coordenada por Maria Eunice Moreira, professora universitária e pesquisadora

da literatura, notadamente a gaúcha. Tal livro apresenta por meta a de «sanar uma lacuna», pois, «ao mesmo tempo que coloca à disposição do professor ou especialista uma seleção da produção ficcional do grupo do Partenon Literário», traz ainda a possibilidade do «conhecimento dos primórdios dessa literatura a novos leitores e interessados». A coordenadora explica que, «apesar da importância deste material para o conhecimento das letras rio-grandenses e para a manutenção da memória dos gaúchos», o acesso aos mesmos permanecia difícil ou inviável, daí a organização da antologia (MOREIRA, 2002, p. 12).

Nesta coletânea, Revocata de Melo é apresentada como «fundadora e diretora do jornal *Corimbo* e filiada à Sociedade Partenon Literário», atuando como «jornalista, teatróloga e educadora». É também indicado o seu pseudônimo de Sibila e *Folha errante* e *Coração de mãe*, como «suas principais obras». O texto de Revocata contido na antologia é o conto «O solitário do mirante», que além de ter sido publicado na *Revista do Partenon Literário*, foi incorporado também ao livro *Folhas errantes* (MOREIRA, 2002, p. 173-179, 182).

O jornalista e escritor Luiz Rufatto publica uma antologia sobre as 25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira. Ainda que a temática seja a literatura contemporânea, o autor apresenta um capítulo inicial intitulado «Mulheres: contribuição para a história literária», no qual faz um breve apanhando sobre escrita feminina no Brasil nos séculos XIX e XX. Entre as várias escritoras citadas, há a referência pela qual «dignas de destaque são as irmãs gaúchas Revocata de Melo e Julieta de Melo Monteiro, contistas, poetas e educadoras», com ênfase para a ação, como jornalistas e editoras, na «revista feminina *Corimbo*, em cujas páginas brilharam vários nomes e pseudônimos femininos pertencentes a alguns Estados da Federação» (RUFATTO, 2004, p. 7, 12-13).

## **2.3 – Estudos sobre as mulheres, o feminino e o feminismo**

Os estudos acerca do feminino se acentuam no contexto brasileiro e sul-rio-grandense e até internacional na virada do século XIX para o seguinte, quando a mulher passa a ser objeto de pesquisa ou mesmo sujeito

da mesma, assumindo as mulheres também o papel de pesquisadoras. São obras como dicionários e livros a respeito do feminino e/ou do feminismo que ganharam terreno notadamente nas últimas décadas. Muitos destes trabalhos fazem referência à ação de Revocata de Melo.

Andradina de Oliveira, professora, biógrafa, teatróloga e militante na imprensa feminina gaúcha, escreve *A mulher rio-grandense – escritoras mortas*, que seria a «primeira série» de um projeto editorial mais amplo com o objetivo de «escrever algo sobre as filhas do Rio Grande do Sul», de maneira a «tornar conhecida a atividade feminina neste extremo-sul da nossa pátria», realizando uma «homenagem à mulher e ao Rio Grande do Sul». Como a proposta se direciona a trabalhar com escritoras já falecidas, a presença de Revocata se dá no capítulo destinado à sua mãe, a qual dera «educação moral e intelectual» às duas «adoradas filhas» – as irmãs Melo – consideradas como «herdeiras da rútila inteligência que as torna, incontestavelmente, duas glórias do Rio Grande do Sul mental» (OLIVEIRA, 1907, p. 7-9, 27).

O poeta e conferencista Leal de Souza reúne algumas de suas palestras proferidas entre 1913 e 1915 e publica-as no livro *A mulher na poesia brasileira*. Os temas abordados pelo autor são o ideal feminino dos poetas, a ação das poetisas brasileiras e várias questões em torno da figura da musa contemporânea. Em síntese, ele busca abordar as imagens criadas acerca do feminino nas obras literárias e destacar algumas representantes do sexo feminino dedicadas à poética. É exatamente no tópico das poetisas brasileiras, no qual destaca vários nomes que o autor faz referência às «irmãs sul-rio-grandenses Julieta e Revocata» como aquelas que «ocupam salientes lugares visíveis entre as líricas que receberam a salutar influência parnasiana» (SOUZA, 1918, p. 5-7, 72).

Maria Lacerda de Moura, escritora, professora e ativista na luta pela emancipação feminina faz de seus livros uma bandeira de luta, como o caso de *Renovação* no qual ela exalta a importância da leitura e da instrução para a luta pelo independentismo da mulher. Segundo a autora, «falta instrução, a mulher continua ignorando, não temos literatura feminina» e «a brasileira não lê, e é preciso que ela saiba que o homem não a libertará», de modo que se torna «necessário que mulher ocupe o lugar que lhe é reservado, de justiça, entre os homens», ou seja, é preciso «que ela tome o seu posto de igual». Desta maneira, Maria Lacerda Moura justifica que seu livro busca «a possibilidade dessa grande *Renovação*». Em tal publicação, há um segmento destinado a destacar as «brasileiras célebres»

e, dentre elas, a autora aponta as «senhoras jornalistas profissionais» que atuam no Rio Grande do Sul, figurando entre os nomes o de Revocata de Melo (MOURA, 1919, p. 2, 16, 76).

A escritora e pedagoga portuguesa, uma das mais importantes personalidades na luta pela emancipação feminina no contexto luso-brasileiro, Ana de Castro Osório, escreve *A grande aliança*, livro no qual aborda a propaganda que realiza no Brasil, em conferências realizadas nas cidades do Rio de Janeiro, Rio Grande, Pelotas, Porto Alegre, Santa Maria, Curiúba e São Paulo. Dentre os temas por ela abordados estão «a mulher de Portugal e do Brasil», palestra na qual ela fala «da mulher em suas altas qualidades, honra e símbolo das nossas pátrias, irmãadas pelo coração e pelo ideal que as faz grandes». De acordo com a autora lusitana, a sua «propaganda desinteressada no Brasil foi feita pela determinação da minha própria vontade, na convicção de cumprir o meu dever de portuguesa», diante de lusos e brasileiros, «irmãados no mesmo grande sentimento de orgulho do passado e aspiração do futuro» (OSÓRIO, 1924, p. 5, 7, 39, 41, 201).

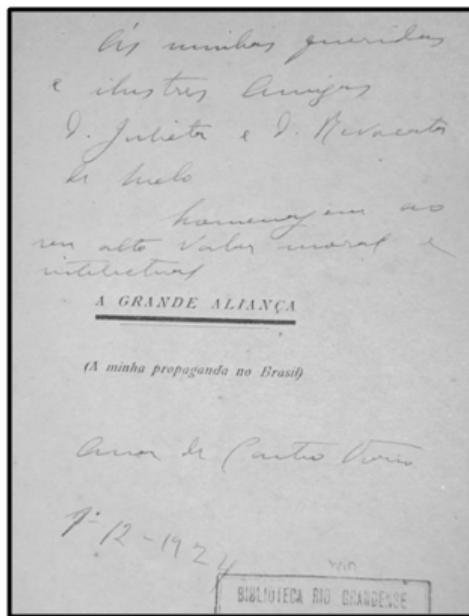


Figura 2

A presença de Ana de Castro Osório em várias cidades gaúchas e, especialmente, na localidade do Rio Grande revela o significado da mesma

no contexto nacional da época. Além disso, tudo indica que houve o contato direto da escritora portuguesa com as irmãs Melo, quando de sua presença no Rio Grande, tanto que o exemplar de *A grande aliança* que faz parte do acervo da Biblioteca Rio-Grandense é exatamente aquele que foi autografado pela feminista lusa dedicando-o às duas irmãs: «Às minhas queridas e ilustres amigas D. Julieta e D. Revocata de Melo, homenagem ao seu alto valor moral e intelectual» (**Figura 2**).

Além de tal deferência, as duas escritoras sul-rio-grandenses recebem significativo destaque nas páginas do livro de Ana Castro Osório:

Desde o Rio Grande ao Amazonas, de polo a polo deste imenso país, quanta mulher que se impõe pelo seu talento, que trabalha e vence na luta intelectual, quantas vezes mais dolorosa e cruel do que as outras! (...)

Propositalmente destacados dois nomes devemos evocar neste momento, pelo que de nobremente belo representam: são os de D. Revocata e D. Julieta de Melo, as senhoras que todo o Rio Grande do Sul respeita e venera como relíquias sagradas.

Poetisas, professoras, jornalistas combativas, as suas mentalidades colocam-nas a par dos mais nobres e dos mais modernos ideais femininos.

Elas são para todas as mulheres brasileiras um belo exemplo de inteligência progressiva.

Ainda há pouco se impuseram por um belo exemplo de civismo, pois ao primeiro «Congresso Brasileiro pelo Progresso Feminino» foram essas duas senhoras, vergadas ao peso de dores, que a vida impiedosamente acarreta a todos os corações generosos, que tomaram a iniciativa de enviar um telegrama, significando o desejo da mulher rio-grandense em trabalhar pela pátria, trabalhando pela elevação e progresso do seu sexo. (OSÓRIO, 1924, p. 58-59)

Mariana Coelho, nascida em Portugal, mas radicada no Brasil, é uma escritora e educadora de ampla dedicação à causa feminista e, dentre suas obras, está *Evolução do feminismo: subsídios para a sua história*. Com seu livro, a autora pretende «contribuir, com uma pequenina e conscienciosa pedra, para a conclusão do majestoso edifício em adiantada construção do ideal feminista», de modo a «ir em auxílio das dignas companheiras de todo o mundo, para que a completa reabilitação do nosso sexo seja um fato em toda a parte», colocando «a mulher no lugar que lhe compete entre a comunidade humana» (COELHO, 1933, p. 4, 11).

Na obra de Mariana Coelho, *Revocata*, ao lado de sua irmã, aparece quando a autora aborda o tema «a mulher nas ciências, nas artes e nas letras»:

Duas intelectuais tão distintas como modestas, são as irmãs Revocata Heloísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro, do Rio Grande do Sul (...).

Além da sua festejada colaboração desde muitos anos em vários órgãos da imprensa, da sua constante e formosa colaboração em poesia e prosa no seu querido *Corimbo*, têm estas dignas intelectuais publicado vários livros em prosa e verso, e têm posto, na sociedade em que vivem e são condignamente respeitadas, o seu valioso préstimo moral e intelectual ao serviço das mais nobres causas – acompanhando e defendendo com firmeza de convicções, todos os ideais modernos e todos os atuais problemas sociais. A modéstia e mais virtudes que exornam a alma nobilíssima destas gentis publicistas – conhecidas até além das fronteiras do seu país, fazem *pendant* com os seus méritos de literatas e educadoras. Na colaboração da sua revista de arte *O Corimbo* brilham vários nomes e pseudônimos femininos pertencentes a alguns Estados da federação; pois que em todos eles, principalmente nos mais evolvidos, o sexo frágil se impõe pela cultura e intelectualidade de muitas senhoras, e pela organização de benficiantes associações femininas. (COELHO, 1933, p. 512-513)

A ação das irmãs Melo é mais uma vez abordada por Mariana Coelho, quando trata da «ação da mulher na imprensa», destacando o papel de ambas na elaboração do *Corimbo* e da continuidade de Revocata, após a morte da irmã:

Distintas jornalistas no Brasil são as irmãs Revocata Heloísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro, rio-grandenses-do-sul, que até 1928 – data em que faleceu a última – dirigiram a linda revista de arte *O Corimbo*, colaborado por boas penas e que, estando atualmente na segunda fase da sua publicação bimensal, há muitos anos o sustentam e conservam sempre na mesma elevação de ideias relativas à arte, à ciência, às letras, aos assuntos sociais da atualidade – como, por exemplo, o progresso do feminismo, que elas muito honram. Desde 1928 é esta revista sustentada com a mesma superioridade de vistas pela primeira jornalista indicada. (COELHO, 1933, p. 541)

A poetisa e funcionária pública Alzira Freitas Tacques elabora o livro *Perfis de musas, poetas e prosadores brasileiros*, com o projeto editorial de dois volumes, o primeiro voltado às mulheres escritoras, ressaltando «poetisas e escritoras de vários estados do Brasil». Neste sentido, a autora se refere às irmãs Melo como «poetisas dotadas de estro fecundo e iluminado» e, especificamente sobre Revocata, afirma que, após a morte da irmã, ela continua «sem esmorecimentos a difundir, entre os adoradores de Erato, os raios de sua peregrina inspiração, através das colunas do *Corimbo*, o jornal que por tanto tempo dirigiu». Também são ressaltados «seus versos plenos de arroubo, altamente aureolados de entusiástico amor às coisas belas da vida», os quais cintilam ainda em vários periódicos, «em autógrafos que são verdadeiras relíquias». Alzira ainda transcreve e faz breve apreciação do poema «Apóstolo da liberdade» e lembra que Revocata teria deixado «publicado o valioso volume de versos a que denominou 'Heptacordium'» (TACQUES, 1956, p. 3, 5, 701-702).

Outro autor que aborda a questão da mulher é Domingos Carvalho da Silva, professor, jornalista e poeta, que escreve *Vozes femininas da poesia brasileira*, com o propósito de estabelecer um ensaio histórico-literário sobre o tema, seguido de uma breve antologia. Ao trabalhar a «época pós-romântica e parnasiana», o autor refere-se às irmãs Melo, lembrando que elas pertenceram «a uma família de mulheres literatas». O ponto básico lembrado por Carvalho da Silva é que Julieta e Revocata publicaram «durante muitos anos, na cidade do Rio Grande, a revista *Corimbo*» (SILVA, 1959, p. 4, 18, 21).

O reconhecimento intelectual da autora em pauta ultrapassa as fronteiras nacionais, estando Revocata presente no *Dicionário mundial de mulheres notáveis*, elaborado pelos escritores e pesquisadores portugueses Américo Lopes de Oliveira e Mário Gonçalves Viana. Ao organizarem o livro, os autores pretendem prestar um serviço «à cultura geral de todo o público leitor luso-brasileiro, especialmente aos estudiosos, sempre desejosos de boas obras de consulta», e ainda mais «ao imenso e cada vez mais culto e mais interessado 'mundo feminino'». Sobre Revocata, tal dicionário descreve-a como «escritora brasileira, natural do Rio Grande do Sul», atuando como «dramaturga e poetisa, tendo escrito poesias que ficaram dispersas por revistas e jornais da época». São destacadas também as suas publicações *Folhas errantes* e *Berilos*, além da ênfase ao fato de que, «com sua irmã Julieta de Melo Monteiro dirigiu o semanário *Corimbo*» (OLIVEIRA; VIANA, 1967, p. 3, 904).

A escritora e advogada Adalzira Bittencourt, ao lançar o *Dicionário biobibliográfico de mulheres ilustres, notáveis e intelectuais do Brasil*, tem o objetivo de «oferecer biografias completas de quantas mulheres já escreveram no Brasil», de modo que «os seus nomes não caíssem no esquecimento e pudessem receber o preito de admiração e encorajamento». Seu projeto não fica completo, pois, «infelizmente, só conseguiu completar os três primeiros volumes, referentes às letras A e B» (HOLLANDA; ARAÚJO, 1993, p. 15). Tal limitação não impede uma referência, ainda que brevíssima, à Revocata de Melo, identificada, ao lado da irmã Julieta, como poetisa gaúcha, no verbete que trata de Amália Figueiroa (BITTENCOURT, 1969, v. 1, p. 12, 40; 1970, v. 2, p. 198).

Em *Mulheres de ontem – Rio de Janeiro, século XIX*, a pesquisadora Maria Thereza Caiuby Crescenti Bernardes busca apresentar depoimentos de homens e mulheres de letras sobre a condição feminina no Rio de Janeiro do século XIX. Ao final do livro, no Anexo intitulado «Mulheres de letras no Brasil do século XIX», a autora realiza um «levantamento de escritoras e tradutoras que publicaram entre 1840 e 1890», categorizando-as entre aquelas que residiam no Rio de Janeiro e as «que residiram em outros pontos do Brasil». Neste último arrolamento, dá-se a presença de Revocata de Melo, apresentada como «natural do Estado do Rio Grande do Sul», tendo publicado «prosa (teatro e redação de jornal) no Rio de Janeiro, Porto Alegre, Rio Grande, Pelotas e Buenos Aires» (BERNARDES, 1989, p. 10, 208).

Sobre uma interface específica da escrita feminina, a pesquisadora Valéria Andrade Souto-Maior escreve *Índice de dramaturgas brasileiras do século XIX*, «tendo como principal objetivo reunir e tornar acessíveis informações sobre a dramaturgia brasileira escrita por mulheres no passado», de maneira a oferecer «as principais notas biográficas dessas escritoras, seguidas de suas respectivas bibliografias no campo da dramaturgia». Neste rol de autoras, a escritora rio-grandense é registrada como «professora, jornalista, poetisa, cronista e dramaturga», respondendo pelo pseudônimo Sibila, com a identificação dos lugares de nascimento e morte e destaque para fundação e direção da «revista literária *Corimbo*», a redação no *Diário de Pelotas* e a colaboração em vários periódicos. São citados como dramas de autoria de Revocata *Grinalda de noiva*, *Mário* e *Coração de mãe*, os dois últimos em coautoria com Julieta Monteiro (SOUTO-MAIOR, 1996, p. 11, 43).

O *Dicionário mulheres do Brasil*, organizado pela pedagoga ativista do feminismo Schuma Schumaher e pelo escritor Érico Vital Brazil se propõe a reunir «verbetes biográficos e temáticos, dados pessoais, fatos e processos sociais relativos às mulheres, muitos ainda inéditos na historiografia». Neste sentido, tal dicionário «agrupa em um só volume informações que estavam esparsas em livros, teses, periódicos, ou guardados em arquivos de difícil acesso, ou ainda na lembrança das pessoas». Os autores afirmam ainda que «o saldo do nosso empenho representa sobretudo um incentivo para a realização de novas pesquisas e novos desdobramentos», que, por sua vez, «possam servir de referência para as gerações futuras» (SCHUMAHER; BRAZIL, 2000, p. 10).



Figura 3

Revocata de Melo tem um destacado verbete no *Dicionário de mulheres do Brasil*, sendo apresentada como «escritora, editora e abolicionista». Ela é descrita quanto aos dados de nascimento e morte; seus laços familiares; seus pseudônimos – Sibila e Hermengarda –; suas colaborações na imprensa; sua participação no Clube Beneficente de Senhoras; suas ações em prol da abolição e dos flagelados da seca no Nordeste; e suas obras – *Folhas errantes*, *Coração de mãe*, *Berilos*, *Grinalda de noiva* e *Mário*, além das inéditas *Marinhas* e *Missal de ternura*. Tal dicionário enfatiza que «uma origem familiar ligada às letras fez de Revocata e sua irmã Julieta nomes importantes no cenário literário do Rio Grande do Sul»,

estampando o retrato das irmãs Melo (**Figura 3**). Ganha relevo também o papel de Revocata no *Corimbo*, apontado como «o primeiro órgão literário da imprensa feminina no sul do país», sendo descritas algumas das características da publicação (SCHUMAHER; BRAZIL, 2000, p. 477-478, 485).

Nelly Novaes Coelho, crítica literária e professora universitária, escreve o *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*, informando que seu livro «resulta de um minucioso levantamento da produção literária feminina brasileira, de ontem e de hoje», tendo sido «organizado com o objetivo maior de oferecer um painel abrangente desta literatura e que pudesse servir de fonte para futuros estudos e pesquisas nesta área» (COELHO, 2002, p. 15, 751).

Este *Dicionário crítico* destaca Revocata como «poeta, contista, dramaturga, tradutora, professora, conferencista, abolicionista, federalista e jornalista atuante no meio político cultural gaúcho», com a identificação de locais de nascimento e óbito, pseudônimo, parentesco, jornais e revistas com os quais colaborou, instituições a que pertenceu e obras que escreveu – *Folhas errantes*, *Coração de mãe*, *Grinalda de noiva*, *Mário e Berilos*. Ainda sobre a escritora gaúcha, Nelly Coelho relata que ela «fundou o jornal feminino de maior duração no Brasil» da virada do século, o «*Corimbo*, mantido durante seis décadas (1883-1943)», esclarecendo a respeito de Revocata e Julieta, «embora não fossem a favor da independência econômica feminina, por meio do trabalho profissional» elas «se mantiveram graças à profissão de jornalistas e editoras de jornal, atividade absolutamente insólita para ser desempenhada por mulheres» (COELHO, 2002, p. 564-565).

A professora e pesquisadora Hilda Agnes Hübner Flores elabora um *Dicionário de mulheres* e esclarece que o seu livro, mais abrangente na primeira versão, em sua reedição, volta-se «unicamente às literatas e autoras de trabalhos científicos, que acorreram em todo o país, de maneira expressiva», de modo que, a partir da «análise do conjunto de informações, ajuizar acerca do evoluir da intelectualidade feminina, ao longo dos séculos, até confluir na chamada 'história de gênero'», buscando o «reconhecimento de uma identidade feminina» (FLORES, 2011, p. 7).

A respeito de Revocata de Melo, tal dicionário apresenta seu retrato (**Figura 4**) e há um extenso verbete, identificando pseudônimo, local de nascimento e morte, filiação e parentes próximos. A escritora é categorizada como «jornalista, dramaturga, poetisa, cronista, professora, conferen-

cista, abolicionista, federalista», tendo mantido junto da irmã aula particular vespertina pelo menos até 1922. É citada sua ação junto ao *Corimbo* e como colaboradora em diversos periódicos e sua atuação junto da Associação Rio-Grandense de Imprensa, do Clube Beneficente de Senhoras, da Legião da Mulher Brasileira do Rio de Janeiro e da Loja Maçônica União Constante de Rio Grande, além do fato de ser patrona da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul. Hilda Flores ainda identifica as obras de Revocata: *Folhas errantes*, *Coração de mãe*, *Berilos*, *Grinalda de noiva*, *Mário* e *Heptacordium* (FLORES, 2011, p. 464).



Figura 4

O livro *História das mulheres no Brasil*, organizado pela escritora e professora universitária Mary Del Priore, pretende «construir a história das mulheres como quem refaz o mundo, para que o leitor tivesse ao seu alcance a paisagem histórica mais nítida possível» e dedica um capítulo especial voltado a «Escritoras, escritas, escrituras», de autoria da professora universitária e pesquisadora Norma Telles. Ao tratar do tema, a autora cita várias representantes da escrita feminina espalhadas pelo país. Especificamente ao tratar dos jornais femininos, Telles destaca o *Corimbo* que, ao longo de sua longeva existência, «cobriu qualquer aventura de mulheres brasileiras no campo das letras e nas várias profissões». Referindo-se a uma rede formada por escritoras e jornalistas de norte a sul do Brasil, ela enfatiza que, no Rio Grande do Sul, dentre os «fios importantes dessa rede» esteve o *Corimbo* «das irmãs Revocata de Melo e Julieta Monteiro, ambas literatas que escreveram poesia, contos e peças teatrais» (TELLES, 2015, p. 426).

A mesma Mary Del Priore elabora *História da gente brasileira* que, em seu segundo volume, destina-se ao estudo do Brasil Imperial, anali-

sando uma época em que, a «superfície dos fatos únicos e espetaculares encobre um mundo invisível feito de milhões de personagens anônimos», de modo que «a superfície lisa encobre movimentos profundos que ajudam a compreender o passado». Em tal obra, há um capítulo destinado às «Coisas de mulher», explicando as vivências femininas daquele momento histórico, referindo-se também à escritura de natureza feminina, com a citação de várias publicações, dentre elas o *Corimbo*, apontado com «o mais importante» dos periódicos femininos e verdadeira «caixa de ressonância do feminismo brasileiro, editado pelas irmãs Revocata Heloísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro». Sobre tal jornal, a autora ainda comenta que «sua longevidade fez história», trazendo temáticas variadas envolvendo o feminino e o feminismo, como «algumas das muitas teclas nas quais batiam seus editoriais e artigos» (PRIORE, 2016, p. 9, 296).

## 2.4 – Abordagens acerca da imprensa literária e/ou feminina

Finalmente, algumas abordagens que se voltam ao estudo da imprensa especificamente literária e/ou feminina ou ainda estritamente ao periódico *Corimbo* trazem informações a respeito de Revocata Heloísa de Melo. Para tanto foram escolhidos os seguintes estudos na forma de amostragem, envolvendo alguns artigos, dissertações e teses que, como exemplos, se referem ao tema.

Um arrolamento de fontes voltado aos periódicos literários porto-alegrenses foi organizado por Athos Damasceno Ferreira, historiador e crítico literário, com o livro intitulado *Imprensa literária de Porto Alegre no século XIX*. O autor apresenta como propósitos da publicação «o de ampliar a bibliografia referente à história e à dinâmica do jornalismo rio-grandense, em setor ainda praticamente inexplorado», em referência ao jornalismo literário; e «o de contribuir, segundo critérios críticos e ao enredo da situação expressa e da qualificação comentada de cada periódico, para a divulgação e estudos dos ideais» desse periodismo. Ele dá especial atenção às características formais dos periódicos e aos responsáveis pela edição, como diretores, redatores e colaboradores. Foi neste rol que ocorreu a presença de Revocata de Melo como colaboradora da *Revista do*

*Partenon Literário, da Revista Literária e do Contemporâneo* (FERREIRA, 1975, p. 11-12, 58, 131, 147).

Pedro Maia Soares, escritor e tradutor, em «Feminismo no Rio Grande do Sul», aborda alguns dos representantes da imprensa feminina rio-grandense, dentre eles o *Corimbo*. O autor ressalta que seu «trabalho é subproduto de minha pesquisa sobre a imagem da mulher na ficção gaúcha», na qual, «ao vasculhar bibliotecas e arquivos, surgiram vozes do passado reivindicando direitos para as mulheres», as quais «estavam enterradas e mudas entre livros e papéis». Diante disto, ele diz que pretende «trazer essas vozes à tona, contribuindo para que elas se incorporem no leito maior de uma possível história das mulheres brasileiras» (SOARES, 1980, p. 121).

Quanto ao *Corimbo*, Pedro Soares destaca a sua longevidade e «o fato essencial» deste periódico ter se transformado «numa espécie de caixa de ressonância do movimento feminista brasileiro», traçando um breve histórico acerca da publicação. O autor descreve as relações familiares das irmãs Melo e cita que ambas «eram professoras e publicaram juntas contos, poemas e peças de teatro e escreveram para vários jornais diários». Ele enfatiza ainda o papel de Revocata à frente do *Corimbo* e as suas dificuldades de sobrevivência já ao final da carreira, quando teria contado com o apoio da maçonaria e, ainda assim, já octogenária, «era quase um monumento da cidade do Rio Grande» (SOARES, 1980, p. 145-146, 149).

A publicação dirigida por Revocata é tema da dissertação «Atuação literária de escritoras no Rio Grande do Sul: um estudo do periódico *Corimbo*, 1885-1925», da professora universitária e antropóloga Míriam Steffen Vieira. A meta deste trabalho é analisar «elementos relativos à atuação literária de escritoras no período que se estende do final do século XIX a inícios do século XX». A dissertação é alicerçada na premissa de que «a busca de reconhecimento literário por parte das escritoras também passava pelo reconhecimento social das mulheres», ainda mais no que tange «à sua capacidade intelectual». Desta maneira, segundo a autora, «as reivindicações veiculadas no *Corimbo* estavam pautadas pelo interesse das escritoras como um grupo social específico» (VIEIRA, 1997, p. 5).

Ainda que Míriam Vieira destaque que o seu «objetivo não foi realizar uma história do *Corimbo* e de suas redatoras», a autora faz várias referências a escritoras sul-rio-grandenses, dentre elas as irmãs Melo, explicando que elas têm uma «origem familiar» com destaque para com o «seu vínculo às letras». Também são enfatizadas as participações de am-

bas em outros periódicos, especialmente literários e suas atuações como docentes. Nessa linha, a autora afirma que, «assim como a origem familiar, as experiências literárias estão entre as justificativas apresentadas para a atuação literária» das duas irmãs, «constituindo-se como elementos que irão favorecer seu reconhecimento como escritoras». Na dissertação ainda são apresentados os pseudônimos, as principais obras e ação de Revocata como «poetisa, prosadora, teatróloga, jornalista e educadora» (VIEIRA, 1997, p. 11, 91, 94-96, 159).

A professora e pesquisadora já citada, Hilda Flores realiza estudos sobre o periódico literário ao qual Revocata dedica sua vida e, entre eles, publica «*Corimbo e feminismo*», visando a analisar como este jornal «refletiu os avanços e recuos que caracterizaram as lutas feministas no início do século». O artigo destaca especificamente a folha literária, mas cita as irmãs Melo na qualidade de fundadoras do semanário e como «professoras, poetisas e teatrólogas». Segundo Flores, as irmãs Melo defendem a instrução feminina, dando também «abertura jornalística para acolher pontos de vista mais abrangentes que os seus» (FLORES, 1998, p. 245-258).

Outro artigo publicado pela mesma Hilda Flores «O *Corimbo*», objetiva abordar «um dos jornais mais significativos que circularam no Rio Grande do Sul e talvez no Brasil». A autora explica que, sob a direção das irmãs Melo, o jornal «circulou na cidade portuária do Rio Grande, alimentando a literatura e a história por seis décadas». O periódico é estudado em suas reações diante de eventos marcantes, e no que tange ao seus temários essenciais. Sobre Revocata de Melo são apresentados alguns dados biográficos, como nascimento, óbito, relações familiares e obras publicadas (FLORES, 2001, p. 183-188).

A imprensa literária sul-rio-grandense é analisada pelo professor universitário e pesquisador Mauro Nicola Póvoas em sua tese, *Uma história da literatura: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX*, cujo objetivo é o «estudo da produção poética de três periódicos do Rio Grande do Sul do século XIX: *O Guaiá*, *Revista do Partenon Literário* e *Corimbo*», buscando «dois aspectos balizadores: a preservação da memória e a consolidação do sistema literário, que marcam presença em grande parte dos poemas das revistas analisadas». Tal tese também se propõe a discutir «conceitos fundamentais da história da literatura», visando «propor um olhar revelador e renovador sobre um ele-

mento pouco explorado nas literaturas brasileira e sul-rio-grandense, qual seja, os periódicos literários» (PÓVOAS, 2004, v. 1, p. 5).

Ao tratar da temática proposta, Mauro Póvoas destina um capítulo específico para o estudo do *Corimbo*, no qual aborda as «irmãs Revocata Heloísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro, as fundadoras e editoras do periódico, onde, aliás, publicaram a maior parte das suas respectivas produções literárias». O autor analisa a produção intelectual realizada acerca do jornal, as coleções remanescentes, as suas diferentes fases e momentos estéticos e os escritores que nele colaboraram (PÓVOAS, 2004, v. 1, p. 116-121).

Ainda mais especificamente sobre as irmãs Melo, a tese de Póvoas afirma que Revocata e Julieta «sempre dividiam as responsabilidades das atividades do *Corimbo*», mas, «a partir da morte de Julieta, em 1928, a direção da revista ficou unicamente nas mãos de Revocata», a qual «conseguiu continuar a publicação do jornal ainda por mais quinze anos», enfrentando toda a ordem de obstáculos como as «dificuldades financeiras e da dor pela perda da companheira sempre lembrada e homenageada nas páginas do periódico». Ainda sobre elas, o autor ressalta que o *Corimbo* abria espaço mesmo para escritores desconhecidos, «o que confirma a importância de Revocata e Julieta na divulgação da literatura por mais de sessenta anos» (PÓVOAS, 2004, v. 1, p. 119, 121). Mais tarde, Mauro Póvoas lança o trabalho «O periódico rio-grandino *Corimbo* e a consolidação de um sistema literário sulino», apresentando um estudo específico a respeito da publicação rio-grandina, no qual retoma o debate sobre o tema e traz informações imprescindíveis como a data exata do nascimento de cada uma das irmãs Melo, informação marcada pela imprecisão nos vários estudos biográficos a respeito das autoras (PÓVOAS, 2007, p. 29).

A pesquisadora e professora universitária Constância Lima Duarte elabora *Imprensa feminina e feminista no Brasil – século XIX: dicionário ilustrado*, apresentando um rol de jornais que «são a face visível de um vasto universo de papel construído para a leitora daqueles tempos», os quais informam «sobre as transformações históricas e sociais em processo, enquanto a distraía na rotina de seus afazeres cotidianos». Ainda a respeito de sua obra, a autora destaca que, «alimentado por fontes primárias raras ou de difícil acesso, este dicionário busca cumprir seu papel de mapa e guia norteador de novas pesquisas», preenchendo «lacunas que persistem acerca da história da mulher brasileira na busca por seus direitos

e na construção de sua identidade e de uma dicção literária própria» (DUARTE, 2016, p. 27).

Neste dicionário sobre a imprensa feminina e feminista, Revocata aparece no verbete acerca do *Corimbo*, apontado como «um dos mais importantes e talvez mais longevo jornal editado por mulher em nosso país», seguindo-se outras considerações a respeito do periódico. Quanto à biografia de Revocata de Melo, o dicionário destaca que ela «nasceu em Porto Alegre, foi poeta, teatróloga, educadora e colaborou em diversos jornais» e «publicou *Folhas errantes*, *Grinalda de noiva*, *Mário e Coração de mãe*». Além disso há uma ênfase à ação da escritora gaúcha no Clube Beneficente de Senhoras, descrito como «entidade responsável por promover a mulher e realizar ações filantrópicas, como a implantação de um hospital para crianças e a realização de cursos e de conferências dirigidos para o público feminino» (DUARTE, 2016, p. 277-281).

A ação de Revocata na imprensa literária é estudada também na dissertação *Corimbo: memória e representação feminina através das páginas de um periódico literário entre 1930 e 1944 no Rio Grande do Sul*, da pesquisadora em arte e professora universitária Caroline Leal Bonilha. A proposta do trabalho é a de «analisar a construção da representação da figura feminina através das páginas do periódico literário *Corimbo*». A dissertação ressalta a longevidade e as características editoriais do jornal, de modo que «a combinação desses elementos fez do *Corimbo* o primeiro periódico literário dirigido por mulheres surgido no sul do Brasil», bem como o «que se mantém por mais tempo sendo publicado» (BONILHA, 2010, p. 6).

A autora dedica um segmento de seu trabalho ao estudo de Revocata, abordando seu nascimento, laços familiares, primeiras experiências como jornalista, obras publicadas, vínculos com a maçonaria e participação no Clube Beneficente de Senhoras e as homenagens recebidas quando de sua morte. Acerca da escritora gaúcha, Carolina Bonilha afirma que «durante sua vida parece ter conquistado prestígio e respeito na sociedade rio-grandina», tendo recebido «inúmeras homenagens da mais diversas instituições» e sido «agraciada com diplomas de membro honorário de clubes e associações», bem como «foi dado seu nome a uma aula noturna ministrada na Biblioteca Rio-Grandense» (BONILHA, 2010, p. 59-67).

xxxxxxxxxxxxxxxxxx

Revocata Heloísa de Melo convive com seu tempo, compartilha de sua história, atuando como agente ativo de seu tempo. Ela interage com seu contexto literário-cultural, com seu meio físico e com sua conjuntura temporal, resultando numa obra que acompanha toda a sua existência, desde a jovem escritora até a veneranda e veterana jornalista. A sua presença nas literaturas especializadas em termos biográficos, literários ou temáticos é recorrente, demarcando o que se convencionou denominar de fortuna crítica. Percorrer tal bibliografia serve para a verificação de seu reconhecimento como intelectual e também para, como num puzzle, recolher vários pedaços de sua biografia, tão fragmentada e carregada de disparidades, de modo a buscar aprimorar, o máximo possível, o conhecimento sobre sua produção e suas vivências.



# A PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA DE REVOCATA HELOÍSA DE MELO

A escritora rio-grandense tem uma obra bastante significativa em termos de textos editados, principalmente por meio da imprensa, mas também atua como uma autora de livros. Alguns de seus títulos não passaram do projeto editorial, outros chegaram a ser anunciados, porém não saíram da condição de «no prelo» e ainda há outros que são indicados por seus biógrafos como na condição de produção bibliográfica, entretanto que não devem ter passado de textos publicados em continuidade por meio da imprensa periódica. Mesmo assim, com certeza, ela redigiu três obras – *Folhas errantes*, *Berilos* e *Coração de mãe*, as quais trazem em si algumas das características essenciais das formas de pensar e escrever de Revocata de Melo.

## 1 – *Folhas errantes*

O livro *Folhas errantes* é publicado por Revocata Heloísa de Melo e sua impressão termina a 21 de outubro de 1882, na Tipografia Hildebrandt, no Rio de Janeiro, revelando a necessidade de buscar prestação de serviços gráficos fora da província sulina. A escolha desta casa editorial pode ter se originado a partir de questões técnicas e/ou financeiras, ou ainda tendo em vista o próprio prestígio da Hildebrandt, a qual publica obras de diversos escritores, bem como em suas oficinas é impressa a *Revista Ilustrada*, uma das mais importantes publicações caricatas e ilustradas do Brasil do século XIX (SANT'ANNA, 2011, p. 211). Com um total de cento e nove páginas, mesmo que não seja um livro de grandes dimensões – 15 cm X 9,7cm –, *Folhas errantes* guarda certa característica

de edição de luxo, uma vez que suas bordas são em tom dourado e sua encadernação original era em capa dura em cor verde – menção às folhas –, com o título e o nome da autora em baixo-relevo também dourado, padrão nem tão usual na maioria das edições de então. Tal livro se encontra no acervo da Biblioteca Rio-Grandense (Figuras 5 e 6).

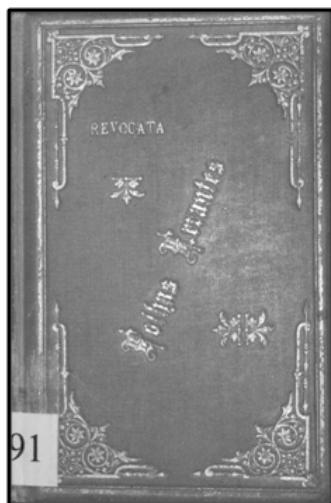


Figura 5

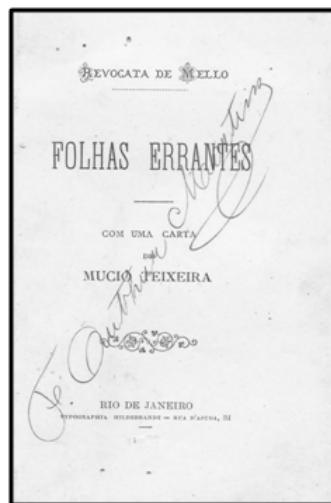


Figura 6

O título da obra inaugural de Revocata é uma alusão à estação outonal, típica inspiração para a lira literária, em clara referência à tristeza da morte das folhas que, errantes, pairam e voam pelos céus, e, como palavras, ululam lamentosas pelos céus. *Folhas errantes* é composto por vinte e dois textos, envolvendo contos e crônicas, dispersos ao longo do livro. Os textos que o compõem são: «Sempre», «Uma tarde tempestuosa», «Saudosa», «Impressões de um canto», «A música», «Zulmira», «Romance de uma noite», «Crepúsculo», «Noturno», «Lúcia», «Uma luta», «Interrogação», «A partida do soldado», «Três épocas», «Presságio», «Lutadores do parnaso», «O perfume», «Alda», «Um monge», «O moço do gorro negro», «Uma noite no mar» e «O solitário do mirante».

Um hábito da autora em seus escritos, a dedicatória em cada um de seus textos, está também presente em *Folhas errantes*. Entre as pessoas a que Revocata de Melo dedica seus textos estão intelectuais reconhecidos como os escritores gaúchos Múcio Teixeira e Francisco Lobo da Costa, ou ainda os jornalistas Adelino Leonidas, Caius Graco, J. A. da Rocha

Galo, Fileto Ramos, Estevam Leão Bourroul, Carlos Ferreira (MARTINS, 1978, p. 162-163, 215, 239, 472, 578-579; COUTINHO; SOUSA, 2001, p. 337). Sua família também se faz presente, com homenagens à Revocata Figueiroa de Melo, sua mãe, aos irmãos, Julieta, João, Otaviano e Romeu, à avó Ana Passos e Figueiroa e ao cunhado, Francisco de Pinto Monteiro. No seio das dedicatórias há ainda nomes sem referência sobre os mesmos, como Amélia Calcagno Cardia, Maria Henriqueta Velho Teixeira, Etelvina Passos, Maria A. Pacheco, A. M. de Vasconcelos e Antônio Mercado.

No que tange a tais dedicatórias, Revocata de Melo faz alguns destaque em «Notas», publicadas ao final do livro. Em relação a Múcio Teixeira e Lobo da Costa ela esclarece que, «dedicando algumas páginas a estes dois eminentes poetas, verdadeiras glórias de minha querida província» fora «llevada, primeiro, pelo sentimento de gratidão àqueles que tantas vezes por meio da imprensa se têm lisonjeiramente ocupado de minha obscura pessoa», bem como «pela amizade e profunda admiração que lhes voto». Quanto a Adelino Leonidas e Caius Graco, ela afirma que «são pseudônimos de dois conhecidos escritores, que modestamente assim firmam as suas belas produções». Revocata diz ser «a ambos credora de profundo reconhecimento pelas provas de apreço dadas aos fracos frutos de minha imaginação» (MELO, 1882, p. 105).

Ainda nas «Notas», a escritora gaúcha destaca que também dedicara alguns de seus textos a Antônio Mercado e Fileto Ramos, enfatizando que não tinha «a subida honra de conhecer estes distintos publicistas, a quem sou imensamente grata, pelas delicadas e lisonjeiras frases com que me surpreenderam» ao tratar «de meus obscuros escritos e defeituosos versos». Finalmente, também nas «Notas», traz outro esclarecimento a respeito da pseudonímia por ela adotada, bem como sobre a compilação feita em relação a alguns de seus textos editados anteriormente junto à imprensa gaúcha e incorporados naquela publicação bibliográfica de 1882. Neste sentido, ela afirma que sob o pseudônimo Hermengarda já tinha «publicado em alguns periódicos da província, diversos escritos dos que se acham reunidos neste livro» (MELO, 1882, p. 106).

Outro recurso utilizado pela escritora gaúcha são as epígrafes que, ao lado de algumas citações das quais lança mão, revelam algumas das leituras da preferência de Revocata. Entre os autores citados por ela destacam-se o dramaturgo inglês William Shakespeare, os escritores franceses M. de Saint-Beuve, Victor Hugo, Alphonse de Lamartine e Joseph Méry; os portugueses Gonçalves Crespo, Pinheiro Chagas, Tomás Ribeiro

e Alexandre Herculano; e os brasileiros Castro Alves, Álvares de Azevedo, Múcio Teixeira, Amália Figueiroa, Julieta Monteiro, Revocata Figueiroa de Melo e Carlos Ferreira (PERDIGÃO, 1934, p. 141, 315, 326-327, 339, 367, 453, 455, 512, 541, 547; MARTINS, 1978, p. 215, 219, 361-362, 375, 578-579).

A dedicatória que aparece como uma epígrafe geral à obra é uma homenagem em forma de versos da autora à sua mãe – a poetisa Revocata Figueiroa de Melo:

Minha mãe, tu velaste por meus sonhos,  
Por minhas noites de tristonho anseio;  
É teu meu livro, meu sacrário d'alma,  
Guarda-o para sempre em carinhoso enleio. (MELO, 1882, p. V)

No espaço do prefácio, *Folhas errantes* é antecedida por uma «Carta» do escritor Múcio Teixeira, convidado por Revocata para realizar a apresentação do livro. Diante do convite, Teixeira afirma que «é por demais lisonjeira e um tanto melindrosa a tarefa» a ele confiada, como «o mais obscuro dos admiradores» da autora. Em seguida, Múcio Teixeira passa a tecer elogios acerca de Revocata de Melo, descrevendo-a como «poetisa jovem e notável, que corre às batalhas do pensamento como vivandeira do ideal» e ainda como «uma clâmide feita de virtude e de mocidade, além dessa beleza vivamente constelada pelas fulgurações de uma fantasia opulenta» (MELO, 1882, p. VII-VIII).

O enfoque panegírico permanece, com novos elogios de Teixeira, ao afirmar que, «à semelhança do químico que ilumina de relâmpagos o seu obscuro laboratório», Revocata «tem o prestígio de burilar nas *Folhas errantes* do seu itinerário de viagens fantásticas, todos os eflúvios de um roseiral de envolta com todos os lampejos de uma constelação». No mesmo sentido, o escritor rio-grandense declara que o «livro é um misto das alegrias medrosas de mil noivas, atordoadas ao rio de mil crianças», havendo nele «pássaros a voar numa região tão elevada, que a gente pensa que os seus trinos entre as estrelas são estrelas que trinam» (MELO, 1882, p. X).

Numa espécie de crítica literária ainda em embrião, normalmente baseada em um tom laudatório, como era bastante comum então, Múcio Teixeira enfatiza que a obra em pauta traz «a revelação de um engenho primoroso, e, mais do que tudo isso, é uma audácia». O escritor explica que o livro consiste numa «revelação porque descerra os reposteiros da

galeria artística do palácio levantino de suas fantasias de moça», e também, «audácia, porque é uma luva atirada à face do materialismo do nosso tempo», uma vez que atesta «a robustez da organização sadia que resiste às fortes atrações do *meio* em que elabora». Nesta reflexão, Teixeira, expõe a perspectiva de que em sua obra Revocata refletia também suas vivências (MELO, 1882, p. X).

Ao apresentar a obra, Teixeira tece algumas considerações sobre a vida literária de então, afirmando que naquela época existia uma «apatia literária da pátria Ocidental, diante do movimento impulsivo e vigoroso do pensamento moderno». Segundo ele, a atividade do literato «é consumida em lutas estéreis», e dela «não resulta nem uma orientação nova para o futuro, nem um alargamento correspondente ao desenvolvimento progressivo de nossas faculdades intelectuais». Sobre as poucas possibilidades de expressão literária de então, Múcio Teixeira destaca que «o jornal é escasso entre nós e o livro quase que não existe», além do que «a ciência é ainda substituída no ensino escolar pela filosofia metafísica, pela crítica pedantesca e pretensiosa», trazendo certa influência do pensamento comtiano (MELO, 1882, p. XI-XII).

Também em referência aos ideais positivistas daquela época presentes no pensamento de Múcio Teixeira – tanto que uma frase de Augusto Comte serve de epígrafe àquela apresentação – o escritor declara que «é mister abrir novos horizontes à intuição positiva, às aspirações de uma geração impaciente por libertar-se dos velhos preconceitos, moldando-se às exigências de uma nova e mais fecunda vitalidade moral e social» (MELO, 1882, p. XII).

Já ao final da apresentação, Teixeira reitera que o escritor traz em sua obra a síntese de sua época e de seu lugar, explicando que «o poeta deve ser do seu tempo e muito especialmente de seu país». Nesta linha, busca demarcar o espaço do literato na sociedade, afirmando que «o nosso tempo exige muito do cérebro, mas exige muito mais do coração». Desta forma, detalha que «a sociedade deve progredir, mas a família é a base da sociedade», manifestando a certeza de que não comprehende «a família sem o sentimento» (MELO, 1882, p. XII-XIII).

Ao concluir sua «Carta», Múcio Teixeira volta a enaltecer Revocata de Melo, dizendo que, «mais do que a ninguém» a ela «cabe a gloriosa missão de falar à alma nacional pela linguagem divina da poesia». O escritor rio-grandense encerra fazendo votos de que Revocata «continue a sonhar assim, por esses sonâmbulos do ideal», os quais «despertam

às vezes ao ruído triunfal das apoteoses» (MELO, 1882, p. XII). Apesar da abordagem predominantemente encomiástica, a apresentação traçada pelo intelectual gaúcho traz em si um olhar sobre as características da literatura, em especial a sulina, naquele momento, notadamente as dificuldades na publicação de um texto – ainda mais de um livro. Ressalta a inter-relação entre a produção literária e o meio histórico em que ela é elaborada, e o papel da literatura na sociedade de então. Finalmente, revela um reconhecimento intelectual para com a jovem autora de *Folhas errantes*.

O livro lançado por Revocata Heloísa de Melo em 1882, por meio de contos e crônicas, traz uma variada gama de temáticas, algumas das quais viriam a acompanhar toda a sua carreira. Os temas, por vezes, refletem algumas das vivências da própria autora, ao mesmo tempo em que trazem em si algumas das características do próprio pensamento romântico, que também deixa marcas em sua obra. Neste sentido, aparecem como assuntos preferenciais em *Folhas errantes* a morte, a guerra, as interfaces entre o ambiente e a natureza na criação literária, as manifestações artísticas, além de questões comportamentais. A matéria mais recorrente no livro são as relações homem – mulher, notadamente questões como os encontros e desencontros amorosos, as profundas paixões e as grandes tragédias envoltas em tal temática.

O escrito inaugural de *Folhas errantes* se denomina «Sempre» e envolve a temática familiar e a saudade. O texto revela a melancolia da autora em relação aos tempos da infância, lembrando a «infinita tristeza» trazida a todo aquele que «contempla as recordações da quadra infantil, perdida nas névoas do passado», trazendo «dolorosa saudade despida de esperança». Saudosista, Revocata relembrava «os dias idos, os folguedos de criança, sempre esmaltados pelo astro da esperança», considerando a doçura de tal época «na pureza do lar, na suave convivência da família», na qual «as crenças, os sonhos ridentes desabrocham tão exuberantes de amena seiva». Diante de tal quadro, a escritora interroga quem deixaria, «ao reler as páginas da infância, de sentir rolar-lhe pela face ardente e angustiosa lágrima e conclui que aquele era um “tempo feliz”, o qual seria o seu “perene sonho” e do qual tinha “uma profunda saudade”» (MELO, 1882, p. 15-16).

As tantas perdas com que sofre e a própria recorrência de tal temática nas composições literárias de então, fazem da morte um assunto de significativa presença em *Folhas errantes*. Assim, a finitude da vida, tão comum

na obra de Revocata aparece em «*Alda*», narrativa sobre a vida e morte de uma menina. *Alda* é descrita como «a criança loura que costumava ao cair da tarde assentar-se sob a copa do cinamomo», mostrando «os seus grandes olhos a fitar o bando de garças e gaivotas», ficando «muitas vezes horas inteiras com a face pendida na delicada mãozinha branca». Mas ela transformara-se em «pálida florinha», debruçada «à beira de um túmulo» e «seu olhar profundo e doce, amortecera-se a prematuras névoas do crepúsculo eterno». Como que na passagem de menina a anjo, ela fora «coroada de brancas flores adormecera à sombra da esperança e despertara às portas do empírio» e «suas crenças de donzela como espirais dos altares, subiram aos pés de Deus». O texto era uma homenagem à sobrinha da escritora, falecida muito precocemente e a ela é dedicada a única poesia da lavra da autora alocada no corpo do livro (MELO, 1882, p. 72-74):

Se a visses com as vestes de noivado,  
Circundada de rosas de jasmins,  
Adormecida no esquife mortuário,  
Entre as nuvens de gazes e cetins...

Se a visses, branca filha dos amores  
Com as faces banhadas de paltôr;  
Os cabelos esparsos sobre os ombros  
Os lábios comprimidos pela dor.

Se a visses como o lírio das encostas  
Debruçado às lufadas do tufão;  
Formosa como a luz das alvoradas,  
Inundada d'um pálido clarão.

Apagar-se qual astro cambiante  
Sumido nas caligens d'amplidão,  
Como o eco de um canto peregrino  
Perdido nos mistérios da solidão...

Doce arcanjo a surdina das aragens,  
Virá sobre teu leito soluçar;  
Dorme às nêrias do anjo da saudade  
Beijada pelos prantos do luar!

Em «*Um monge*» a autora volta à temática da morte, lembrando um «discípulo dos Anchetas e Vieiras» que morrera cedo. O religioso «des-

cansava em singelo ataúde», sob o entoar de «salmos mortuários», acompanhado apenas por seus irmãos, um «grupo de homens cujas fisionomias revelam uma vida despida de esperanças e alegrias». A autora descreve minuciosamente o ambiente funerário, apontado como um «lúgubre quadro», no qual se encontrava «o inanimado corpo de um mancebo pálido e belo; era um filho de Claustro», vestindo «o tristonho burel de monge, representando assim a estátua do sofrimento». Na sua «espaçosa fronte» cingiam «vinte e três pálidas primaveras, desmaiadas ao tíbio sol do desalento, mortas à míngua de benéfico rocio». Como que numa absolvição, Revocata dizia ser «uma injustiça confundi-lo na culpa de voluntária mal-dade e hipocrisia, visto que a sua missão é sublime e grandiosa» (MELO, 1882, p. 75-77).

Associada à morte e trazendo reflexões sobre seus nefastos resultados, a guerra é temática presente na obra de Revocata. Os danos da guerra, tão marcantes nas vidas dos sul-rio-grandenses estão no conto «A partida do soldado» no qual a escritora reflete sobre as sequelas dos tantos confrontos bélicos nos quais o Brasil envolvera-se. No caso, a referência mais evidente é à Guerra do Paraguai, com a qual a autora convivera na passagem da infância à adolescência. O ambiente de guerra é apresentado detalhadamente, com a descrição de que «ao longe, na praça rufavam os tambores, os clarins chamavam à partida e os filhos de Marte corriam a seus postos». E a narrativa prossegue, abordando um outro lado da guerra, mais voltado aos sentimentos e descendo às minúcias: «à voz da guerra marchavam, abandonando os afagos do lar, os carinhos das mães e esposas, os doces sorrisos das louras criancinhas», além dos «infinitos poemas que se geram no âmago secreto de muitos corações» e «lá seguiam, coroados de novas esperanças, palpitantes de ardor marcial». Voltando ao cenário bélico, Revocata destaca que tremulava «altaneiro o pavilhão nacional, cintilavam as espadas e as baionetas, enquanto a voz de mando ecoava pelos ares» (MELO, 1882, p. 57-58).

Em contraste com a cena de guerra, a escritora rio-grandina refere-se às «lágrimas de desolação» presentes numa «humilde casinha que se desenha à beira da estrada». Tal lugar é identificado com as plagas gaúchas, pois na «pitoresca vivenda à tardinha passam as embalsamadas brisas do sul», e nela se ouve «o melancólico canto do tropeiro rompendo o silêncio da madrugada». A mudança promovida pela guerra torna-se o fulcro da atenção da autora ao destacar que ali «parece ter passado um gênio de destruição», pois «o sítio acha-se enlutado, a dor e o desespero

substituíram o moço que alegrava essas paragens». Revocata descreve que ele partira para a guerra, «e agora, assentada ao portal, chora a velha mãe», que interroga sobre o destino do «filho estremecido», perguntando «onde foi seu arrimo». Na mesma linha, «a irmãzinha, com os olhos úmidos de amargurado pranto, acena-lhe um triste adeus». Com tal texto, a autora incidia sobre um dos temas recorrentes de sua obra, as perdas levadas a efeito a partir dos confrontos bélicos, que tantos homens ceifaram das casas sul-rio-grandenses (MELO, 1882, p. 58-59).

As belezas da natureza e o ambiente como motivador e objeto da criação literária também se fazem presentes nos escritos de *Folhas errantes*. Na crônica «Uma tarde tempestuosa», a autora descreve uma transição climática, da tempestade ao bom tempo, referindo-se a um ambiente familiar na cidade litorânea do Rio Grande, tão acostumada aos ventos e chuvas inclementes que tanto assustavam os navegantes e moradores da urbe, ao passo que a escritora não deixa de enxergar poesia em tal ocasião. Ela fala de uma «tormenta ao longe», cortada pelo «clarão fulvo e fugaz», dos raios, anunciando «a chuva em raivosas torrentes, impelida por furiosa refrega». Passada a tempestade, venho, «no azul plácido e sereno, o cambiante refugir das estrelas» e, «na atmosfera, boiava a silente poesia das noites estivais», de modo que «viera a inesperada bonança, após a densa penumbra que tanto poetizara essa saudosa tarde» (MELO, 1882, p. 17-20).

Os sentimentos articulados com as sensações ambientais, notadamente no que tange a um momento do dia ficam demarcadas em «Crepúsculo», no qual a autora descreve atenciosamente a transição do dia para a noite, associando-a a questões sentimentais, exaltando os «mundos de recordações saudosas», trazidas pela «melancólica hora do crepúsculo». De acordo com Revocata, do fim do dia «ficam as saudades que se abrigam nos desalentos de nossa alma» e «o frio marasmo no peito, após um sonho de esperança que se perdeu na escuridão do espaço». Mas, em compensação, ela pensa que, do «triste contraste do tranquilo presente» vinha «a doirada esperança do porvir». Diante disso, a autora declara que ama «a doce hora do crepúsculo», uma vez que esta «hora augusta e misteriosa», arrebata-lhe «às cismas da infância e aos sonhos do passado» (MELO, 1882, p. 43-45).

As percepções espaciais/ambientais associadas às temporais aparecem na narrativa sobre os três tempos das vivências humanas – pretérito, presente e futuro. Tal tema é abordado pela escritora gaúcha em «Três

épocas», no qual ela procura estabelecer definições, marcadas por certa melancolia, para cada um daqueles períodos. Sobre o passado, ela diz que «é a página solta do livro do coração», ou «uma folha rasgada, cujos fragmentos o vento do indiferentismo lançou às praias longínquas dos mares do esquecimento», ou ainda «uma flor esquecida cujas pétalas se dispersaram às lufadas da inconsequência», como qual «as efêmeras imaginações não se detém», por não se importarem com o que já passou. O presente é visto como «a estátua da virgem meiga esperança», bem como «a constante lembrança daquele que nos ocupa a imaginação», estando cercado «de tantos suspiros, delírios, saudades e secretos martírios», e, em síntese, «é amar e esperar». Finalmente, a autora define «o porvir» como «da glória o sonho desfeito, da harmonia apenas um eco», ou ainda como «coisa que vista através de um prisma semelhava miríades de brilhantes estrelas», mas que, «perdida a ilusão, nada mais é que um enxame de pirilampos» (MELO, 1882, p. 60-62).

O constante contato com as águas é uma das características peculiares dos moradores do Rio Grande, cidade umbilicalmente ligada à sua condição portuária. Revocata Heloísa de Melo não deixa de retratar este ambiente, descrito em «Uma noite no mar», no qual apresenta a paisagem do movimento de barcos no porto. Ela descreve uma «barquinha que seguia dentre feiticeiro cortejo de esquivas ondinhas, cortando essa imponente vastidão, como um pássaro aquático» que roçava «as asas pelas arrendadas espumas». A paisagem é completada pelas «embarcações ancoradas, brilhantes em seus vermelhos e esverdeados faróis». O conjunto da descrição, somado à indicação de que era verão pode indicar que se tratava da noite da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, tradicional e histórica procissão realizada a 2 de fevereiro, na qual os barcos atravessam o curso de água entre o Rio Grande e a vizinha São José do Norte. Em tal panorama, a autora apresenta as atitudes dos representantes dos dois sexos, afirmando que «as moças pareciam presas de risonha cisma, enquanto os mancebos feriam os instrumentos, fazendo soar gemebunda surdina». E concluía declarando que «tudo era belo nessa noite de verão, que tão saudosa lembrança deixou em meu livro da alma» (MELO, 1882, p. 88-89).

As artes em si, as inspirações e sentimentos que levam à criação não só da poesia, mas também de outros campos artísticos também aparecem em *Folhas errantes*. O canto poético como bálsamo contra a tristeza é dominante em «Impressões de um canto», no qual a narradora pena diante

do «gênio fatal do desengano», trazendo «o selo inexorável da fatalidade». Mas tal espaço taciturno era quebrado por uma canção poética, perante a qual a alma da narradora «voava arrebatada nas asas da fantasia, ao enleio daquele suave canto, que jorrava torrentes de poesia celeste nos vastos plainos de meu árido cismar». Diante disso, a alma da narradora, «enternevida com o canto do poeta, esvoaçava entre o céu e a terra», surgindo a possibilidade de que «reflorissem suas ilusões». Tal canto era encarado como o «doirado elo da flórea cadeia» que enlaçaria os «sonhos de moça aos festões de seus amores». Em linguagem figurada, Revocata lembra que, diante das tristezas e amarguras da vida, a poesia poderia servir para mitigar tais males (MELO, 1882, p. 24-29).

Em seguida, na crônica «A música», a autora volta-se a outra arte e os efeitos benéficos que ela poderia trazer à vida. A ideia chave ainda é mostrar o quanto as artes poderiam servir como lenitivo para os males que afligiam a humanidade. Para Revocata, «a música impressiona toda a criatura para quem o sentimento não é uma frase vã», já que ela «prende, enleva e arrebata em seus dulcíssimos enlevos». A escritora revela que ama a música, pois ela «nos acompanha desde o berço infantil até o último marco da vida» e saúda a «doce irmã da poesia» a qual faz «olvidar as dores, falando em torrentes de lirismo às almas apaixonadas». Em tom exortativo, Revocata de Melo exclama um «Salve» à «formosa peregrina», afirmando: «Tu és a encantadora sibila: e coroada de gloriosas palmas, passas por nós deixando um rastro de fulgores» (MELO, 1882, p. 30-32).

Um debate sobre os rumos da poesia é a proposta da autora em «Lutadores do parnaso», texto dividido em duas partes. Na primeira, o poeta se vê próximo de sua «companheira inseparável, uma virgem de lauréis coroada, dedilhado engrinaldada lira». A inspiração poética beija «a sonhadora fronte do visionário idealista», enquanto «em derredor do templo, passam os vultos dos grandes e gloriosos pensadores de todas as nações, a render-lhe seu preito». Já a segunda parte traz a figura de um cavalheiro, «espada em punho» e com o peito carregado de «inveja cruel», que, diante de «um turbilhão de sombras», se depara com «o vulto do impossível a bradar-lhe: 'Volve, ó Realismo, em vão tentas subir da poesia ao templo, onde ufano reinará eterno o imortal Lirismo!'» (MELO, 1882, p. 66-68).

Expressando um gosto pessoal e associando-o à arte e a questões comportamentais, Revocata de Melo escreve a crônica «O perfume», considerando tal essência como algo «atraente, doce e significativo», bem como o «mágico distintivo de todas as pessoas de espírito», ou ainda como o «ímã

que seduz em todos os tempos e a todas as nações». A autora descreve o gosto pelas fragrâncias em várias épocas e lugares diferentes e revela que «o perfume fala docemente à alma», enfatizando que «as mais belas e célebres mulheres que têm existido, anunciam-se a seus adoradores pelo aroma de que usavam com preferência», distinguindo-as «como se fora por uma encantadora auréola». Ao fazer referência ao fenecimento, a escritora lembra que o gosto pelos perfumes poderia estender-se além da vida, ao invocar que permitisse «o céu que um dia, quando minha fronte sentir-se repousar na argila da morte, esparzam-lhe perfumes, cercando-a de odorosas flores» (MELO, 1882, p. 69-71).

Os sentimentos afloram em «Saudosa», que apresenta o pranto de uma moça, identificada apenas por «ela» que, «pálida e tristonha», lamenta a partida do ser amado e deseja que ele ainda guarde lembranças dela. Descrevendo um ambiente que muito lembrava o arenoso litoral rio-grandino, Revocata dizia que, «além, nas orlas da praia, espreguiçavam-se as vagas, beijando o quedo areal, enquanto *ela* suspirava, tendo a alma trucidada pela saudade eternal». Lançando mão da figura shakespeariana, a autora faz menção à «pálida imagem» do «poético Romeu», que poderia ter sido separado de sua amada pela fatalidade, diante do que «ela» também imagina sucumbir, dormindo «o sono sem fim». A incerteza fica no ar quanto ao destino dos amantes, mas a tristeza aparece como determinante, pois «ela» continua a murmurar, «melancólica e chorosa, fitando no firmamento linda estrela luminosa» (MELO, 1882, p. 21-23).

As tantas faces de relacionamentos sentimentais são verdadeira tônica de *Folhas errantes*. As relações apaixonadas entre homem e mulher vêm à tona em «Zulmira». A protagonista é descrita como uma moça extremamente formosa que, «engolfada num turbilhão de quimeras ou loucas utopias, atravessava a espinhosa senda que chamamos vida». Um dia, Zulmira encontra o outro personagem, nomeado apenas como «ele», o qual era «tão belo, como o lúcido ideal de suas criações de donzela», vindo ela a amá-lo, «como Julieta a Romeu, o sonhador», em nova referência ao casal shakespeariano. Ela sonha com o novo amor, mas «foi tudo uma simples ilusão» e o tom trágico vem ao final da história, com a morte da protagonista, tal qual «a flor que desabrocha pela manhã e à tardinha deixa cair as pétalas ainda impregnadas de suave aroma». Mas a tristeza também seria o destino para «ele», que passa a divagar «pelas sombras da noite, em busca de perdão» (MELO, 1882, p. 33-35).

A tragédia nas relações a dois também está presente em «Romance de uma noite» que descreve o encontro de olhares entre uma moça e um rapaz no «babilônico recinto» de um teatro lotado, carregado pelo «burburinho núncio das multidões». Ela, mesmo à distância, apaixona-se por ele, mas, surpreendentemente o rapaz sucumbe «a um aneurisma do coração». A desilusão passa a dominar o ambiente, pois «o horrido sopro da morte» derrubara «um flóreo tronco e com ele a tribo de quimeras e aspirações que ainda há pouco esvoaçara ali». Revocata traz em seu escrito as paixões fulminantes e os trágicos términos – no caso de algo que sequer começara –, tão típicos de tantos textos literários. O arremate acontece com a moça encontrando flores no lugar onde o rapaz morrera, seguindo-se a descrição de que «a desgraçada donzela vira-o, amara-o e perdera-o nessa fatídica noite, e o seu sentimental romance legara-lhe apenas aquelas flores», as quais passaram «do peito de um morto para a sua carteira de confidências» (MELO, 1882, p. 36-42).

Os desencontros amorosos aparecem ainda em «Noturno», no qual a narradora descreve o que poderia ser um típico dia invernoso na sulinha Rio Grande, ambientando o texto «em uma sombria tarde de agosto», na qual «as densas camadas de neblina caíam lentas, desdobrando espessa cortina», enquanto «o sopro glacial do vento rijo do norte sibilava impetuoso» e «algumas gotas de água principiavam a desprender-se da borrascosa atmosfera», aproximando-se «o surdo eco do horrido trovão». Era o cenário para que a narradora encontrasse um homem «sombrio e tétrico, qual outro Hamlet» – em outra inspiração shakespeariana – que tinha «cabelos revoltos e o rosto iluminado por agitação febril». O vulto lembrava o viajante gaúcho que se deslocava pelos pampas, vindo «envolto em uma longa capa, e as botas cobertas pela poeira das estradas», atestando que havia «chegado de alguma jornada». Mas a desilusão predomina novamente, pois aquele furtivo encontro só se repetiria mais uma vez, restando depois dele apenas a solidão (MELO, 1882, p. 46-48).

«Lúcia» traz também as desilusões amorosas, descrevendo a protagonista como uma moça «linda como as virgens dos quadros de Rafael e pura como o seio de uma rosa branca», mas que, tal qual seu «nome merencório e saudoso como a derradeira nota do entristecido hino do extirpar do dia», tinha «o olhar repassado de suave tristeza» e um «pálido semblante» marcado por «doce melancolia». Segundo a narrativa, Lúcia um dia despertou e amou muito, mas aquilo durou apenas uma manhã, vindo em seguida a tragédia. A autora compara a breve vida da moça com as

flores, dizendo que ela desabrochara «ao alvorecer da adolescência, e no sepulcro esfolhou as primeiras flores da mocidade», e, «como as perfumosas *boas-noites*, sorriu ao aproximar-se das sombras do crepúsculo», até que «pressentiu os gelos do desalento e foi cándida e formosa abrigar-se aos pés de Deus», e «seu túmulo jaz solitário, debruçado à beira-mar» (MELO, 1882, p. 49-51).

A procura do amor impossível é o tema de «Uma luta», texto em que aparece uma figura feminina em busca de alguém que «foi um poema infinito, peregrina cantilena eternamente ecoada no seio de profunda floresta». Diante da morte do pretendente, ela «empalidecida percorre a vastidão dos mares, fita os longos páramos azuis, mas embalde não o vê», ficando «louca, delirante como o gênio da desesperação», evocando-o «a todas as horas e em todos os lugares». Sem deixar de lembrar algum detalhe do lugar onde morava, no caso um vento típico da região sulina, a autora cita que aquela procura se estendia às «noites tempestuosas, ao rouco bramir de ríspido pampeiro, através de rubros fuzis». E a busca era infinita pois, «quer desperte a estrela Vésper, quer descambe o sol no ocidente, ela prossegue sempre», em clara alusão ao amor eterno, mesmo que inviável (MELO, 1882, p. 52-54).

Os laços sentimentais refreados pela morte são o mote de «Interrogação» que apresenta uma narradora e seu amado Eurico. Mais uma vez há uma alusão a Shakespeare, pois Eurico era descrito como alguém que tinha «o olhar inspirado, expressivo, iluminado, como embebido na fé», entretanto, «no palor do semblante, na desordem dos cabelos» era semelhante a «um Hamlet». A base do conto está na promessa pela qual ela pede a Eurico que, no caso da sua morte, ele continuaria a sonhar com ela, contando com a aquiescência do amado. Perante tal garantia, do além-túmulo, refletindo a perspectiva da possibilidade do amor que ultrapassa as fronteiras da morte, ela faz a cobrança: «E agora, que a noite é linda, e o jasmimeiro vacila beijado pelo luar; pergunto se te esqueceste dessa promessa, firmada ali à beira do mar?» (MELO, 1882, p. 55-56).

As relações românticas e os desencontros amorosos se fazem presentes em «Presságio», no qual Revocata de Melo lança mão dos personagens do medievo Heloísa e Abelardo e dos protagonistas do romance *Paulo e Virgínia* do escritor e naturalista francês Jacques-Henri Bernardin de Saint-Pierre (PERDIGÃO, 1934, p. 249). Ambientando os dois casais em cenários paralelos, a escritora encontra o ponto de interseção nos graves obstáculos interpostos ao amor. Sobre a separação, momento fundamental

no desenvolvimento do texto, ela afirma que no «adeus da despedida» muitas páginas «do livro do coração se despedeçam nessa hora», na qual era sentida «a dor da ausência» a trucidar «as fibras da alma» (MELO, 1882, p. 63-65).

Os amores considerados impossíveis são mais uma vez tema da escrita de Revocata em «O moço do gorro negro». Como em outros textos, os personagens não apresentam nomes e a protagonista-narradora conta que, aos quinze anos, quando vacilava «entre os folguedos infantis e as rosas literárias», havia se enamorado de um rapaz que morava na casa vizinha e era observado por ela diariamente, através da janela de seu gabinete. Ela descreve o alvo de seus sentimentos como um «belo moço, pálido, dessa palidez que diviniza a fala às almas sentimentais». Ele «usava um lindo gorro de veludo negro, que sobre a alvura da espaçosa fronte formava um belo contraste». O «todo» que ela via na residência fronteira era apontado como tendo «um quê de melancolia e poético». A admiração cresce de dia para dia e vai se transformando em agonia, à medida que não há qualquer correspondência de parte do «moço do gorro negro» (MELO, 1882, p. 78-81).

Os desencontros sentimentais continuam a marcar o conto, e, diante da falta de resposta do moço, a protagonista busca a aproximação com a mãe do rapaz, obtendo êxito em sua investida, até que finalmente é convidada à casa dos vizinhos. No momento em que finalmente eles se encontram, ocorre a virada da história, quando ela descobre que o moço é cego. Apesar da constatação de que ele, «visto de perto, era mil vezes mais interessante» e que não deixasse de fitá-lo, ao invés do crescimento da admiração, dá-se o oposto e ela revela ver «sua alma soluçar pela sua desgraça e pelo fenercer de minha primeira ilusão». Diante disso, a narradora conclui que não valeria a pena «um amor sem esperança» e, depois de muito chorar, resolve não voltar mais à janela de seu gabinete, fazendo «ali o túmulo em que jazia tão triste amor». Ela ainda viria a mudar-se até nunca mais ter sequer uma notícia do moço do gorro negro. Ainda que a tônica do texto fossem as desesperanças amorosas, é importante ressaltar que a protagonista informa ao início que estudava francês, revelando um ponto de inflexão do pensamento de Revocata de Melo. Além disso tratava-se de uma jovem de apenas quinze anos que estabelece uma série de iniciativas em busca de seus intentos, demonstrando um tipo feminino diferenciado em relação aos padrões então predominantes (MELO, 1882, p. 81-87).

As melancolias das relações sentimentais marcam, ao lado de outros condicionantes como a morte e a guerra, o conto intitulado «O solitário do mirante», que encerra *Folhas errantes*. Após a descrição do ambiente no qual se passa a narrativa, a protagonista/narradora relata sua «ardente simpatia» por «um moço de luto» que habitava «o mirante de uma casa que ficava à margem fronteira» daquela para a qual ele se mudara recentemente. O rapaz é descrito como portador de uma «fisionomia, mais que triste, sombria», de uma «extrema palidez», com «os olhos mórbidos, pí-sados e com as pálpebras roxeadas» e «um imperceptível sorriso irônico», parecendo estar «envolto em profunda tristeza». A autora outra vez lança mão da imagem shakespeariana, informando que aquela «sombria figura fazia lembrar Hamlet» (MELO, 1882, p. 90-92).

A protagonista explica que tentara obter mais informações sobre o vizinho, mas não conseguindo descobrir o seu nome, pois era conhecido apenas como «*Solitário do mirante*». Mais um difícil amor se anuncia no texto, quando a protagonista diz ter conhecido Graziela, vizinha que lhe contou sobre «o amor que nutria pelo belo solitário», de modo que esta moça tinha «um viver árido e desalentado», estando infeliz por não receber «sequer um olhar, ou um sorriso, em troca de tanto amor». A trama prossegue até que Graziela resolve contar «a história do belo desconhecido», revelando que «aquele moço chama-se Mário» e de sua infância soubra apenas que ele perdera sua mãe aos cinco anos, passando a contar com os cuidados do «pai, terno e solícito», que velou pelo jovem (MELO, 1882, p. 92-94).

A tristeza de Mário começa a ser explicada pelo fato de, além de ter perdido a mãe, também fica órfão de pai, pois seu progenitor, «como dever de militar, teve de deixar o filho querido para combater pela pátria» na Guerra contra o Paraguai. As tragédias familiares trazidas pelas guerras, um dos temas que conta com predileção nos textos de Revocata, mais uma vez se verificam, pois na «Batalha de 24 de Maio, esse bravo terminou sua existência», anunciado a morte do pai de Mário na Batalha Naval do Tuiuti, uma das mais importantes do conflito contra os paraguaios. O rapaz passa aos cuidados de um padrinho que o «mandou estudar na academia de São Paulo», na qual se entregou «com ardor a seus estudos», sem tempo para divertimentos ou distrações (MELO, 1882, p. 94-95).

Além da dedicação única aos estudos, Mário se dizia feliz, «pois tinha o coração isento de amor» e, portanto «era livre», afirmando «que jamais amaria, porque o verdadeiro amor quase sempre nos torna vítimas de

provações amargas e dolorosos martírios». Entretanto o destino colocaria Helena no seu caminho, ela era «a mais linda moça de São Paulo, e talvez a mais instruída e inteligente». Mário perdera sua liberdade e «agora sentia-se preso e talvez para sempre», de modo que «grande metamorfose se operara em seu tranquilo viver», pois, «desvairado, seguia a estrela radiante que o guiava». A mudança fora movida pelo sentimento, já que «ele amava verdadeiramente», encontrando-se iludido «com encantadas esperanças de um futuro de rosas» (MELO, 1882, p. 95-97).

O romance parecia ter tudo para dar certo, uma vez que «ambos, inspirados pela luz do talento, compreendiam-se como duas criaturas divinas». Namoraram por dois anos e já estavam com o casamento marcado para quando ele se formasse. Mas, como era tão comum nos textos da escritora gaúcha, o sentimento viria a incidir em tragédia, de maneira que «a fatalidade veio sombrear a felicidade de Mário». A história contada por Revocata refletia uma situação muito comum no Brasil e no Rio Grande do Sul daquela época, constantemente assolados pelas pestes que arrancavam muitas vidas, notadamente em cidades portuárias. Assim, uma «terrível epidemia que então reinava, arrastando consigo centenares de vítimas, veio ferir de morte a desditsa Helena». A «ciência foi inútil» para salvá-la e Mário acompanhou todo o seu sofrimento, até receber o último adeus, acompanhado de uma rosa por lembrança (MELO, 1882, p. 98-99).

O ambiente rio-grandense era normalmente um cenário preferido nas obras de Revocata, de modo que Mário, após jurar «eterna fidelidade» junto à sepultura de Helena, «no dia seguinte embarcou para o sul» e, lá chegando, «alugou aquele mirante, e ali tem vivido, nessa solidão, que casa com a de sua alma». Mas a perda fora tamanha, de modo que «os médicos dão a Mário bem limitada existência», estando em «tresvario de amor». E a previsão se confirmaria ao final do conto, quando há a descoberta de que «o poeta que habitava aquele mirante expirou», em «uma sícope tal, que quando chegaram para socorrê-lo, já não existia». Mário é apontado como «mais um mártir de amor», já que «foi sempre constante a lembrança de sua noiva», pois a rosa que recebera de Helena, agora seca, acompanhou-o até os derradeiros instantes. Mais uma vez a fatalidade e o amor eterno se entrecruzaram nos escritos de Revocata de Melo (MELO, 1882, p. 98-103).

Em *Folhas errantes* há «narrativas introspectivas e contemplativas, de fundo romântico», envolvendo aspectos como «o voo da alma, a fantasia,

o desejo», nos quais «o fio da subjetividade se desenleia numa torrente de ideias associativas a partir de um motivo ou tema». Aparecem também «narrativas ficcionais com enredos simples, na sua maioria emoldurados por um tom sombrio», o qual «sustenta situações dramáticas concebidas sob o signo de um romantismo exacerbado». Em tais narrativas, muitas vezes, o amor encontra-se associado à fatalidade (SCHMIDT, 2000, p. 896).

Nesta linha, vários dos textos de *Folhas errantes* «convergem para os tópicos comuns – o amor idealizado, a solidão e a morte – apresentando elementos que desvelam os ‘chavões’ românticos da época». A autora apresenta «um universo permeado pela dor e sofrimento, filtrado numa linguagem descritiva carregada de efeitos plásticos responsáveis por uma ambiência soturna», a qual «projeta a dimensão interior de uma subjetividade marcada pela desilusão» (SCHMIDT, 2000, p. 896). Desta maneira, em tal livro, aparece uma jovem Revocata, ainda profundamente embebida nas inspirações românticas, mas já deixando que fossem vislumbrados alguns de seus olhares sobre o mundo que a rodeia.

## 2 – *Coração de Mãe*

A parceria das irmãs Melo chega à dramaturgia teatral e, em 1893, elas lançam *Coração de mãe*. A peça de teatro foi publicada no formato de um pequeno livro, com as dimensões de 15,2 cm X 10,8 cm, e um total de quarenta páginas. A publicação traz à folha de rosto, além do título, a identificação do nome das duas autoras – Julieta de M. Monteiro e Revocata H. de Melo, a explicação de que se trata de um «drama em três atos», o ano e o local de edição (**Figura 7**). O livreto foi publicado na Tipografia da Livraria Rio-Grandense, uma das mais importantes casas culturais da cidade do Rio Grande daquela época, atuando como um significativo centro de convivência intelectual, tão comum naquela época. O exemplar encontrado pertence ao acervo da Biblioteca Pública Pelotense. Na dedicatória, as autoras ofereciam à obra «à memória de seus queridos irmãos João Corrêa de Melo e Otaviano Augusto de Melo» (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 1-3).

Como é comum nas publicações destinadas ao drama teatral, logo na abertura aparece a identificação dos personagens que compõem a peça:

Lúcia Amaral, uma viúva de trinta e quatro anos, é a protagonista; Esmeralda, com quinze anos é a filha de Lúcia; Ascânio de Castro e Jaime Sá são dois médicos, o primeiro com trinta e sete anos e o segundo com trinta e cinco; Fernando de Campos é sobrinho de Lúcia e tem vinte e três anos; aparecem ainda Adelaide, uma criada, além de um criado e convidados de ambos os sexos. Buscando uma localização temporal, as autoras definem que as cenas eram contemporâneas ao tempo presente da publicação, apontando: «época – atualidade» (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 4).

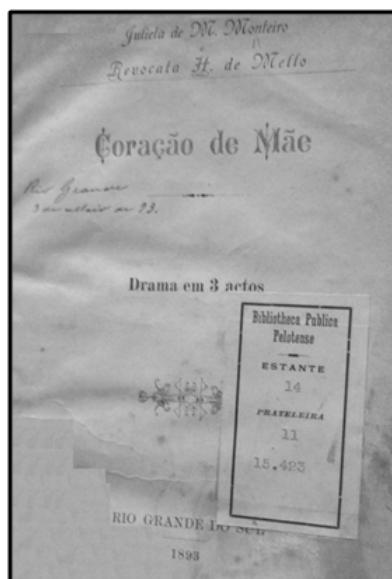


Figura 7

Conforme anunciado na folha de rosto, o drama aparece dividido em três atos e, cada um deles fragmenta-se em cenas, com o objetivo de dar certa mobilidade à narrativa, bem como possibilitar a mudança de personagens em pauta. O primeiro ato apresenta oito cenas, o segundo, onze e o terceiro, dez. Tendo em vista as grandes dificuldades que o Estado do Rio Grande do Sul passava naquele ano de 1893, marcado pelo início de uma tremenda guerra civil, as autoras optam por cenários simples e com poucas exigências de adereços e utensílios. É o caso do primeiro ato, cujo «cenário representa um gabinete elegantemente mobiliado: secretaria, estante, poltronas, quadros, estatuetas, etc., etc.» (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 5).

A primeira cena do ato inicial apresenta a conversa entre Jaime e Ascânio e, pouco a pouco vai construindo os personagens, apresentando-os. Jaime é um médico que tivera um relacionamento com a protagonista quando ela era muito jovem, mas que se separaram, ele seguindo o caminho dos estudos, e ela vindo a casar-se. Ascânio também é médico e, como amigo do falecido marido de Lúcia, assumira a responsabilidade de velar pela viúva e pela órfã. Através de Ascânio, Jaime volta a conviver com sua paixão juvenil. Nesta cena inicial, a primeira referência é que a dona da casa – Lúcia – é uma pessoa letrada, pois Jaime, «de pé diante da estante lê alto os títulos das obras: *Atala*, *Rafael*, *Memórias de uma mulher*, *Jocelyn*, *Graziella* e *Tristezas à beira mar*. Diante de tais livros, Jaime exclama a respeito da anfitriã: «Quanto romantismo!...», ao que Ascânio, folheando «um álbum de desenhos», responde: «É uma alma extremamente sensível» (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 5).

No que tange a tais obras, três delas, *Rafael*, *Jocelyn* e *Graziella*, são do poeta, romancista e historiador francês Alphonse de Lamartine. *Atala* é do escritor francês François-René de Chateaubriand. O autor de *Memórias de uma mulher* é o romancista e dramaturgo francês Octave Feuillet. Já *Tristezas à beira-mar* pertence ao escritor, orador e jornalista português Manuel Pinheiro Chagas (PERDIGÃO, 1934, p. 287, 315, 512). Certos pontos em comum dentre estes livros é a incidência de protagonistas e/ou personagens femininas de destaque, dos encontros e desencontros sentimentais e das tragédias amorosas.

Ainda na conversa inicial entre os dois médicos, dá-se a continuidade da apresentação das personagens. Neste sentido, Jaime afirma ao colega que estava surpreso e julgara que Ascânio havia exagerado quanto aos elogios feitos à pessoa de Lúcia, uma vez que julgava não ser «muito possível que aquela adorável criança que conhecera há dezoito anos, em plena mocidade, hoje, viúva, mãe de uma jovem que conta já quinze primaveras» conservasse ainda «tão cativantes dotes do corpo e do espírito». Sob o ar interrogativo do amigo, Jaime confirma seu pensamento sobre Lúcia, considerando que ela continuava «no caso de inspirar um afeto sincero, como na florente quadra dos seus dezesseis anos», pois era «bela, espirituosa e simpática» (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 5).

Diante dos elogios, Ascânio afirma que ia além, uma vez que Lúcia teria passado a ser «duplamente encantadora», pois «na sua fronte onde brilha esplendorosa a mocidade, irradia o talento», de modo que, no passado, quando o colega a amara, ela «era simplesmente uma cri-

ança formosa; hoje é uma mulher adorável, uma mulher de ilustração». Tendo em vista tal afirmação, Jaime lança um sorriso e diz que o amigo encontrava-se «um tanto entusiasmado» ao falar de Lúcia, ao que Ascânio mostra desconforto, «procurando disfarçar» e afirmado que Jaime tem «lembranças que parecem esquecimentos» (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 6).

A segunda cena é marcada pela brevidade, com a chegada de um criado que conversa com aqueles dois interlocutores. Ao empregado Ascânio pergunta se Lúcia iria demorar, obtendo por resposta que «a senhora não deve tardar», pois fora «esperar o trem em que chega a menina». Com a permanência de alguma dúvida, o criado reitera que «a senhora recebeu ontem à tarde um telegrama participando que a menina vinha por enferma» e «com certeza não se demoram», já que «o trem deu há pouco o sinal de chegada» (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 6).

Os dois médicos, com o posterior acréscimo de Lúcia, compõem a Cena III. Ascânio informa ao outro que ele iria «ficar extraordinariamente pasmo vendo surgir repentinamente diante de ti a Lúcia de outros tempos». Perante tal afirmação, Jaime pergunta se a menina era assim tão parecida com a mãe, ao que o outro responde que se tratava de «uma menina encantadora, galante, uma criança enfim a quem prezo e que me estima verdadeiramente». Ascânio mostra-se preocupado com a enfermidade de Esmeralda e mais ainda com os efeitos que tais males poderiam trazer à mãe. Em tal conversa já fica revelado outro detalhe importante da trama, no momento em que Ascânio destaca que «qualquer incômodo que possa sobrevir» à Esmeralda, «é um golpe para Lúcia que a adora, e não pode ter comoções», as quais poderiam «ser fatais», já que ela «está sofrendo do coração» (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 6-7).

Jaime tenta atenuar a preocupação do interlocutor, afirmado que o mal de Lúcia não deveria passar de «um incômodo nervoso», ao que o amigo contrapõe, dizendo que ela piorara há dois anos, pois sofrera «muito com a morte do marido». Diante da estranheza de Jaime quanto ao colega pouco se referir ao falecido esposo, Ascânio responde que «se tal tenho feito tem sido por mero acaso», pois não encontrava «inconveniente em falar-te de Amaral, um de meus melhores amigos», passando em seguida a descrevê-lo: «era uma grande alma, um nobre coração» (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 7).

Em seguida, no diálogo entre os médicos, aparece um trecho que se refere às mulheres de letras, aludindo à «ilustração» de Lúcia e buscando

apresentar algumas de suas características:

Ascânio: Se fez a felicidade completa de Lúcia, ignoro. As mulheres de letras, as sonhadoras das utopias, são um tanto difíceis de ser compreendidas.

Jaime: São criaturas que geralmente merecem a nossa admiração, e poucas vezes o nosso amor.

Ascânio: Não, elas têm inspirado ardentes afetos e parece-me que nenhuma mulher, como elas, pode compreender o amor. O que não é fácil é satisfazer-lhes o coração. Querem tanto, tanto, que por mais que façamos julgam sempre que não foram tão amadas quanto haviam sonhado em suas longas vigílias. (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 7)

A conversa permanece e Ascânio conta a Jaime que «Amaral amava a esposa e estremecia a filha», de modo que, «nos seus últimos tempos, o assunto de todas as suas conversações comigo, era a dor profunda que o dilacerava recordando a próxima separação eterna», vindo a recomendar extremo cuidado para com elas. Diante disso, Jaime encara «fixamente o amigo» e pergunta se «nunca atravessou-te a imaginação a ideia de dar o teu nome à Lúcia», já que assim poderia «mais facilmente velar por ambas» (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 7-8).

Tal tema traz a exaltação de Ascânio, exclamando que aquilo era impossível, mesmo que «Lúcia merecesse o mais ardente afeto, que a felicidade de minha vida dependesse do seu amor» e «ainda que fosse ela o único oásis que pudesse ser deparado no longo deserto de minha atribulada vida, nunca pensaria em desposá-la». Perante a admiração do colega, Ascânio reafirma que um «casamento em tais circunstâncias» parecia-lhe «um abuso, um crime, um roubo», pois estaria apossando-se «deslealmente de um depósito sagrado», pois «a lembrança de Amaral será sempre a poderosa égide a proteger Lúcia, dos meus ardentes anelos». Finalmente, Ascânio afirma que acima de tudo preferia manter o respeito à memória do amigo morto e a amizade da viúva e da órfã (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 8).

Ainda nesta cena, finalmente a protagonista faz sua aparição e sua descrição já revela a imagem da viúva, pois ela permanece trajando «rigoroso luto». Após a troca de cumprimentos, Lúcia esclarece que a enfermidade de Esmeralda não passara de uma artimanha da menina para conseguir convencer o avô de que ela deveria terminar sua jornada de um mês de visita ao campo para retornar à cidade. Ascânio mostra-se

desconfortável com qualquer possibilidade de aproximação entre Jaime e Lúcia, insistindo em partir, ao que o outro argumenta que ainda era cedo (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 8-10).

Retomando o gosto de Lúcia pelas letras, Jaime pergunta-lhe se ela «tem conversado muito com as musas», e ela responde, sorrindo que «pouco, muito pouco, eu procuro-as muito, porém elas fogem-me desampiadamente». Com galanteio, Jaime contrapõe que Lúcia se engana, pois «as irmãs geralmente vivem em doce união». Ascânio é chamado à conversa, mas mostra-se distraído, e Lúcia diz que ele está «com o espírito muito longe do corpo», devendo estar a vagar «por desconhecidos mundos, levando por guia o coração». Ascânio refuta tal possibilidade, dizendo que sua profissão não lhe dava «tempo para escutar o coração», de modo que nunca o ouvia, estando «sempre a subjugá-lo um poder extraordinário: o dever». Apesar da insistência dos outros dois, Ascânio, impaciente, insiste que era a hora dos visitantes se retirarem, para retornarem no dia seguinte (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 10-11).

Com a saída dos médicos, Lúcia se vê sozinha, desenvolvendo-se a quarta cena, composta inteiramente pelos pensares da protagonista. Ela acaba por reconhecer a retomada da atração por Jaime, mas considera tal perspectiva como inviável, confirmando aquilo que se poderia convencionar como o papel social idealizado para a viúva, ou seja, garantir a honra da memória do marido falecido e a continuidade do papel de mãe, não havendo espaço para novos amores:

Há coisas tão extraordinárias! O coração tem tantos mistérios... Pois será possível, depois de dezoito anos de ausência... Isto é um absurdo, uma loucura. É necessário buscar enquanto é tempo sufocar a chama que começa a atear-se. Perdoa-me Amaral, perdoa-me. Li algures que a aproximação de dois corações que já se amaram, constitui um perigo. Mas, quando esse afeto estava de todo extinto; quando outro ocupara por largo tempo o lugar que lhe pertencera; quando finalmente o longo espaço de dezoito anos pusera-se de per- meio, como crer na possibilidade dessa ressurreição? Não, não é o amor o que Jaime de Sá, inspira-me hoje. Meu coração está morto para o amor. Houve alguém que, se apoderando de toda a ternura, de todos os extremos, de todos os entusiasmos de minha mocidade, deu-me em troca um coração nobre e sincero. Não devo atraíçá-lo. Depois... eu já não tenho coração, já não devo tê-lo senão para o amor de minha filha. No entanto há um mês que desconheço-me; há um mês, sim; foi desde o fatal dia em que o Dr. Ascânio trouxe

Jaime a esta casa. Parece que revivo. Muitas vezes, oh muitas vezes folheando o livro do meu longínquo passado, sinto-me estremecer de emoção na florescente quadra dos seus dezessete anos. Éramos duas crianças cheias de sonhos, de aspirações. Depois o destino separou-nos; ele buscou a luz da ciência, eu... busquei um novo amor. E hoje, hoje que, após tantas mutações no cenário da minha vida, torno a encontrá-lo por que fatalidade meu Deus, hei de sentir-me de novo presa a si? Não, não, procurarei fugir-lhe, e espero consegui-lo. (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 11-12)

A Cena V apresenta um novo personagem, Fernando de Campos que conversa com sua tia Lúcia. O jovem é descrito como uma pessoa fútil, que coloca a aparência como prioridade. Desta maneira, Fernando entra em cena «precipitadamente, vestido em todo o rigor da moda» e perguntando pela presença de Esmeralda. Informado de que ela chegaria mais tarde, o sobrinho continua a falar sobre suas preferências, mostrando um «chapéu que tem na mão» e informando que era «da última moda», sendo ele «o primeiro que usa aqui». No mesmo tom, Fernando, «alisando o cabelo com a mão», pergunta se ali não havia um espelho e, mais uma vez sobre sua indumentária, destaca que as botinas que calçava pela primeira vez, eram «de uma elegância rara», e também caras. Além disso, o rapaz anuncia que trocara seu relógio de bolso, por «uma peça magnífica», acreditando «ter feito um negócio da China». Lúcia mostra-se afável com o sobrinho, mas em pensamento afirma «Quanta frivolidade, meu Deus!» (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 12-13).

Finalmente deixando de lado os temas fúteis, Fernando parece preocupar-se com a saúde da tia, perguntando-lhe se ela viria a fazer «seu passeio campestre» naquele ano. Lúcia confirma que aquilo ocorreria muito breve, visto o conselho médico que ela deveria «deixar a cidade o quanto antes», para que nisso encontrasse «algum alívio». Tal passagem reproduzia um hábito muito comum nas cidades daquela época, nas quais o medo das epidemias fazia com que as pessoas se retirassesem para o meio rural, fugindo dos miasmas que afligiam o ambiente urbano. Parecendo enveredar mais decisivamente por assuntos sérios, Fernando pede à tia «um valioso obséquio», solicitando que ela não convide Jaime para aquela viagem ao campo, uma vez que tinha «um pressentimento» e não conseguia «simpatizar com semelhante homem». Lúcia mostra-se surpresa, desencadeando-se a sexta e breve cena, na qual um criado avisa sobre o

almoço, partindo tia e sobrinho para a refeição (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 13-14).

A Cena seguinte, a de número VII, é também breve e traz pela primeira vez a presença de Esmeralda, a qual chega de surpresa e observa ao longe a mãe e primo almoçando. Nesta cena não há diálogos, resumindo-se ao pensamento de Esmeralda que demonstra alegria por reencontrar sua mãe, refletindo também sobre o primo, considerando-o um «pobre rapaz», pois «é um belo coração, porém uma cabeça oca». A oitava e última cena do primeiro ato é brevíssima, trazendo o emocionado encontro entre Lúcia e sua filha. Naquele momento, entretanto, a maior preocupação no pensar de Esmeralda, vem da carta que recebera de uma amiga, ou seja, é a vontade de conhecer Jaime, revelando em tais ideias a perspectiva da jovem enamorada, vislumbrando a apaixonante possibilidade de encontrar seu par, na perspectiva do romance tão idealizado nos escritos daquela época:

A maior novidade da nossa boa terra é a chegada do Dr. Jaime, que é um bonito rapaz, cheio de atrativos, elegante, tendo no olhar o fogo do gênio e nas maneiras o cunho da distinção. (...) O que me parece estranho é o que sinto desde que recebi esta carta! Alguém ouvindo-me diria: És filha de Eva e basta. Porém eu não costumo ser curiosa; mas agora, não sei, não posso explicar o que se passa em mim! Estava aflita, louca mesmo por voltar. Quem sabe? Será algum pressentimento! Mas... o que não comprehendo é o silêncio da mamãe a tal respeito! Ela que tem tão bom gosto e aprecia tanto o talento e distinção!... Enfim, vejamos o que se passa. (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 14-15)

A viagem para o ambiente rural é o que caracteriza o Ato 2º de *Coração de mãe*. As autoras definem que «o cenário representa uma casa de campo», na qual havia uma «sala com porta e janela ao fundo, por onde se vê arvoredo, morros ao longe, etc., etc.». Mantendo a perspectiva da singeleza diante do quadro de dificuldades que marcava o Estado, elas descrevem uma «mobília simples», contendo «quadros com paisagens, flores nas jarras e piano», ouvindo-se «fora uma gaita que toca uma havaiana». A primeira cena de tal ato é breve e mostra um pensamento solitário da criada Adelaide, prevendo a chegada dos dois médicos. A empregada constata que aquele seria um «dia de alegria para a menina», ou seja, Adelaide já reconheceria «que o tal Dr. novo buliu com o coração» de Esmeralda (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 16).

O gosto de Lúcia pela leitura fica mais uma vez evidenciado na Cena II, na qual ela, solitária, entra com um livro na mão, tecendo mentalmente o comentário que tal obra agradava-lhe «em extremo», pois era um «belo talento aquele que soube tão bem descrever as torturas de um amor infeliz». Ainda sobre o livro, a protagonista realiza uma comparação consigo mesma: «Lésbia, esta mulher heroica e mártir, tem alguma paridade comigo». A terceira cena mostra a chegada de Fernando, Ascânio e Jaime que se encontram com a anfitriã e todos «trocaram os cumprimentos do estilo». Lúcia afirma que chegara a duvidar «da aquiescência ao seu humilde convite», imaginando que eles não deixariam «a cidade pela roça» ainda mais no dia de Natal (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 16-17).

Na Cena IV, Esmeralda é introduzida por Fernando ao convívio com os demais, desenvolvendo-se uma conversa que gira em torno da beleza e da juventude da moça. Durante as falas, há um breve desacerto entre Jaime e Fernando, o qual se retira. A quinta cena mostra a tentativa de Lúcia em «acalmar a confusão de todos». A temática da leitura volta a ser o ponto central da peça, quando Ascânio observa o livro que Lúcia deixara sobre o sofá, perguntando-lhe quem era a autora identificada pelo pseudônimo de Délia. A protagonista mostra-se interessada e ressalta que «a autora desta obra é Maria Benedita de Bormann, uma rio-grandense distintíssima, atualmente na Capital Federal» (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 17-19).

A respeito do livro e de sua autora, que denotam o encontro da ficção com a realidade, Maria Benedita de Bormann, que escreve sob o pseudônimo de Délia, é uma «romancista, novelista, jornalista, pintora, pianista e cantora», que «nasceu em Porto Alegre em 25 de novembro de 1853, vivendo no Rio de Janeiro até 23 de julho de 1895». Foi esposa do Marechal José Bernardino de Bormann, seu tio, e militar que atuou na Guerra do Paraguai, do qual se desquitou. Uma de suas obras de maior destaque é exatamente aquela citada em *Coração de mãe*, o romance *Lésbia* (COELHO, 2002, p. 411; MARTINS, 1978, p. 99).

Tal livro tem por protagonista Arabela, conhecida apenas como Bela, e traz vários elementos que se identificariam com a luta pela emancipação feminina. A própria Bela consegue tal independência, após se separar do marido, passando a apresentar-se como Lésbia em seus escritos. Apesar da tendência emancipacionista, os amores impossíveis e as tragédias amorosas também aparecem em tal publicação. É a própria autora que, se dirigindo «Ao leitor», esclarece que «*Lésbia* termina pelo suicídio», o

qual, «longe de ser um ato irrefletido ou violento, é antes a consequência fatal do seu tormentoso e accidentado viver» (BORMANN, 1890, p. I, II).

A autora de *Lésbia* destaca ainda que seu livro é o «resultado de sentimentos amargos, mas encerra proveitoso ensinamento que lhe emprestará alguma utilidade». Maria Benedita de Bormann prossegue afirmando que sua obra «é um romance à parte, porque, sendo a protagonista uma mulher de letras, a vida desta abrange maior âmbito e mais peripécias do que a existência comum das mulheres». Ela ainda aconselha que «não se deve viver demasiado pelo coração, pois o fervilhar das paixões envelhece e cansa a alma» vindo a provocar um «desencanto de onde nasce o tédio que de manso leva ao suicídio» (BORMANN, 1890, p. II).

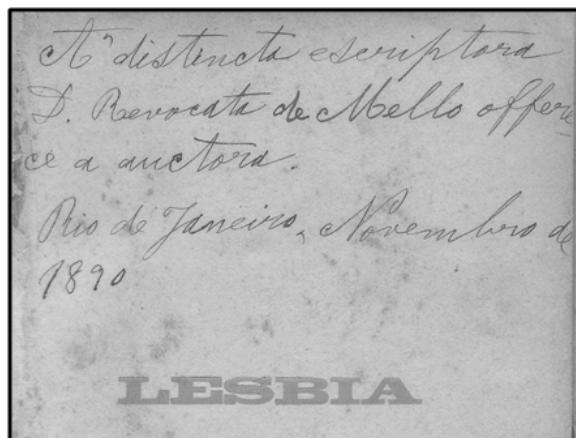


Figura 8

Finalmente, ao apresentar sua obra, Bormann destaca que «Lésbia viveu duplamente», pois «conheceu todas essas dores crudelíssimas que são a partilha das almas eleitas e suportou-as com valor, crente de que cumpria um fadário»; até que, «mais tarde, preferiu morrer a trair o único ente que a amava» (BORMAN, 1890, p. III). Temas como um viés da emancipação feminina e o protagonismo de uma mulher escritora em um romance são pontos de interseção da obra de Maria Benedita de Bormann com as irmãs Melo. Além disso, elas são contemporâneas e conterrâneas, embora Bormann tenha vivido significativa parte de sua vida no Rio de Janeiro, somando-se a isto o fato de que elas tiveram contato com o livro em questão; não é para menos que o exemplar de *Lésbia*, pertencente ao acervo da Biblioteca Rio-Grandense, é aquele que pertencia à Revocata

Heloísa de Melo e fora ofertado pela autora, em novembro de 1890, inclusive com dedicatória: «À distinta escritora D. Revocata de Melo oferece a autora. Rio de Janeiro, novembro de 1890» (**Figura 8**).

Especificamente sobre a obra *Coração de mãe*, retornando à cena em que os personagens dialogam a respeito do livro *Lésbia*, os temas literários passam a fazer parte da conversa dos personagens. Ascânio afirma que gosta «imenso da literatura, mas a ciência deixa-me pouco tempo para segui-la de perto», uma vez que «a minha imensa clínica afasta-me completamente da poesia». Voltando ao tema do livro de Maria Benedita de Bormann, Lúcia revela que «na verdade há muito não leio romance que tivesse o poder de sensibilizar-me tanto», ainda mais «depois que a desgraça amordaçou-me o coração para a dor de todos os sentimentos alheios». Ao folhear o livro, Ascânio destaca que «há aqui pensamentos sublimes e um grande estado de coração de mulher idealista», elogiando uma «pena segura e hábil, de notável observadora do mundo social», pedindo permissão para ler um trecho. Lúcia, preocupada com a juventude da filha, pede que Esmeralda vá verificar os trabalhos de Adelaide. Ao sair, a moça lança um olhar em direção a Jaime e, diante disso, Lúcia reflete que a menina sente-se impressionada pelo médico, enquanto Ascânio constata que a «pobre menina, ama Jaime com todo o entusiasmo tímido dos quinze anos» (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 19-20).

Com a saída de Esmeralda, já na Cena VI, Ascânio se vê com liberdade para ler um trecho de *Lésbia*, que versava sobre sentimentos e mocidade. Jaime aplaude a citação e Lúcia pergunta-lhe se ele «pertence ao número dos sentimentalistas». Ascânio elogia a obra em questão, afirmado que «este livro tem mesmo preciosidades», principalmente quanto à «altivez com que Lésbia responde aos banais galanteios de um grotesco e enfatulado barão», valorizando apenas a «nobreza do talento», resistente a tudo e não carecendo «de ascendência, nem de posteridade» (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 20-21).

A volta de Esmeralda e Fernando acontece na sétima cena, a qual se volta a um passeio pelos campos que fora projetado pelo rapaz a pedido de sua tia. O calor inclemente, entretanto, frustra tal plano. Já na cena seguinte, a oitava, Esmeralda, que conversa avidamente com Jaime, pede-lhe que recite alguns versos, bem como solicita a Ascânio que, ao piano, acompanhe o amigo. Jaime, em princípio, parece não concordar com a ideia, afirmando que os «recitativos estão hoje sendo abolidos», além do fato de possuir «uma memória infeliz», não tendo chegado «a decorar por

inteiro uma poesia por mais que ela agradasse». Mas reconsidera, afirmando que havia «uma única em toda a minha vida que decorei aos dezoito anos e até hoje em que estou com trinta e cinco, lembro-me vivamente» (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 21-24).

A poesia que Jaime diz ter de memória é uma clara alusão ao tempo em que esteve, na juventude, enamorado de Lúcia, tanto que ele «recita um pouco voltado» para ela, a qual «disfarça com o leque a confusão em que está». Versando sobre o amor romântico, o poema declamado por Jaime, já na Cena IX, traz à dramaturgia teatral o veio poético das duas autoras:

Tu ontem, loucura, de mim duvidaste,  
De mim que te adoro numa ânsia febril,  
De mim, que mil vezes de perto escutaste  
Nos santos arroubos de um sonho gentil.

Por certo não sabes quanto é delirante  
O afeto primeiro, para quem sabe amar;  
Por Deus, foste um louco julgando inconstante  
Quem tantas mil vezes jurou te adorar.

Não tenhas ciúme, jamais da minha alma  
Teu nome querido se deve riscar;  
Não tenhas ciúmes, dar-te-ei breve a palma,  
A palma que dizes, tão louco anelar.

O tempo, oh! O tempo, cruel caminheiro  
Que as crenças derruba lançando no chão,  
Embalde há de um dia buscar traiçoeiro  
Matar tão sincero, tão casta afeição.

No fundo sacrário que existe em meu seio,  
Terá tua imagem por tempo sem fim  
Asilo bendito, te juro, no enleio  
Do afeto mais terno que inspiras a mim.

Jamais! Nem a ausência que a tantos quebranta,  
Nem dias, nem noites de infindo dulçor,  
Farão que eu esqueça promessa tão santa,  
Afeto nascido com tanto fervor. (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 25)

Após a declamação, Jaime recebe os aplausos de Ascânio e Esmerada e até um elogio de Fernando. Mas Lúcia, «visivelmente contrafeita» afirma

que ele soubera «dar cor a umas quadrinhas singelas, sem merecimento algum». Jaime responde que, para ela, «a bela poesia que ousei recitar há pouco, não tenha merecimento algum», bem como não deveria nem lembrar-se dela, mas para ele «é um tesouro», vindo a sentar-se junto de Lúcia. A protagonista, em viva aflição, tem um forte mal-estar, vindo a ser por todos acudida. Na Cena X, apesar de alguma melhora, Lúcia prefere descansar, insistindo que todos devem aproveitar o jantar, enquanto ela repousa (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 25-27).

A undécima e final cena do segundo ato apresenta mais uma vez as reflexões de Lúcia, em desespero pelo amor que ressuscita, ainda considerando-o impossível, sobremaneira agora que ela percebera os sentimentos que Jaime despertara em relação a Esmeralda. Tendo em vista tal quadro, Lúcia confirma a perspectiva da mãe ideal, aquela capaz de todo e qualquer sacrifício em nome dos interesses de seus filhos e, no encerramento do Ato 2º, decide definitivamente que a prioridade é Esmeralda:

Enfim posso libertar-me por instantes da pesada cadeia de amarguras que prende-me a voz, o olhar, os gestos, quando estou perto de Jaime. Que suplício o meu! Como passados tantos anos, quando o meu coração transbordou de afeto, de crenças, por um outro coração que lhe era delicadíssimo, hoje, de novo accordado, parece que se dilata num ansiar sem fim! Será isto amor, meu Deus! Disse alguém «que o amor obedece à razão suprema e molesta-o a suprema loucura; ilumina e cega, vivifica e mata». Eis o que se passa em mim. Ora a soberba edificação dos encantados palácios da fantasia onde ideamos todo o adorável poema da felicidade, ao lado daquele que é o sonho de todas as noites, o pensamento de todas as horas, a esperança de toda a vida. Ora a tortura, a angústia, o fantasma da dúvida, a cruel realidade. Amar e ser amada com extremos, na verdadeira compreensão desses pequenos nadas de que se compõe o amor, porém que para nós as mulheres, importa tudo, e bruscamente pisar as flores com que nos querem tapetar a vida, fugindo à ventura, embora para errar ao acaso como uma alucinada, sem abrigo, sem destino, e viver ainda assim! Oh martírio sem nome! Tal é a minha sorte. Seja enfim o amor de Esmeralda a cruz do meu calvário. Só as mães poderão entender-me. Levarei ao cabo o sacrifício, tragarei até as fezes o cálix da amargura, para ver um dia Esmeralda feliz junto de Jaime. O coração das mães não cansa de amar e sofrer. Temores, receios, vigílias, lágrimas, tudo abriga a grande alma dessas resignadas criaturas. Filha adorada, vai aos braços da

felicidade que eu amordaçarei embora no túmulo, este amor fatal, imenso, intraduzível! (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 28-29)

Este pensamento da protagonista serve como uma transição para o Ato 3º, trazendo em si uma passagem de tempo e o encaminhamento do destino dos personagens. Mantendo a simplicidade em relação ao cenário, as autoras informam que, no terceiro ato, era retomado como ambiente o mesmo gabinete no qual se passara o primeiro. A cena inaugural mostra Jaime sozinho e absorto em suas reflexões, pensando que «está prestes a consumar-se o sacrifício», ou seja, em algumas horas ele viria a ser «o esposo de Esmeralda». Ele lembra que há dois meses luta para habituar-se à ideia de tal casamento, imaginando que desposar Esmeralda e viver junto de Lúcia seria impossível, de modo que deveriam partir em breve, para que conseguisse «a paz que anela» seu «despedaçado coração». Jaime acaba por revelar que seu «sacrifício» só ocorrerá «por amor dessa criatura incomparável», ou seja, ele diz que só aceitara casar com Esmeralda porque aquele fora o pedido de Lúcia realizado quando parecia estar às portas da morte. Ele decide manter a promessa de não deixar Esmeralda sofrer, como «a mais eloquente prova do profundo amor» que sentia por Lúcia (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 30-31).

Na Cena II, Esmeralda junta-se a Jaime e eles conversam sobre os alcances dos sentimentos dele para com ela. A cena seguinte, com a saída de Esmeralda, traz um diálogo entre Jaime e Ascânio; este, percebendo a intranquilidade daquele, busca acalmá-lo, dizendo-lhe que ele está a casar com alguém que «não é uma mulher, é um anjo» e que a sua renúncia em relação à Lúcia acabaria por trazer a felicidade da mesma, por ver a filha bem casada. Ambos ainda conversam sobre o estado de saúde de Lúcia. Na quarta cena, Fernando junta-se aos dois médicos e conversam sobre os preparativos para o casamento (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 31-33).

A futilidade construída em torno do personagem Fernando fica ainda mais evidente na Cena V, quando ele conversa com Ascânio e comenta sobre as moças que frequentarão a festa em preparação. O rapaz demonstra particular interesse na filha de um visconde que, além de bonita, era herdeira de «uma fortuna mais que regular». Neste trecho há uma alusão direta à permanência dos casamentos por interesse, em detrimento do matrimônio motivado por razões sentimentais. É o próprio Fernando que diz que se Esmeralda fugira, ele encontrara Evangelina – a filha do Visconde

– ou seja, permanecia a sua meta fundamental de conseguir um casamento arranjado que lhe garantisse um dote considerável. Os limites intelectuais apontados para Fernando ficam também evidenciados quando ele mostra um belo anel que comprara para ostentar na festa, ao que é atalhado com a pergunta de como ele poderia ostentar a joia recém-adquirida se estaria usando um par de luvas (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 33-35).

Na mesma ocasião, ocorre um diálogo entre Ascânia e Lúcia, quando o primeiro informa que Jaime pretende afastar-se dali pouco depois de realizado o casamento. Além disso, o médico insiste que Lúcia deve continuar tomando os devidos cuidados com a saúde, recomendando-lhe que destinasse «um tempo à vida campestre», em nova referência ao hábito daqueles que tinham condições socioeconômicas de fugirem aos maus ares dos centros urbanos (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 35). O pensamento solitário de Lúcia compõe a sexta cena, na qual a protagonista reflete sobre suas amarguras e a respeito do sacrifício que estava a fazer em nome do amor filial:

Sinto-me mal. A vida abandona-me; o momento fatal aproxima-se. Pobre filha! Se ela soubesse quão cara comprou a sua ventura! Para que ela visse realizado o seu ardente anelo, sua mãe, a sua melhor amiga, aquela a quem ela idolatra, por quem faria todos os sacrifícios, sorve gota a gota a taça do desespero. E vou testemunhar a união de Jaime, vou abraçá-lo como a um filho. É muito Senhor Deus! É enorme o castigo para o valor do crime. Amá-lo, pois seria crime amá-lo? Acaso obedece o coração, quando um poder extraordinário o faz pulsar violentamente? Tentei amordaçá-lo, comprimi-o, ordenei-lhe que emudecesse, mas... foi em vão! Animou-se reviveu, sonhou, enflorou-se de esperanças, de crenças, de ilusões, de anelos, de utopias! E, hoje, que profundo abismo, báratiro insondável se abre diante de si, louco de dor, louco de desespero para ante a voragem e irrisão, coroa-se de rosas enlaçadas aos martírios que o circundam e abençoa os seus algozes! Algozes! Algozes eles dois corações que me amam, duas almas sensíveis, ternas, duas estrelas que cintilam no escuro da minha tormentosa vida. Dois baixeiros que vagarão de agora em diante unidos, buscando o porto do futuro que lhes alveja qual branca vela no horizonte. Oh, algozes não. À beira do túmulo eu vos abençoo. (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 36-37)

Uma Esmeralda assustada ao encontrar a mãe em prantos se faz presente na Cena VII, na qual a filha questiona Lúcia quanto ao motivo de sua tristeza, perguntando se aquele casamento não contava com toda a

sua aprovação, ou ainda se ela não tinha confiança o suficiente em Jaime. A resposta de Lúcia traz em essência muito do pensamento vigente sobre o papel social associado à maternidade, ao menos em termos idealizados. Neste sentido, Lúcia passa a discorrer sobre uma série de asserções em relação à questão do «ser mãe», apontando-as:

Ser mãe é esvaziar sorrindo o cálice do veneno, quando sabe que após ele virá delicioso néctar umedecer os lábios do filho amado. Ser mãe é deitar serenamente a fronte sobre agudos espinhos, para que o filho repouse em alfombra perfumada. Ser mãe, Esmeralda, é não ver o precipício que se apresenta sob nossos olhos, e caminhar, caminhar para a frente, quando o filho estremecido nos acena amorosamente do lado oposto. Oh, minha filha, ser mãe é ter tanta coragem, tanto valor, tão extremada força de vontade, que, firme, resoluta, quase feliz, crave vagarosamente o estilete na ferida sangrenta aberta no âmago do seio, encarando serenamente o sangue que goteja, se uma voz oculta repete-lhe: sangra, sangra mais, que dar-te-ei em recompensa todos os gozos que hás sonhado para a criança idolatrada que apertas ao seio. E eu sou Mãe, Esmeralda. Eis porque choro quando em volta de ti encontrares apenas flores! (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 37-38).

Em resposta, Esmeralda, «profundamente comovida», beija Lúcia, agradecendo à sua «santa mãe», dizendo ainda que reconhecia «todo o valor do seu incomparável amor», o qual seria retribuído com «muito afeto». A jovem noiva busca tranquilizar a mãe, apelando para os necessários cuidados com a sua saúde e convida-a para que se preparassem, tendo em vista a recepção que se aproxima. A oitava cena descreve a chegada dos convidados, todos vestidos «com apurada etiqueta». A criada Adelaide observa ao largo e seu pensamento compõe a breve Cena IX, na qual ela vê a cerimônia concluir-se e relembra suas previsões, ao constatar que dissera que «a menina morria por ele», desejando que fossem muito felizes. Ao final, a empregada observa um rumor e verifica que Lúcia estava desmaiada. Era a preparação para o desfecho da peça (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 38-39).

A décima e derradeira cena do último ato traz a trágica conclusão do drama, com a morte de Lúcia diante da filha, do genro, do sobrinho, do amigo Ascânio e de alguns dos convidados. Os males que tanto lhe atormentaram chegavam ao ápice e o tamanho do sacrifício que fizera parecia ter-lhe tirado as últimas forças. Todos lamentam a fatalidade e

diante das palavras de Ascânio se dá o encerramento, afirmando que «só as mães poderão compreender a grandeza daquele coração», que passara a ser «afinal feliz», uma vez que «a chaga que lhe coroa o viver, está para sempre cicatrizada. Sua frase final revela seus reais sentimentos em relação à morta, ao exclarar que a chaga que consumia a sua própria existência nunca deixaria de sangrar. O pano caia pela última vez» (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 39-40).

Em *Coração de Mãe*, Revocata Heloísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro ainda trazem conteúdos demarcados por uma inspiração romântica notadamente na questão do amor sem esperanças, as desilusões sentimentais e a culminância com a tragédia, seguindo uma perspectiva bem comum ao drama de fundo teatral de então. Mas no livro também surgem questões diferenciadas, como um protagonismo feminino e, fundamentalmente, a abordagem de questões em torno da emancipação feminina, não é para menos a relevância dada ao livro da autora de Maria Benedita de Bormann, fortemente vinculado a tal tema. Nesta linha, em *Coração de mãe*, as irmãs Melo apresentam uma interação entre o ficcional e a realidade por elas vivenciada, bem como uma clara intenção de provocar a reflexão junto ao público.

### 3 – *Berilos*

O livro *Berilos* é lançado em 1911 e constitui mais uma obra escrita em parceria entre as irmãs Melo. O livro tem as dimensões 17,3 cm X 12,2 cm e não há referências à editora, indicando que se trata de uma publicação realizada pelas próprias autoras (**Figura 9**). O título é uma alusão a um mineral que, se trabalhado, adquire certo valor vinculado à preciosidade das pedras<sup>1</sup>, ou seja, traz consigo a intenção das autoras em apresentar uma joia literária ao público leitor. Na Biblioteca Rio-Grandense se encontram dois exemplares remanescentes de *Berilos*.

A colaboração entre as irmãs se restringe à edição do livro, uma vez que em *Berilos* ficam discriminados cada um dos segmentos por elas escrito, respectivamente. A obra possui trezentos e sessenta e quatro páginas e é dividida em «Primeiro Livro», da lavra de Revocata, com duzentas

<sup>1</sup> Berilo significa «mineral hexagonal, silicato de alumínio e glucínio, pedra preciosa» (FERREIRA, 2010, p. 305).

e vinte e seis páginas, e «Segundo Livro», de autoria de Julieta, que tem cento e trinta e oito páginas. Cada um dos «Livros», por sua vez é dividido em duas partes.

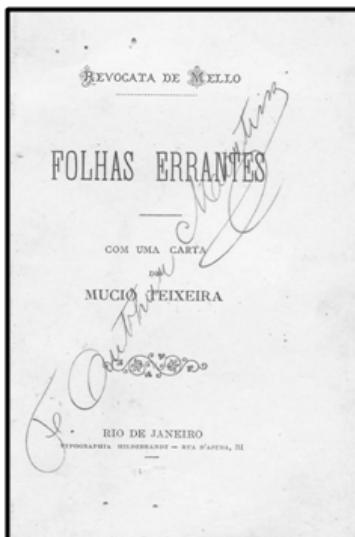


Figura 9

O «Primeiro Livro» de Berilos traz na folha de rosto inicial a identificação da autoria – Revocata H. de Melo – e, no verso da mesma, suas obras. São citadas *Folhas errantes* e *Coração de mãe*, mas também, na condição de «a publicar» *Manifestações de palavras* e *Mosaicos*, a primeira voltada à transcrição de discursos e conferências e a segunda a pensamentos. Nas outras folhas de rosto aparece a dedicatória referente aos entes queridos perdidos por Revocata: «À pranteada memória dos meus adorados mortos – culto de eterno amor», e aos seus sentimentos fraternos: «Aos idolatrados irmãos e amigos de sempre Julieta e Romeu – tributo do coração». As duas partes nas quais se divide este primeiro livro têm denominações também ligadas ao título geral da obra, pois a primeira, com catorze textos chama-se «Reflexos», ao passo que a segunda, «Cintilas», é composta por vinte textos. Tais nomes trazem em si tanto o reflexo e o tom cintilante das joias, traduzindo a perspectiva da reflexão e do cintilar do pensamento que pode estar presente na obra literária. Neste sentido, a primeira parte é composta por contos e a segunda, por crônicas somadas a breves pensamentos sobre diferentes conteúdos da vida em sociedade, envolvendo meditações pessoais da autora.

Desta maneira, «Reflexos», a primeira parte, é composta pelos seguintes contos: «A despedida», «A suicida», «A confissão», «A volta do filho», «O dote», «A esmola», «O pêssego», «O náufrago», «Uma cena de campanha», «A luta pelo amor», «Narrativa de um cravo branco», «O paralítico», «Página de um livro íntimo» e «O retrato». Já a segunda parte, «Cintilas», é formada pelas crônicas «Aos corações que amam», «A amizade», «O coração da mulher», «A sala de jantar», «A oração», «A avó», «O egoísta», «O luxo», «O outono», «Os estranhos», «A lei do trabalho», «O mar», «A educação na família», «A verdadeira virtude», «Visita ao cemitério em dias de Finados», «Carta a uma amiga», «O médico», «Os hóspedes», «O ciúme» e «A enfermeira».

Um dos costumes nas obras de Revocata de Melo – as dedicatórias – é mantido em *Berilos*, de modo que cada um, entre quase todos os textos, é ofertado a uma pessoa. Dentre os homenageados há nomes de destaque da literatura e do jornalismo e outros sobre os quais não recaem sequer uma simples informação. Nesta perspectiva, aparecem nas dedicatórias intelectuais brasileiros como Olavo Bilac, Inês Sabino, Andradina de Oliveira, Ibrantina Cardona, Alba Valdez, Carlos Ferreira, Vicente Carvalho, Cândida Fortes Brandão, Júlia Lopes de Almeida, Rosália Sandoval, Ana Aurora do Amaral Lisboa, Francisca Isidora Gonçalves da Rocha, Alfredo Melo e Presciliâna Duarte de Almeida, além da escritora cubana Eva Canel (PERDIGÃO, 1934, p. 673, 677; MARTINS, 1978, p. 124, 215, 316, 359, 375; SCHUMAHER; BRAZIL, 2001, p. 72-73, 274, 305-306; COELHO, 2002, p. 29-30, 217, 545, 571).

Dentre os homenageados aparecem também parentes da autora, como os irmãos Julieta de Melo Monteiro e Romeu Monteiro; e Manuel dos Passos Figueiroa e Júlio Melo, apresentados pela autora como seus primos. São citadas por Revocata, como amigas: Mariquinhas Chula, Amélia Lisboa, Lauducena de Melo Silveira, Marieta R. de Carvalho, Amélia Calcagno Cardia e Janoca Garnier. E, dentre aqueles nomes sobre os quais não há qualquer referência, figuram: Matilde M. de Almeida, Cândida A. Pereira, J. Guelfreire, Belém de Sárraga e D. Dolores Ramos Otero.

A parte inicial do «Primeiro Livro» de *Berilos* é composta por contos que trazem temáticas variadas. Nestes escritos, Revocata Heloísa de Melo retoma muitos dos assuntos que desenvolve desde os primórdios de sua carreira e que se tornam recorrentes em sua obra. Ainda que interdependentes, eles guardam certa relação entre si e os principais temas são a condição feminina, a morte e a guerra.

As ideias de Revocata de Melo acerca do papel social feminino e a relevância da educação na formação da mulher ficam evidenciadas no conto «O dote». O texto retrata um melancólico e frio entardecer de inverno no qual um casal de velhos, somente ele identificado pelo nome de Eduardo, sem que haja indicação do nome da esposa, dialogam acerca de todos os esforços feitos para conseguir formar um dote para sua filha Helena. O espírito dominante é o de arrependimento pelo mau casamento de Helena (MELO, 1911, p. 31-32). Por meio da conversa do casal se dá a defesa da instrução como condição fundamental para a formação feminina:

Quando buscava esclarecer-te o espírito, ficavas de mau humor, retrucavas-me até grosseiramente, e não querias que mandasse a menina à mestra, porque uma mulher para servir a um homem, basta que seja esposa fiel, incansável no serviço doméstico, e mais que tudo, possuidora de um dote!

Quantas rugas tivemos, porque querias à força demonstrar-me que a mulher que tem um dote em dinheiro é feliz, porque encontra facilmente um marido!

Tens razão mulher, os anos, a experiência, a força dos fatos observados, trouxeram-me a certeza do critério dos teus argumentos. Acompanha-me como um fantasma horrível, fere-me como um remorso, aquele dote que a custo dos maiores sacrifícios, destinei para o marido de Helena! (...)

E lembrar-me que trabalhei tanto, que fiz as maiores economias, pensando na felicidade da minha filha, e tudo isso que acumulei, passando até privações, foi para dar curso ao vício do tratante, do malvado, do vagabundo que soube iludir-nos até a hora de apanhar a presa! Juntar dinheiro para aquele odioso patife esbanjar, gastar à larga, com toda a sorte de infâmias, e a pobre Helena, longe de nós, passar fomes, frios, vergonhas, e não nos poder contar, nem mesmo por uma carta, porque eu, imbecil ignorante, cuidava que uma mulher não precisava aprender, bastava ter dote, para achar marido, e aí estava a sua felicidade! (MELO, 1911, p. 32-34).

A triste história de «O dote» termina em tragédia, quando o texto revela que o destino da infeliz Helena fora o túmulo. Entretanto, fica um rasgo de esperança, pois ela deixara uma filha, agora sob os cuidados dos avós e Eduardo demonstra uma renovação de suas convicções, afirmando que a neta haveria de ir à escola e de «habilitar-se para os imprevistos da sorte», não sonhando para ela «um dote em dinheiro e sim um marido honrado e educado» que a procurasse «para sua companheira pelo amor

nobre que transforma em paraíso as agruras da vida». A frase que encerra o conto é lapidar e conclusiva em relação ao pensamento em pauta: «Um marido alcançado pelo dote é um marido comprado» (MELO, 1911, p. 35).

As interfaces entre a pobreza e a condição social da mulher estão presentes no texto «A esmola», que trata de uma «pobre velhinha», abandonada à própria sorte em uma noite chuvosa, gélida e ventosa. A personagem tira «de frio e de pavor», enfrentando a «solidão horrível» da pobreza, e pensa sobre a «parca e exígua refeição» com a qual contava para aquele dia. Ela chora diante da «tortura da miséria», lamentando pelo «destino maldito» que lhe roubara o «filho adorado, operário honrado», que tudo enfrentava «pela sua blusa de trabalho». Apesar de toda a penúria, a velhinha não deixa de entregar seu último pedaço de pão à criança que bate à sua porta, pedindo algo para a sua mãe, «infeliz paralítica que passara o dia com fome». A preocupação central do texto está relacionada com as mazelas sociais que historicamente afigiram o país, notadamente no caso de uma mulher em plena velhice e sozinha. A senhora perdera seu arrimo de família, sem poder contar com nenhum apoio e, ainda assim, dividira seus poucos víveres com alguém em condição de fragilidade social ainda mais intensa. A frase final bem revela o desamparo e a desesperança: «Deus velará por mim!» (MELO, 1911, p. 37-40).

A pobreza e o feminino também são a temática predominante em «O pêssego», que tem por cenário um conceituado colégio, no qual a aceitação das alunas se dava a partir de «altas exigências», de modo que «só as filhas de abastados proprietários» tinham condições de frequentar a «importante casa de instrução». O texto se concentra na algazarra das meninas enquanto aproveitavam suas fartas merendas. A exceção era Branca, uma «galante», mas pobre criança, só aceita por ser filha de uma fiel criada da mãe da diretora. Durante o recreio, enquanto as colegas aproveitavam a lauta refeição, a pobre menina se limitava a mastigar «tristemente um seco pedaço de pão». Ela até «tinha ímpetos de implorar um pouquinho daqueles comeres», mas a avó ensinara-a a não fazê-lo. Seu único lenitivo era Pepita, colega que compartilhava com ela sua merenda. O cerne da história se dá com o desaparecimento de um enorme pêssego do pomar, prometido ao professor de música. Apesar da existência de evidências de que Pepita era a culpada, Branca assume a culpa pela amiga, vindo a ser reconhecido por parte da professora «aquele sublime ato de abnegação», apontando Branca, dentre as demais alunas – que a tinham

acusado – como «a de mais nobres qualidades» e «a de melhor coração». O texto deixa uma moral evidenciada, evocando que nem sempre a melhor condição social pode ser sinônimo de honestidade, podendo a integridade estar do lado mais pobre (MELO, 1911, p. 41-45).

O feminino, a natureza e o romance predominam em «Narrativa de um cravo branco», no qual a própria flor, ganhando vida nas asas literárias, conta sua história. Ela, após colhida, foi entregue pelo jardineiro a «uma senhorita que era o mimo dos pais e que amava o belo como todas as almas repletas de ilusões». Tal moça resolve presentear o cravo para uma amiga, «que tinha a imaginação cheia de poesia e o coração pleno de ternuras». Esta, por sua vez, deu a flor para um «moço elegante, bonito, de olhar ardente e sorrisos francos». Ao final da vida, já quando perdera o perfume e a beleza, o cravo se dizia feliz por ter sido guardado carinhosamente pelo rapaz, pois «servira de talismã de amor, e morrera na propriedade de um dono gentil», que sabia «falar ao coração da mulher». Era mais um retrato do amor romântico, tantas vezes atribuído como destino ideal nos caminhos do feminino (MELO, 1911, p. 63-66).

A figura feminina e o heroísmo ficam articulados no conto intitulado «O retrato». A protagonista é Rosa, moça «criada na roça, filha de pais rústicos e vivendo unicamente para o labor material». Tais condições de vida tiram de Rosa todas as possibilidades de estudo ou urbanidade, de modo que ela «nem sabia ler». Apesar disso, a autora traça um outro olhar sobre Rosa, definindo que, «em compensação» à falta de formação, ela era «de uma natureza totalmente poética», ou seja, mesmo que despreparada para as luzes do conhecimento, seus «grandes olhos, divinamente pensativos, buscavam de preferência as telas da natureza, tocadas pelos reflexos violáceos da tristeza». Ainda que «os mais guapos rapazes da vila» pretendessem conquistar o coração de Rosa, ela permanece fechada às investidas, uma vez que preferia se dedicar a um «amor ideal», que destinava a um retrato colocado à cabeceira de seu leito (MELO, 1911, p. 75-77).

Em seguida, Revocata passa a descrever as circunstâncias pelas quais aquele retrato chegara às mãos de Rosa. O contexto narrado pela autora é identificado plenamente com as revoltas que marcaram as origens da República no Brasil, a Revolta da Armada e a Revolução Federalista. A narrativa remete à presença de um viajante que pernoitara na casa dos pais da protagonista, vindo da guerra e destinando-se à capital, «em honrosa comissão militar». Em referência à rebelião da Armada, a autora

descreve que aquela visita se dera bem na ocasião em que «fracassara na baía do Rio de Janeiro a importante Revolta de 6 de Setembro, que tantos rasgos de heroísmo alcançou da intemerata marinha brasileira». O viajante saíra apressado, esquecendo-se de um retrato, o qual se torna objeto da paixão de Rosa, admirando a imagem do homem, sem saber ler o seu nome estampado abaixo da fotografia. O fim do conto era trágico, com a morte de Rosa aos dezessete anos, «vitimada por cruenta febre», bem de acordo com os tantos focos epidêmicos que assolavam o Brasil e o Rio Grande do Sul naquela virada do século XIX para o XX. O retrato que marcava a história de amor acaba por ser encontrado e identificado como de Saldanha da Gama, denominado de «imortal brasileiro». Dois pensamentos ficam expressos na narrativa, ou seja a impossibilidade da mulher identificar o alvo de seu amor, por não saber ler – relembrando a questão da relevância da educação feminina –, e o enaltecimento da autora para com um dos principais personagens da Revolta da Armada e que viria a ingressar também na Revolução Federalista, lutando contra os governos autoritários de então, buscando elevar o militar Saldanha da Gama à condição de herói nacional (MELO, 1911, p. 77-79).

Quanto às interfaces entre as temáticas abordadas na primeira parte dos escritos de Revocata, ocorre uma aproximação entre a condição feminina e a morte. Neste sentido, «A suicida» traz os dilemas de Regina, personagem única do conto que encara o suicídio como uma alternativa para a sua agonia, vendo tal atitude não como uma covardia e sim como «um meio extremo», ou seja, o termo de um «viver que atrofia, aniquila o corpo e o espírito». Regina considera que «saber morrer em certas circunstâncias da vida é um heroísmo», afirmando que tinha «forçosamente de buscar a morte». Ao longo do conto, em sua solidão, a protagonista pensa e repensa sua atitude, trazendo diversas reflexões sobre o ato fatal que está por cometer e a culminância da história se dá com Regina sentada ao leito e disparando o revólver contra seu coração. Revocata leva ao leitor um tema complexo como o suicídio, mas também reflete sobre a condição feminina ao revelar, em meio ao texto, o motivo que a levou ao auto-sacrifício. A autora descreve que «Regina era moça, e não pode deixar de vencer-se pela fraqueza do sexo»; ela desejava «ter um coração rijo, um coração de ferro, mas a natureza despertou-a ainda para um pueril capricho». Em outras palavras, a escritora descreve a situação da moça que perdera a virgindade fora do casamento, condição que à época era encarada com pleno preconceito e considerada como inaceitável. Os

rígidos padrões de conduta moral e social acabavam por ser uma fator de imolação da figura feminina (MELO, 1911, p. 15-19).

A mulher e a extinção da vida também estão presentes em «A confissão», texto composto por dois personagens, o marido, na cama, às portas da morte, não identificado por um nome e sua esposa Marina, que lhe dá as últimas assistências. O esposo agonizante conta a ela um segredo de um colega de farda – mais uma vez a autora traz à tona a recorrente vida militar gaúcha, na qual as condições de ser civil e militar confundiam-se nas vivências dos homens – que cortejara uma mulher supostamente casada e que com ele trocara correspondência. Com a morte do amigo, o marido ficara com as cartas e, agora moribundo, preferira mostrá-las à esposa para que ela não pensasse que era ele o traidor. Por mais que a história evidencie que o ato não passou da troca de missivas, a cada momento fica demarcado que a mulher em questão é a própria Marina que «estremece sem querer» ao ouvir o relato e prepara-se para «implorar o perdão» do marido, apercebendo-se então que ele morrerá. A autora mais uma vez toca em uma questão candente aos padrões morais de então, ou seja, aborda o princípio da fidelidade feminina, pelo qual a esposa tinha uma obrigação quase que sacrossanta para com seus votos matrimoniais, de modo que até mesmo uma troca de correspondências poderia ser considerada como uma traição (MELO, 1911, p. 21-26).

O final da vida, temática tão recorrente na obra de Revoca, também se faz presente no texto «O naufrago». A maior parte da vida da autora foi passada na portuária cidade do Rio Grande, conhecida pelo comércio marítimo e pelas atividades ligadas à pesca, mas também pelas amplas dificuldades oferecidas à navegação, ficando aquele trecho da costa gaúcha conhecido inclusive como cemitério de navios. Neste sentido, tal contexto serve também para que a escritora busque inspiração e, mais uma vez, aborde a questão da morte. O conto se passa em «uma noite de julho, nevoenta, gélida e triste», bem de acordo com as condições do inverno rio-grandino, e retrata a chegada de um naufrago às proximidades da terra. O marinheiro, «bravo filho das ondas», desdenhara «sempre da tempestade e da traição dos mares», mas acabara se deparando com o «medonho impossível». Ele vira seu navio afundar e escapara em uma «frágil canoinha», vagando por dias «à mercê das ondas» e, vendo «uma nesga de terra», empreendeu «luta aterradora» para chegar até ela. Mas o homem do mar não atinge seu objetivo, morrendo antes de chegar à praia, sendo encontrado por «pescadores aterrorizados», ao encarar «aquele esquife

marítimo com um cadáver no fundo». Neste texto, a autora traz às suas narrativas um episódio que muitas vezes deve ter lido nas páginas dos periódicos locais que tantos sinistros marítimos divulgaram em suas notícias (MELO, 1911, p. 47-49).

O desespero e a proximidade da morte são os temas do conto «O paralítico», narrativa da vida de Gastão, um artista que aprimorara seus talentos estudando na Itália, mas que, retornando à pátria, viu-se «repentinamente a braços com uma paralisia cruel», ficando condenado ao leito e à cadeira de rodas. Era uma dura existência, «torturada em plena mocidade», porém ele ainda conseguia utilizar o pincel e dar vida à sua arte. Mas até aquela mínima condição atenuante, foi perdida quando a paralisia chegou até mesmo aos braços. Só restavam os cuidados da «mãe extremosíssima», e a tristeza impõe até que ele lançasse o «derradeiro adeus» para o pincel e a palheta. A finitude humana, tema tão caro à obra de Revocata, que inclusive perdeu um irmão também artista, vinha mais uma vez a marcar sua produção literária (MELO, 1911, p. 67-70).

Amor e morte compreendem o pano de fundo de «Página de um livro íntimo», o qual se concentra num diálogo entre um homem e uma mulher. Ele conta «a história de seu amor, com tanto sentimento, com tanto ardor, com tanta alma, que a impressionara vivamente», de modo que ela se sente «docemente atraída por ele». Entretanto a história que ele descreve é sobre a morte de sua noiva, e sua «amargura e tortura» é comparada à de Prometeu, Romeu, Eurico e Petrarca. Tal sentimento é descrito como uma «epopeia de amor», na qual ele estava «sempre acompanhado pelo espírito da mulher amada, como se fora o seu anjo da guarda». O amor além da vida era a moral do conto, julgando que «aquele homem, tão longe da vulgaridade dos homens, merecia bem ser amado por uma mulher capaz de compreender toda a imensidão de sua alma». Mas fica demarcada a ressalva, com «a triste certeza de que o coração» daquele homem «estava profundamente adormecido para as paixões terrenas, guiando-o na vida o culto imaculado de uma recordação sagrada», que marcaria sua existência no passado e no presente (MELO, 1911, p. 71-74).

A questão da morte também adeja em «A luta pelo amor», texto que conta a história de Antônio, um jovem português que viera para as plagas rio-grandenses para tentar ganhar a vida. Nesse meio tempo, apaixona-se por Francelina, passando a contar com o «paraíso do amor correspondido». Apesar de feliz com o romance, Antônio estava insatisfeito, pois não conseguia um trabalho que permitisse melhores condições de vida, vendendo-se

diminuído em «seu singelíssimo trajar», diante «dos rapazes que procuravam disputar o amor de Francelina, envergando belos fatos domingueiros». Apesar das dores do amor, Antônio decide buscar melhor colocação em outro lugar, tendo de despedir-se de sua amada. Após várias tentativas, o «jovem herói» consegue os progressos desejados, mas, ao procurar Francelina, descobre sua trágica morte, restando-lhe apenas conviver com a saudade e as lembranças da moça que não chegara a desposar (MELO, 1911, p. 55-62).

A guerra com a qual a autora convive tão proximamente foi outro tema inserido na parte inicial de *Berilos*. Nesta linha, «A despedida» descreve um quadro de guerra. A história trata de Gilberto, um militar condenado ao fuzilamento, que tem a última chance de visitar sua filha, antes da morte anunciada. Há fortes indícios de tratar-se da guerra federalista, encerrada alguns anos antes e que foi evidenciada pela violência. Gilberto poderia ser um prisioneiro, um traidor ou um desertor, cujo destino estava marcado. Disfarçado, ele consegue chegar até a vila em que morava e encontra sua Mimi dormindo, vindo a abraçar-lhe e aproveitando os últimos instantes em sua presença, tomando o cuidado para não a acordar, evitando revelar seu triste destino, que se confirmaria, caindo fuzilado na manhã seguinte. Revocata revela nesse conto a realidade tão presente nas vivências sulinhas, marcadas por guerras que ceivavam maridos e pais de família e, como ela mesma destaca, Mimi estaria abandonada aos infortúnios da orfandade: «E ficaria no mundo aquele anjo, sem os seus carinhos, entregue quem sabe a ingrato destino» (MELO, 1911, p. 9-14).

As sequelas dos conflitos bélicos estão mais uma vez presentes nos escritos de Revocata no conto «A volta do filho», que retrata o retorno de um «garboso militar que fazia o encanto das moças da vila e a inveja dos rapazes de todos aqueles arredores», mas que, «vítima da guerra» voltara como «um infeliz inválido», com os braços «arrebatados por uma bombarda inimiga». A autora descreve que o rapaz atuara sob a força «sublime de heroísmo e amor pátrio», indicando que ele lutara num dos tantos confrontos bélicos que o Brasil realizou contra os vizinhos platinos e nos quais a participação dos soldados gaúchos foi fundamental. O jovem mutilado é recebido por sua mãe, uma «pobre velhinha» que havia «suportado por longos meses as agruras da saudade e as tempestades desabridas da pobreza». O destino da personagem, chamado Álvaro, junto de sua mãe é caracterizado como tétrico, tendo em vista o inverno «horríido e impiedoso» que se aproximava, de modo que «a miséria os esperava com

as fauces escancaradas, medonhas». Por meio de seu conto, Revocata de Melo evidencia mais uma vez os horrores da guerra, que tanto ceifara muitos de seus conterrâneos, deixando abandonadas à própria sorte inúmeras famílias (MELO, 1911, p. 27-29).

As agruras da guerra voltam a ser retratadas por Revocata Heloísa de Melo no conto «Uma cena de campanha», na qual é descrita a morte por fuzilamento de «um pobre rapaz de vinte anos, infeliz soldado a quem coubera a sorte de ser passado pelas armas», por ter cometido a terceira deserção. A autora descreve a «campa onde dormia o sono eterno uma desventurada criança», sem deixar de apontar a causa que o levara a cometer aquele crime militar. Ele abandonara o posto por três vezes, movido «pelo grande amor de filho», para ir visitar «a mãe pobre e enferma», deixando de lado até «a rigorosa disciplina militar, o amor da pátria e a voz ríspida do capitão». A nobreza do moço fica retratada em seu último ato, ao pedir a um sargento que leve as moedas de seu último soldo para sua «velha mãe». O recorrente tema dos confrontos bélicos tão comuns à formação gaúcha voltava à pauta nos escritos de Revocata, sem deixar de demarcar a injustiça da guerra que ceifava os filhos às suas famílias (MELO, 1911, p. 51-53).

«Cintilas», a segunda parte do «Primeiro Livro» de *Berilos*, apresenta uma série de crônicas envolvendo reflexões pessoais da autora e abordando matérias diversificadas, muitas delas envolvendo questões comportamentais como amor, condição feminina, família, religião, tristeza, trabalho, instrução, ambiente natural, assistência social, morte e vida profissional. Alguns deles são assuntos recorrentes na obra de Revocata e estão associados a outros não tão comuns, de modo que sua variabilidade indica a sua apresentação linear e não temática. A maior parte destes textos que compõem a segunda parte é entremeada por breves sentenças, expressando pensamentos da escritora acerca de diversos tópicos relacionados à vida em sociedade.

O texto que abre a parte intitulada «Cintilas», denominado «Aos corações que amam», versa sobre um sentimento que, segundo a autora, não poderia ter fim – o amor, mostrando um caráter dicotômico para o mesmo, ou seja, «ele vive e viverá sempre» para «o martírio e a felicidade da criatura humana». Pelo lado negativo, a escritora identifica causas em geral de fundo amoroso nas estatísticas criminais, na presença em hospícios, e nos atos suicidas. Mas, em outra perspectiva, afirma que «quem ama tem sempre a alma aberta para o belo», principalmente quando o alvo

da observação é a natureza; bem como declara que «quem ama comprehende e admira todas as manifestações da arte», como a música, a poesia e a pintura. Diante disso, Revocata conclui que «embora seja o amor um sofrimento, quem ama vive, sonha, pensa, deleita-se nos braços de uma quimera», de modo que finaliza o texto, declarando que «o coração precisa amar» (MELO, 1911, p. 85-90).

Ainda em suas reflexões, Revocata escreve «A amizade», opinando com certo descrédito que «os fatos que atestem a real existência desse sentimento, que tanto nobilita a criatura, são raros, muito raros». Na definição de amizade, a autora reflete que «a amizade em sua fina cristalização é o refletor de uma dedicação sem limites» e «encerra uma poesia íntima», a qual «melhor resiste à ação dos anos». Revelando uma visão mais ampla de sociedade, a escritora afirma que «a amizade, tal como deve ligar as existências que se aproximam por intraduzível força de circunstâncias», deve desconhecer «sexos, idades e classes», falando «mais alto que todas as nossas conveniências e interesses». Finalmente, conclui que «o sublime sacerdócio da amizade é mostrar-se um espírito fora da órbita do egoísmo», tendo «a alma moldada para as ações grandes e nobres» (MELO, 1911, p. 93-97).

Uma idealização do feminino aparece em «O coração da mulher», crônica na qual a autora, defende que, apesar das exceções, «as mulheres, em sua maioria possuem um coração todo afeto, todo ternura, todo magnanimidade». Segundo Revocata, «o coração da mulher é um ninho de afetos, um sacrário onde guardam-se tesouros de virtude, que o homem nem sempre sabe avaliar». A propósito, a escritora exclama que «os homens falam muito das mulheres, porque não sabem compreendê-las», de maneira que eles deveriam «render todos os cultos, todas as vassalagens de afeto» aos corações femininos. Considera também que «os homens têm ainda muito que estudar o coração feminil, de modo que seria feliz o homem que soubesse «a fundo conhecer o coração da mulher, porque gozará de uma ventura rara, cercado de uma tranquilidade invejável». Acerca do tema, Revocata de Melo conclui que «o valor do coração da mulher» poderia ser comprovado pelos «maiores exemplos de sacrifícios e de abnegações» que «têm sido dados pela mulher, desde os tempos primitivos» (MELO, 1911, p. 101-105).

A convivência em família é outro tema contido na obra da escritora rio-grandense, a partir do texto «A sala de jantar». Neste sentido, Revocata afirma que «francamente falando, o nosso paraíso é o nosso lar», ainda mais quando ali existissem «a boa educação e o verdadeiro afeto», unindo os familiares num «mesmo elo de cordialidade e respeito». No âmbito da casa, a autora identifica a sala de jantar como «o ponto principal das reuniões de família», no qual todos conversavam sobre as circunstâncias e relembravam as memórias do passado. Para ela, tal aposento representa «o santuário da família e a assembleia dos íntimos», reunindo os parentes e as «amizades do coração». Finalmente acerca do assunto, Revocata apresenta detalhes de como poderia ser organizada a sala de jantar para aprimorá-la como o lugar onde acontecia a «sublime poesia da família» (MELO, 1911, p. 109-113).

Em outra crônica, intitulada «A oração», Revocata de Melo revela algumas de suas convicções religiosas. Segundo ela, «a oração é um bálsamo para a alma dos crentes», ou seja, a partir da oração, «as nossas ideias, os nossos pensamentos, os nossos projetos» moldam-se até só mostrar «o bem, a virtude e a resignação». A autora explica que ao orar o indivíduo encontra lenitivo até mesmo para os crimes e as iminências da morte. Para ela, «a oração é tudo quanto há de meigo, doce e suavizador» e estabelecendo uma perspectiva idealizada acerca de fundamentos religiosos, a escritora sustenta: «Felizes dos povos em cujo seio a religião existe, cercada das verdades da palavra de Cristo, porque é de tão abençoada fonte que se levanta a fé» (MELO, 1911, p. 117-120).

O tema em torno do universo familiar volta à abordagem da autora com «A avó», texto que define a figura que lhe dá título como a «criatura que representa na família a paz, o carinho e a ventura». De acordo com Revocata, a avó atua junto aos netos de modo a «formar-lhes o coração para as edificantes peregrinações do bem e da virtude». Tal membro da família é também definido como «o refúgio dos netos», «a paciência evangélica do lar» e «a conselheira austera e complacente no seio da família». Para a escritora, «a avó simboliza a religião e a moral, porque o seu vulto respeitável» apontava, «sempre com a palavra doce e cheia de convicção, os benefícios desses dogmas sagrados» (MELO, 1911, p. 123-125).

Outro assunto sobre o qual Revocata de Melo reflete está encerrado na crônica «O egoísta», na qual opina que «do egoísmo origina-se muitas vezes a ruína da sociedade e do lar». Segundo ela, «o egoísta não pode

ser útil à família, não pode laborar na grande obra da perfeição humana», nem «pode cumprir os deveres de bom cidadão», pois, em seu coração «só tem guarida a inveja e as ambições torpes». Na sua concepção, o egoísta vive apenas para si e as suas aspirações são «gozar e buscar para si toda a ventura que na acanhada órbita de seu enfezado raciocinar, comprehende existir», levando em frente sua «indiferença pelo próximo e extremo interesse pela sua pessoa» (MELO, 1911, p. 129-132).

Revocata traz nova reflexão demarcada no texto «O luxo», no qual ela indica que este é um dos maiores males da humanidade. Segundo a autora, «a sociedade tem os seus inimigos encarniçados, algozes que trabalham infatigáveis para a sua ruína», constituindo uma «trindade diabólica e fatal», formada por «calúnia, intriga e luxo» e o pior deles era exatamente «a perniciosa paixão do luxo». A escritora aponta misérias, ruínas, escândalos, vexações e explorações, provocados pelo luxo e enxerga apenas um ser capaz de combater este mal – «a Mulher Mãe». De acordo com este pensamento, era «preciso educar a criança sem princípios de grandeza e vaidade», não apontando para elas potenciais superioridades em relação aos outros. Ainda a respeito do tema, pregava que «as boas e zelosas mães estejam em guarda à virtude de seus filhos, afastando-os de tão tortuosos caminhos», uma vez que «a vaidade é terrível conselheira e jamais deixa de inspirar a fatal paixão do luxo» (MELO, 1911, p. 135-139).

Em uma crônica carregada de lirismo denominada «O outono», a escritora gaúcha revela sua predileção por tal estação do ano. Ela saudava que «estamos em plena poesia do outono, há pelos céus umas nuances suavíssimas, uma transparência ideal», na qual seria possível adivinhar «toda a grandeza desse mistério que o olhar não vara, porém que a alma que sonha, enlaça num êxtase indizível». A autora descreve a estação em pauta, comparando-a às demais, e reiterava a afirmativa das belezas outonais, associando-as às melancolias da vida, exclamando o quanto «é belo o outono com as suas calmas e os seus núncios de tristeza» (MELO, 1911, p. 143-145).

Em «Os estranhos», Revocata relata uma vivência pessoal pela qual, diante de «uma opinião sustentada em nossa presença, deixamos cair da pena as seguintes obscuras considerações». A autora, relembrando seu passado de dores e perdas, nega-se a chamar de estranhos àqueles que, mesmo sem laços de sangue, «aparecem em nossa existência, tomando parte em nossas páginas de dor, com extremos e dedicação, como se constituíssem número na família». Ela confirmava sua convicção de que tais

pessoas «que partilham espontaneamente das nossas mágoas e sofrimentos» e os «que deixam o bem estar de seu lar, para estarem ao nosso lado nos transes da doença» não eram estranhos. De acordo com a autora, tais «criaturas» superavam questões de parentesco, já que sabiam «desempenhar junto de nós o nobilitante papel de amigo» (MELO, 1911, p. 149-152).

Ao revelar um pensamento avançado para os padrões da época, quando, em termos governamentais, a questão social era tratada como caso de polícia, Revocata de Melo propôs a valorização da classe trabalhadora por meio do texto «A lei do trabalho». Para tanto, a escritora lança mão de várias propostas sobre o tema defendidas por escritores como o filósofo e literato iluminista francês Denis Diderot e o poeta francês Victor Hugo. (PERDIGÃO, 1934, p. 229, 339). Ela destaca a nobreza e a honradez do trabalho, detalhando que o alvo de sua atenção eram os trabalhadores de «mãos calosas e endurecidas», ou seja, aponta para a valorização do trabalho como um todo, mas dá maior ênfase ao papel «do artista e do operário», ou seja, aqueles que «fazem as indústrias, desenvolvem as artes, sustentam as fábricas e oficinas, abrem as entradas da terra e tiram de lá a riqueza do homem e a vida das nações» (MELO, 1911, p. 155-157).

Ainda na mesma crônica, Revocata reitera suas preocupações de cunho social, defendendo que «as sociedades modernas, à luz do novo século, não podem deixar de bem dizer essas vigorosas fileiras», as quais «fazem do trabalho honrado a mais ardente aspiração da vida», nobilitando-se «pelo labor» e unificando «a toda humanidade num mesmo pensamento, em uma tarefa de luta progressiva». Para a autora um dos passos essenciais em direção a corrigir as mazelas vinculadas à questão social «é que a instrução popular seja alargada», pois, «um povo ignorante não poderá, embora positivamente laborioso, atingir a esse grau de luz e progresso, reclamado pela sociedade moderna». De acordo com tal ideia, ela concluía que nada via «de mais edificante que a batalha da vida sustentada pelas cerradas fileiras dos homens de mãos calosas», os quais «já têm por evangelho o dever e a honra, mas que precisam trazer também por divisa a luz do espírito» (MELO, 1911, p. 157-161).

O convívio dos habitantes da cidade do Rio Grande com as águas oceânicas, por tratar-se de um porto marítimo, constitui uma constância e nas reflexões de Revocata, tal proximidade também se faz notar, como foi o caso do texto «O mar». Citando o escritor português Antônio da Silva Ribeiro Alves Mendes (PERDIGÃO, 1934, p. 485), a autora realiza

um manifesto pelo alvo de sua paixão, declarando que na natureza não havia algo «mais belo, mais empolgante e mais imponente» que o mar. Utilizando-se de diversos adjetivos, a escritora enaltece as belezas do mar, dedicando-lhe «um hinário de sensações, um poema de sentimentos e uma epopeia colossal» (MELO, 1911, p. 165-169).

As relações familiares e as práticas do aprendizado, temas tão caros à autora se manifestam em «A educação da família». Para promover tal ação, Revocata ressalta a importância do amor, da virtude, do exemplo, do trabalho e da religião. Um dos pontos mais enfatizados pela escritora quanto a este aspecto é o papel feminino, esclarecendo que «a educação na família cabe muito principalmente à mulher, que, no seio do lar, deve representar o carinho, o sacrifício, a paz, a economia e a religião». Ainda que manifeste o reconhecimento pelo papel paterno, destaca que «a mãe é a primeira educadora, o primeiro guia, a responsável segura pelo bom ou mau desenvolvimento» daquelas «almas e vidas que, desde os primeiros vagidos, estão sob a sua guarda, que deve ser desvelada até o sacrifício» (MELO, 1911, p. 173-177).

As constantes ações de assistência social promovidas pelas irmãs Melo se fazem presentes na crônica «A verdadeira virtude», na qual Revocata revela que o auxílio ao outro só seria virtuoso se não visasse à satisfação pessoal e buscasse apenas a gratidão alheia. Com um olhar crítico, a autora diz que agir «com a ideia de ver o nosso nome levado de boca em boca, entre os aplausos sinceros e o elogio bajulatório dos pobres de espírito» viria a constituir «uma das fraquezas do gênero humano», sendo esta a razão de ser a virtude «tão rara e tão mal compreendida». Ela explica também que aqueles que praticam a virtude «passam muitas vezes pela vida inteiramente obscuros e ignorados». Acerca do tema, a escritora conclui que a verdadeira virtude está também associada ao sacrifício do personalismo (MELO, 1911, p. 179-182).

Um olhar crítico sobre hábitos da sociedade aparecia em «Visita ao cemitério em dia de Finados». Na opinião da escritora, a saudade dos entes queridos e a visitação ao «asilo dos mortos» não deveria prender-se exclusivamente à data convencionada do dia 2 de novembro. Segundo ela, a «homenagem sagrada de amor e de respeito» àqueles «que importam uma parte de nossa alma, que valem muitas vezes as mais belas e saudosas páginas do nosso passado» deveria ser «feita muitas e muitas vezes, em outros dias do ano». A autora opina que nos demais dias, «em que o cemitério está deserto», seriam os ideais para «a dor, a saudade atroz

que não tem a mitigá-la um vislumbre de esperança», procurando-se «a solidão consorciada com a poesia solene e impressionável do silêncio». Sobre a presença massiva de visitantes ao cemitério por ocasião de Finados, Revocata não deixa de apontar uma certa hipocrisia de parte de certas pessoas que ali compareciam para cumprir apenas uma tradição, sem maiores manifestações de respeito, havendo em seus comportamentos até «mutações fáceis da lágrima para o riso», diante do que ela concluía: «positivamente, não comprehendo a dor assim» (MELO, 1911, p. 185-189).

Em «Carta a uma amiga», Revocata responde a uma pergunta feita em conversa anterior com uma amiga, a respeito daquilo que ela mais distingua em um homem – «o talento, a ilustração ou a delicadeza». Na forma de uma missiva, a escritora expressa «o que penso sobre o importante tema» e, para tanto, preliminarmente, destaca que as mulheres possuem «uma forma de sentir bem diversa daquela que predomina no homem», tendo em vista que elas tinham por características «a fragilidade do organismo», o retraimento a que eram «votadas desde a meninice» e o «escrúpulo da educação», que as tornavam «imensamente delicadas de corpo e alma». Neste sentido, a autora afirmava que «a mulher nasceu antes para ser adorada, que conquistada», de modo que seria forçoso «compreender que a piedade, a tristeza, o sentimentalismo predominam e influenciam sobre a mulher de forma indiscutível e assaz manifesta» (MELO, 1911, p. 193-195).

Voltando ao tema central de «Carta a uma amiga», a escritora enfatiza as virtudes tanto dos homens delicados, talentosos e ilustrados, mas conclui que «é positivamente comprehensível que o homem delicado, na verdadeira acepção da palavra, é o que melhor pode traduzir as exigências do coração feminino». Para ela, o homem com tal característica era «aquele que não zomba da sensibilidade» feminina, «que estuda o caráter da mulher, os seus gostos, a sua natureza», sabendo «compreender o amor com todos os seus sacrifícios e heroísmos». Revocata aponta que tal homem seria aquele que sabe respeitar as crenças femininas, realiza atos cavalheirescos, com «requintes de gentileza» e cerca as mulheres «de um sem número de atenções». Finalmente, arremata a carta dizendo que o homem «que aliar à delicadeza de maneiras à adorável delicadeza de sentimentos», não deixaria «de saber traduzir a grandeza de afeto que a nossa alma sabe guardar e dedicar» (MELO, 1911, p. 195-198).

Na expressão de vários de seus pensamentos acerca da sociedade que lhe cercava, Revocata de Melo realiza também algumas homenagens a

certas categorias profissionais, como o faz na crônica «O médico». De acordo com ela, «o médico é por excelência um missionário do bem», um «apóstolo querido da ciência» e «o homem que faz jus a toda a veneração da sociedade». Revelando seus ideais igualitaristas, a autora defende que o bom médico «é aquele que não encontra distinções em sua passagem pelos hospitais, pelas enxergas, pelos tugúrios, pelos palácios, pelas câmaras dos nobres e dos milionários». Além das questões ligadas à saúde do corpo, a escritora considera que «o médico tem o grande dever de saber uma linguagem toda de coragem», fortalecendo seus pacientes não só física, mas também mentalmente, atendendo-os independentemente de qualquer circunstância. Segundo ela, «o médico esquece a família, a pátria, o seu bem-estar, os seus mais caros desejos», com o objetivo de «acudir ao homem que pede-lhe a sua ciência e a sua doce dedicação», de modo que, «nestas condições», aquele profissional constitui «um anjo do bem, um pai da humanidade» (MELO, 1911, p. 201-203).

Regras de convivência social em meio à vida familiar são debatidas pela autora em «Os hóspedes». Em primeiro lugar, ela explica que a chegada de um hóspede pode ser definida como uma calamidade que surpreende a «bem-aventurança e serena paz do lar doméstico», quando «os hábitos, os gostos e as comodidades são sempre alterados», pois, na casa, «passa tudo a sofrer mudança». A escritora lamenta que nem sempre se pode contar com «o bom senso do hóspede», o qual deve «compreender que é seu dever sujeitar-se ao regime e costumes daqueles sob cujo teto está abrigado». Ainda assim, ressalta todos os esforços que devem ser empreendidos pela «boa dona de casa», em nome das «leis da hospitalidade», mesmo que «a presença de um hóspede» seja comparável «a uma luta pesada do corpo e do espírito, no tranquilo seio do lar». Apesar do olhar crítico, Revocata abre uma exceção, referindo-se aos hóspedes com quem poderia «ter uma convivência eterna», por valerem «uma epopeia» e deixarem «uma saudade imorredoura» (MELO, 1911, p. 207-210).

No que tange a detalhes das vivências humanas no campo sentimental, a autora elabora «O ciúme», afirmando que, «de todos os sentimentos humanos que ferem o coração humano, nenhum tem de certo uma história mais cheia de sangue, de desesperos e crimes» do que aquele que servia de título ao seu texto. De acordo com ela, o ciúme era um «sentimento arrebatado e cruel», por se lançar «infrene, derrubando tudo como um gênio de destruição» e para corroborar suas ideias lançava mão das impressões de autores franceses como o filósofo Paul Janet e o moralista Jean de

La-Bruyère (PERDIGÃO, 1934, p. 198), destacando na «História um sem número de personagens infelicitados por este terrível tentador». Tentando encontrar algumas de suas motivações, a autora comprehende que tal sentimento era inerente ao ser humano, «não havendo quem tenha deixado de derramar a sua lágrima de ciúme, num desespero mudo» (MELO, 1911, p. 213-216).

Outra profissão lembrada por Revocata fica expressa em «A enfermeira», homenagem a tal categoria profissional, afirmando que a mesma «é uma consolação em meio dos martírios da moléstia», por ser «capaz de despedaçar essa nuvem de dúvidas e incertezas, que parece pairar sempre em torno do leito dos pobres enfermos». Demarcando a possibilidade de uma ação profissional para o gênero feminino, segundo a escritora, «o encargo de cuidar de doentes devia ser sempre confiado à mulher», uma vez que tal tarefa «está mais em harmonia com a sua natureza moldada a um sentimentalismo pouco vulgar no homem», bem como «é esta uma missão de caridade», a qual «veio direta de Deus ao coração da mulher». A autora ressalta várias atitudes elogáveis na prática da enfermagem e finaliza o texto com a saudação: «Bem hajas tu, boa enfermeira, resignada e amorosa» (MELO, 1911, p. 219-222).

Finalmente, no que tange às sentenças apresentadas por Revocata Heloísa de Melo, que se alternam com os textos em «Cintilas», a segunda parte do «Primeiro Livro» de Berilos elas se aproximam do formato dos axiomas ou máximas que, em poucas palavras, expressam um forma de pensar. Nelas, a escritora reflete a respeito das mais variadas temáticas.

Uma destas frases traz uma correlação entre a passagem do tempo e as tristezas da vida, explicando que o transcorrer temporal não consegue apagar as mazelas e sofrimentos, mas, ao menos, colabora com a resignação, lenitivos para aqueles males. Nesta linha, a autora afirma que «o tempo não consegue apagar nomes nem fisionomias, que docemente se gravam em nosso coração», mas, apesar disto, ele «tem um grande poder», uma vez que «estanca as lágrimas e derrama o suave bálsamo da resignação sobre as mais fundas feridas da alma» (MELO, 1911, p. 91).

Também a respeito do tempo, refletindo sobre o devir cronológico e o saudosismo, ela destaca que «invocar o passado é estar em agrioste contato com a saudade». Ainda quanto à mesma temática, a escritora destaca que «o tempo é igual para todos os homens, estes é que o ocupam de forma inteiramente diversa», desta maneira, não seria de admirar «que

os frutos colhidos apresentem tão extraordinárias antíteses» (MELO, 1911, p. 147, 191).

Tendo passado por tantas dores e sofrimentos, advindos das tristezas inerentes à vida, mas também pelas constantes perdas familiares e dificuldades enfrentadas por causa dos conflitos bélicos e as possíveis perseguições oriundas do autoritarismo, Revocata de Melo parece ter conseguido assimilá-las e conviver com muitas delas, tanto que pregava um pensamento cheio de resignação, ao afirmar «a dor constitui um dos elos da cadeia da vida» (MELO, 1911, p. 99).

As breves reflexões de Revocata passam também por outro tema bastante caro à sua obra, voltado às inter-relações entre homens e mulheres. Nelas, a escritora revela os tantos encontros e desencontros que descreve ao longo de seus escritos, afirmando que «uma das felicidades da mulher é ver brilhar nos olhos do homem a quem deu o coração, uma lágrima de sentimentos pelos seus infortúnios». Refletindo sobre a perspectiva de que o amor não tem idade, ela destaca: «em amor todos tem puerilidades, até os velhos» (MELO, 1911, p. 107, 217).

A forte presença da religiosidade é outro condicionante marcante em certos escritos de Revocata de Melo. Vários de seus textos têm alguma invocação à religião, especificamente, à cristandade, de modo que busca valorizar os fundamentos de devoção em detrimento de qualquer perspectiva não-religiosa. Tendo em vista tais ideias, a autora considera que «o ateísmo, roubando-nos essa doce crença nos serve de consolo nas desesperações da vida, materializa o espírito e torna a alma vazia de luz» (MELO, 1911, p. 115).

Educadora durante toda a sua vida, a escritora defende ardorosamente a educação como questão fundamental para o progresso das sociedades e estratégia para possibilitar uma ascensão social. Neste sentido, Revocata traz uma ideia associativa entre o ensino e o igualitarismo, pregando que a instrução deveria ser estendida a todos, independentemente de condições sociais. Este pensamento igualitário, notadamente no que tange ao aprendizado fica expresso na sentença pela qual «a educação livre, sem distinção de classes, fora de todos esses preconceitos prejudiciais às nações cultas, atesta firmemente o adiantamento moral e social dos povos». Na mesma linha, e lembrando sua recorrente luta pelo ensino feminino, ela defende que, «do aperfeiçoamento da educação da mulher, depende a moralidade dos povos» (MELO, 1911, p. 121, 171).

Na época da edição de *Berilos*, Revocata de Melo já está tarimbada nas questões de convívio social, e pronta a identificar tantas das mazelas que afligem tal convivência. É o caso de uma pesada crítica que faz à hipocrisia, tão presente na vida em sociedade. Nesta linha, afirma que «mais vale a convivência do indivíduo que patenteia-nos abertamente seu ignóbil caráter, que a do hipócrita iludindo-nos na nossa boa fé». Segundo a autora, «do primeiro, o golpe não nos pode ferir à traição, do segundo, porém, todo o mal chega-nos de surpresa». Ainda sobre os males sociais ela tece censuras aos invejosos e caluniadores, sentenciado que «inveja e calúnia são venenos fatais, mas sempre vencidos pela ciência da verdade». Também no que tange aos convívios em sociedade, Revocata declara: «há rancores que são uma virtude, nobilitam o homem em vez de degradá-lo» (MELO, 1911, p. 127, 163, 211).

Boa parte da vida de Revocata Heloísa de Melo é voltada para variadas práticas de assistência social. Deste modo, utiliza largamente sua ação como escritora pública e seu prestígio como intelectual para promover ações de cunho social. Tais experiências de vida da escritora também estão presentes em uma de suas sentenças, segundo a qual «pela primeira das ciências, isto é, a ciência da moral, deve o homem guiar-se para cumprir o evangélico dever de ser bom e útil ao próximo». Em sentido próximo, ela afirma que «uma alma boa, generosa, nobre, é um valioso tesouro no mundo (MELO, 1911, p. 133, 223).

O ambiente natural que tanto serviu de pano de fundo ou mesmo de personagem em muitos dos textos em prosa e em versos ao longo da obra da escritora rio-grandense, muitas vezes ambientados em cenários bucólicos não deixou de se fazer presente na expressão de pensamentos da autora. Desta maneira, ela destaca que «a natureza fala-nos ao coração com mais eloquência que todas as manifestações da arte» (MELO, 1911, p. 141).

Com uma vida inteira destinada ao labor, através das atividades como educadora e jornalista, Revocata valoriza o trabalho, mesmo reconhecendo os limites impostos pelas desigualdades sociais. De acordo com tal ideia, ela afirma que «o trabalho não transpõe o vestíbulo das desgraças e privações da miséria, desassombrado percorre imensas áleas, sempre em confraternização com o dever, a justiça e a honestidade» (MELO, 1911, p. 153).

Um dos temas mais recorrentes em suas obras e uma constante em suas vivências pessoais e familiares, a finitude advinda da morte foi algo que esteve sempre presente ao longo da vida da escritora. A respeito

do encerramento da existência, ela enfatiza que, «ante a grande solennidade da morte, apagam-se todos os ódios, esquecem-se todas as ofensas, desaparecem todas as máculas» (MELO, 1911, p. 183).

Convivendo com guerras, desastres naturais e hecatombes sociais que assolararam o mundo, tais como os tantos conflitos bélicos nos quais os brasileiros estiveram envolvidos, as tantas intempéries climáticas que afligiam o país, o Rio Grande do Sul e, notadamente a cidade do Rio Grande, com os constantes obstáculos ao movimento de navios, e a fome e miséria advindas da seca no Nordeste, contra a qual inclusive a escritora se mobiliza empreendendo campanhas, deram a Revocata um amplo convívio com quadros catastróficos. Quanto a tudo isto, ela conseguia ver, pelo menos, um fator positivo, ao destacar que «as grandes catástrofes são um vínculo potente a confraternizar os homens, onde desaparecem ódios e distinções, raças e preconceitos» (MELO, 1911, p. 19).

O último dos pensamentos expressos por Revocata Heloísa de Melo no livro *Berilos* está ligado à questão da soberania dos povos. A respeito do tema, traz a reflexão sobre um contexto histórico que vinha marcando a sua existência por diversos anos, ou seja, o autoritarismo castilhista-borgista que domina o Rio Grande do Sul por décadas. A escritora, à sua maneira, combate tal ditadura, de modo que não deixa de questionar sobre tal ausência de liberdades individuais, ao constatar que muito se apregoa «a soberania do povo, porém, antes que ele mostre o seu poderio, suporta as maiores humilhações, parecendo em vez de senhor, escravo», ou seja, «é uma soberania sem pompas, e sem títulos» (MELO, 1911, p. 205).

Os textos presentes no «Primeiro Livro» de *Berilos* já refletem uma Revocata mais madura. Ainda aparecem certos conteúdos marcados por indícios do Romantismo, mas o conjunto da obra demonstra reflexões aprofundadas em relação à época de *Folhas errantes*. Desta maneira, o amor, a morte e a guerra, por exemplo, permanecem como temáticas recorrentes, porém agora com um olhar voltado a um pensamento mais crítico. Assim, suas «narrativas de caráter reflexivo configuram-se como preleções e representam, de forma didática, clara e objetiva, tomadas de posição» da autora «em relação a temas contemporâneos, particularmente os que dizem respeito à condição da mulher» (SCHMIDT, 2000, p. 897). A maturidade de Revocata Heloísa de Melo demarcada em *Berilos* demonstra uma autora confiante em expressar mais abertamente algumas de suas convicções.

xxxxxxxxxxxxxxxxxx

Estes três livros em destaque permitem uma significativa perspectiva acerca da obra de Revocata Heloísa de Melo, refletindo diferentes momentos da produção bibliográfica da autora. *Folhas errantes* foi seu livro inaugural, escrito no alvorecer de sua carreira, reunindo textos inéditos e parte de sua profícua lavra em meio à imprensa. *Coração de mãe* é uma parceria com a irmã Julieta, inclusive na redação do texto, e traz as suas particularidades por tratar-se de um material voltado à representação teatral. Já *Berilos* é outra parceria com Julieta, mas apenas no plano editorial, pois os textos de cada uma são independentes entre si e, nesta obra, fica bem mais evidenciada uma maturidade da autora em termos de suas vivências e de sua arte de escrever.

## PALAVRAS FINAIS

Apesar de ser considerada uma época de muitos progressos e transformações sociais, o século XIX ainda guarda em si perspectivas significativamente conservadoras no que tange ao papel social da mulher. Isto é ainda mais evidenciado no Brasil e sua cultura tradicionalmente patriarcal, fenômeno também marcante na mais meridional unidade administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul. Este é, portanto, um ambiente pouco favorável a tendências que visam a qualquer avanço quanto ao feminino e à emancipação da mulher em suas relações socioculturais.

Ainda assim, algumas mulheres marcam suas existências pela perseverança, resistindo ao conservadorismo, à desconsideração e ao preconceito, atuando na resistência e optando pela ação, ao invés do conformismo. Muitas delas usam como arma de combate a «pena», ou seja, fazem da arte de escrever não apenas uma forma de expressão de novas ideias, mas também uma estratégia de combate em busca da mudança e da revisão dos padrões sociais que as condenavam a condições subalternas na sociedade. Neste sentido, a escrita feminina, apesar de todos os percalços, avança e progressivamente atua decisivamente na criação de um novo lugar social para o feminino.

Uma destas escritoras é Revocata Heloísa de Melo, com a sua batalha incessante, que atravessa tantas décadas de sua vida, sempre dedicada à expansão da escrita feminina. Ela é uma digna representante da intelectualidade de sua época e, como era comum então, atua em áreas diferenciadas, numa ação contínua e efetiva como jornalista, contista, cronista, poetisa, teatróloga, professora, oradora, entre tantas outras. Reconhecida em sua época, ela conquista o respeito entre seus pares e obtém certa notoriedade no contexto literário de seu tempo.

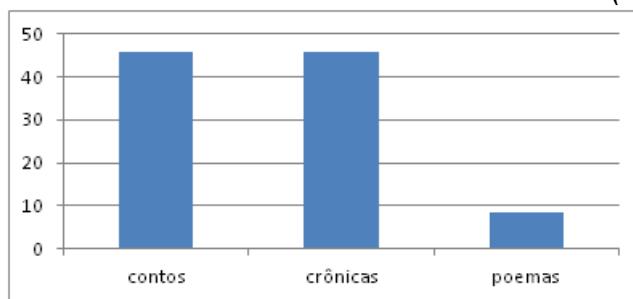
A menina Revocata nasce na capital da Província, mas ainda muito cedo passa a residir na litorânea cidade do Rio Grande, onde vem a passar todo o restante de sua vida. Cercada por uma família cheia de afinidades

com as letras, encontra em casa o ambiente propício ao desenvolvimento da arte que iria marcar a sua vida. Ainda jovem começa a escrever e empreende tal atividade de maneira praticamente ininterrupta até seus últimos dias. Tem na sua irmã Julieta uma parceira de todas as horas até o desaparecimento desta, o qual tanto sofrimento trouxe a Revocata.

Mesmo morando no Rio Grande do Sul, tão distante do centro do Brasil, Revocata de Melo é tão exitosa em seus empreendimentos literários que consegue estabelecer uma rede de inter-relações com escritores de todo o país e até mesmo no cenário internacional. E tudo isto realizado num tempo no qual as comunicações e o transporte ainda têm significativas limitações. A carta continua a ser o principal modo de transmissão de notícias e informações, os vapores demoram em seus deslocamentos, e o telégrafo aproxima as regiões longínquas, mas ainda tem um custo significativo e é destinado a mensagens curtas, não se adaptando à escritura de cunho literário.

Para conseguir expandir seus horizontes, assim como a maior parte da intelectualidade de então, Revocata teve na imprensa periódica o mais eficiente veículo. Desta maneira, desde cedo ela já começa a escrever para jornais, obtendo sucesso na publicação de seus trabalhos. Ela colabora em algumas das principais folhas literárias sul-rio-grandenses, além de ter atuado decisivamente na elaboração dos textos da *Violeta*, publicação feminina editada por sua irmã Julieta Monteiro...

Gráfico 1 – Gêneros literários no livro *Folhas errantes* (em %)

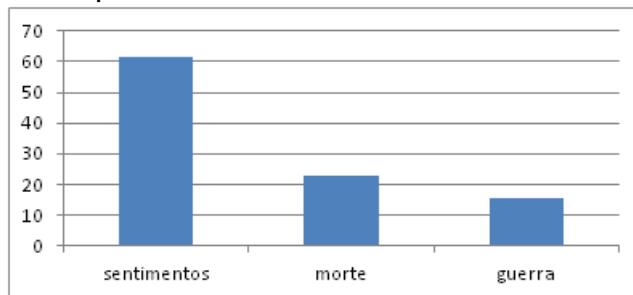


Nesta época de grande produção criativa por meio da imprensa, Revocata de Melo lança seu primeiro livro, *Folhas errantes*. Então conta com menos de trinta anos, de modo que é uma jovem Revocata que se manifesta por meio de uma série de contos e crônicas, distribuídos igualitariamente e predominando amplamente sobre os poemas que aparecem

quase que apenas como ilustrativos nas páginas desta publicação original, refletindo uma característica de seu modo de escrever. Tal distribuição fica demonstrada no Gráfico 1.

É efetivamente uma Revocata ainda encantada com os arroubos da juventude, aquela que se manifesta em *Folhas errantes*, deixando os tantos sentimentos de moça aflorarem em seus contos. Mas a influência romântica também deixa marcas no que se refere a um tom de amargura, de modo que amor e tragédia convivem paritariamente. Além disto, alguns dos temas que marcariam a carreira da escritora como a morte e a guerra já se fazem notar nos contos de seu primeiro livro, como fica evidenciado no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Principais temáticas nos contos do livro *Folhas errantes* (em %)

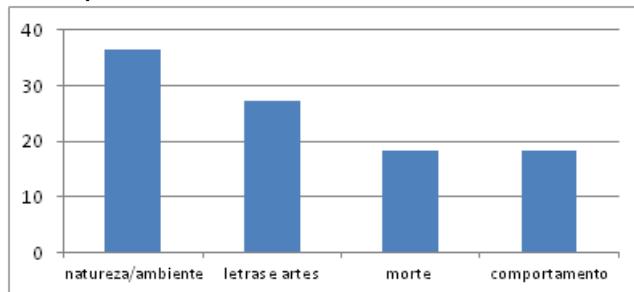


Também em *Folhas errantes*, apesar da experiência de vida ainda não tão expressiva, Revocata já deixa bem marcada sua vocação como cronista. São textos normalmente breves, que descrevem situações que trazem um misto de imaginário e realidade e/ou revelam certas vivências da autora. Como apresentado no Gráfico 3, nas crônicas da escritora editadas em seu primeiro livro há o predomínio das interfaces com a natureza e o ambiente, também uma influência romântica, mas já aparecem reflexões sobre o lugar social por ela ocupado, com discussões acerca de letras e artes. A tão recorrente temática da morte não deixa de aparecer e as questões comportamentais são presença constante nas reflexivas crônicas de Revocata.

Após seu debute no ramo editorial de livros, Revocata de Melo dá início ao projeto de sua vida, passando a editar o periódico *Corimbo*, em outubro de 1883, antes de completar o seu trigésimo aniversário. De projeto, a revista se torna realidade e, com altos e baixos, avanços e recuos, mudanças de periodicidade e formato, continuidades e interrupções, ela

atravessa as seis décadas que se seguem, acompanhando a própria existência da escritora. Apesar do *Corimbo* constituir o centro da ação de Revocata, ela não deixa de lado as colaborações com outros periódicos, mantendo a rede de inter-relações com outros intelectuais e, fundamentalmente, com a imprensa.

Gráfico 3 – Principais temáticas nas crônicas do livro *Folhas errantes* (em %)



Seguindo a trilha iniciada nos anos 1870, Revocata continua a participar ativamente nas lides jornalísticas de sua época, com trabalhos editados em publicações de variados estilos jornalísticos. Nesta linha, ela permanece colaborando com folhas literárias, mas também com almaniques e diários. Importante destacar que a escritora mostra um pensamento progressista quando às lides jornalísticas, uma vez que colabora inclusive com semanários caricatos, à época, muitas vezes vistos sob um prisma preconceituoso, por se dedicarem basicamente ao humor e ao jornalismo crítico-opinativo, chegando a ser considerados até como pornográficos, por alguns olhares mais conservadores. Pois Revocata não se deixa levar por tais preconceitos e apresenta algumas de suas reflexivas crônicas nas páginas de tais semanários.

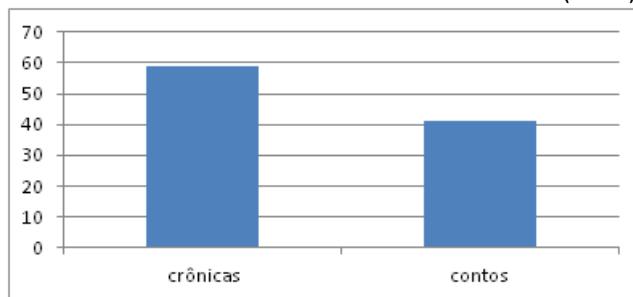
Dez anos depois do início da circulação do *Corimbo*, quando contava com trinta e nove anos, Revocata, em parceria com a irmã Julieta, atua também na carreira de teatróloga com o drama *Coração de mãe*. Elas desenvolvem a peça teatral com a descrição dos personagens, dos cenários – caracterizados pela sobriedade tendo em vista as dificuldades pelas quais o Rio Grande do Sul passa à época – e do desenvolvimento da trama. Sob o pano de fundo dos encontros e desencontros amorosos e a culminância trágica, as irmãs Melo trazem ao público a discussão de temáticas envolvendo a emancipação feminina e até mesmo rupturas com a tradição, chegando a sugerir opções de leitura acerca do assunto. É

a escrita feminina avançando por meio da estratégia teatral, buscando exercer influência junto aos leitores e espectadores.

Na labuta da imprensa, somada à sua carreira docente, se desenvola a vida de Revocata. Nas décadas que se seguem ela convive com a guerra desenfreada, a afirmação do autoritarismo no contexto gaúcho, inclusive com a perseguição política de seu irmão Romeu. Neste tempo ela vai fixando suas posições político-ideológicas de oposição ao castilhismo e admiração pelo federalismo e consolida sua luta pela causa feminina, principalmente no que tange ao viés da educação da mulher como caminho fundamental para um novo lugar social.

Deste modo, é uma Revocata bem mais amadurecida, contando com quase sessenta anos, que elabora *Berilos*. Trata-se mais uma vez de uma parceria com a irmã Julieta, mas desta vez apenas no tocante à edição do livro, pois a redação dos textos é independente, cada qual ficando com um dos «Livros» que compõem o todo da publicação. Em *Berilos*, novamente não aparece a Revocata poetisa, apenas a cronista e contista, com preponderância da primeira, conforme demonstra o Gráfico 4:

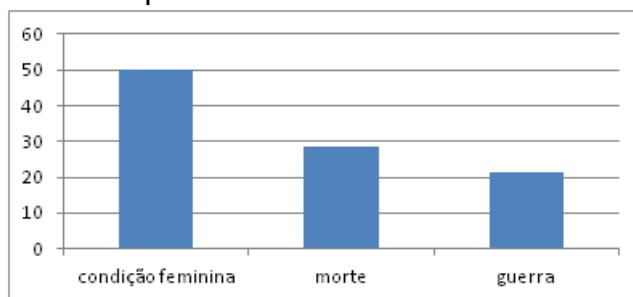
Gráfico 4 – Gêneros literários no livro *Berilos* (em %)



A maturidade de vida e de carreira da escritora fica evidenciada em *Berilos*. Os encantos sentimentais são deixados de lado, dando lugar a temáticas que visam a uma maior conscientização do leitor. Ela avalia a sociedade e mostra algumas de suas mazelas, de modo que ficção e realidade encontram-se no cerne da obra. Alguns dos temas que engatinhavam no primeiro livro ganham relevo nos contos publicados em *Berilos*, como mostra o Gráfico 5. A questão do papel social da mulher e a condição feminina passam a ser predominantes. A morte, inspiração literária e elemento marcante de suas vivências, também não é deixada de lado. A guerra, com a qual ela teve contato tão direto, também se faz presente.

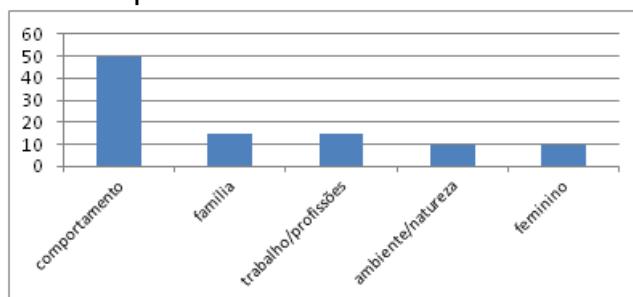
Mas, ao contrário de muitos literatos que tratam dos enfrentamentos bélicos muitas vezes para enaltecer e construir atos heroicos, Revocata prefere destacar os custos sociais da guerra.

**Gráfico 5 – Principais temáticas nos contos do livro *Berilos* (em %)**



A autora também traz sua maturidade nas crônicas, mais incisivas e até críticas em relação à sociedade. O comportamento humano, as relações familiares, o valor do trabalho e das profissões e o feminino aparecem como condicionantes de tal pensamento crítico, sem deixar de haver algum espaço para as inter-relações com o ambiente e a natureza, sua antiga fonte de inspiração. Tais crônicas reflexivas somam-se a pensamentos expressos pela escritora, evidenciando seu reconhecimento como intelectual, à medida que demonstra o apelo que suas ideias e convicções pessoais poderiam ter em relação ao público leitor. Os temas de tais crônicas ficam evidenciados no Gráfico 6.

**Gráfico 6 – Principais temáticas nas crônicas do livro *Berilos* (em %)**



A carreira de Revocata prossegue firme, colaborando com jornais e redigindo/gerenciando o *Corimbo*, tarefa nada simples em se tratando de um

fenômeno de longevidade em termos de pequena imprensa. Além de *Folhas errantes*, *Coração de mãe* e *Berilos*, alguns de seus biógrafos indicam também outras publicações a solo ou em parceria com Julieta, tais como *Grinalda de noiva*, *Mário*, *Marinhas*, *Missal de ternura* e *Heptacordium*. A imprensa chega a divulgar um outro título – *Páginas sem pretensões*. E a própria autora anuncia *Manifestações de palavras* e *Mosaicos*, novas obras que deveriam ser lançadas ao público. A ausência destes títulos nos centros de pesquisa indica que a maioria deles não deve ter avançado da condição de projeto editorial, o que não prejudica a perspectiva de que a simples intenção de promover tais edições traz em si a presença de uma constante motivação criativa. Ainda assim, o percurso entre *Folhas errantes* e *Berilos* serve para demonstrar as principais características da sua obra.

A jovem escritora dos anos 1870 envelhece e se transforma na veterana e decana do jornalismo sul-rio-grandense. Os anos trazem o respeito e o reconhecimento. Ela consegue sobreviver às tantas epidemias que assolam o Brasil e o mundo, às guerras civis que estremecem o Rio Grande do Sul e aos grandes conflitos bélicos que agitam o contexto internacional. Mas também sobrevive a seus dramas pessoais, perdendo um a um os membros de sua família, até a culminância, com a morte de Julieta, tão chorada nos anos que se seguiram. Mas, mesmo assim, Revocata persevera e resiste às dificuldades, sem desistir de seus objetivos, escrevendo até às portas da morte.

Nesta longa trajetória, a autora tem uma atuação decisiva em termos de escrita feminina, não só agindo na redação de matérias jornalísticas e livros, como também participando ativamente de uma rede de escritoras e escritores que pretendem levar em frente a missão da difusão cultural e da leitura/escrita em meio às mulheres. Ela chega a ser considerada conservadora por alguns de seus biógrafos, notadamente quando comparada com os ideais feministas mais contemporâneos, entretanto, ela responde às realidades de seu tempo e faz da educação da mulher uma bandeira para, a seu modo, lutar pela emancipação feminina. O conjunto de sua obra literária revela uma constante inter-relação com o contexto histórico e com as suas vivências, numa perene interação entre a autora, a realidade e o leitor.

Revocata Heloísa de Melo escreve num período em que as circunstâncias normais poderiam levar as mulheres à passividade e ao desinteresse quanto às letras. Mas ela faz parte de um grupo seleto de escritoras, cuja

atuação literária e jornalística promove a ação, a leitura e a cultura no contexto feminino. Além disto, ela escreve e opina a respeito de temas variados, demarcando um espaço no qual as mulheres passam a ter voz e participação ativa na sociedade. A escritora tem o ponto alto de sua carreira na redação do periódico *Corimbo*. Mas, «além da inflorescência», ela é uma prosadora e poetisa profícua e reconhecida, com uma produção intelectual que a coloca como importante representante da escrita feminina sul-rio-grandense e brasileira. Uma amostra de parte desta obra foi apresentada neste livro. Quanto ao «aquém da inflorescência», será o mote para uma nova jornada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROSO, Eloísa Pereira. História e literatura: um percurso metodológico no estudo da cidade. In: *Miscelânea – Revista de literatura e vida social*. Assis, v. 13, p. 57-75, jan. – jun. 2013.
- BERNARDES, Maria Thereza Caiub Crescente. *Mulheres de ontem* – Rio de Janeiro, século XIX. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1989.
- BESSE, Maria Graciete. *Percursos no feminino*. Lisboa: Ulmeiro, 2001.
- BITTENCOURT, Adalzira. *Dicionário biobibliográfico de mulheres ilustres, notáveis e intelectuais do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, v. 1, 1969; v. 2, 1970.
- BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1883/1902. v. 1 e 7.
- BONILHA, Caroline Leal. *Corimbo: memória e representação feminina através das páginas de um periódico literário entre 1930 e 1944 no Rio Grande do Sul*. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2010 (Dissertação de Mestado).
- BORMANN, Maria Benedita de. *Lésbia*. Rio de Janeiro: Evaristo Rodrigues da Costa Editor, 1890.
- BRAGA, Maria Ondina. *Mulheres escritoras – da biografia no texto ao texto da biografia*. Amadora: Livraria Bertrand, 1980.
- BRANCO, Lúcia Castelo. *O que é escrita feminina*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz Editora, 2000.
- CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)*. 3. ed. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; CORAG, 2006.
- CHAVES, Vania; LOUSADA, Isabel; ABREU, Carlos. *As senhoras do Almanaque: catálogo de produção de autoria feminina*. Lisboa: Biblioteca

Nacional de Portugal; CLEPUL, 2014.

COELHO, Mariana. *Evolução do feminismo: subsídios para a sua história*. Rio de Janeiro: Imprensa Moderna, 1933.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

COSTA, Carlos. *A revista no Brasil do século XIX: a história da formação das publicações, do leitor e da identidade do brasileiro*. São Paulo: Alameda, 2012.

COUTINHO, Afrânio; SOUSA, José Galante de. *Encyclopédia de literatura brasileira*. 2. ed. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Academia Brasileira de Letras, 2001.

COUTO, Anabela Galhardo. Literatura de autoria feminina: um patrimônio da palavra a reinventar. In: CASTRO, Zília Osório de (dir.); SOUSA, António Ferreira de; FAVINHA, Marília (coord.). *Falar de mulheres: da igualdade à paridade*. Lisboa: Horizonte, 2003. p. 43-52.

DUARTE, Constância Lima. O poder da palavra: a imprensa feminista do século XIX à contemporaneidade. In: MOREIRA, Maria Eunice (org.). *Percursos críticos em história da literatura*. Porto Alegre: Libretos, 2012. p. 35-42.

\_\_\_\_\_. *Imprensa feminina e feminista no Brasil – século XIX: dicionário ilustrado*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa literária de Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1975.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FISCHER, Antenor. *Dicionário de autores da literatura dramática do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Fischerpress, 2014.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Corimbo e feminismo*. In: *Continente Sul Sur – Revista do Instituto Estadual do Livro*, Porto Alegre, n. 7, p. 245-258, jan. 1998.

\_\_\_\_\_. O *Corimbo*. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 183-188, jun. 2001.

\_\_\_\_\_. *Dicionário de mulheres*. 2. ed. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011.

FONSECA, Lydia Mombelli. Revocata Heloísa de Melo. In: ACADEMIA LITERÁRIA FEMININA DO RIO GRANDE DO SUL. *50 anos de literatura: perfil das patronas*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1993. p. 63-65.

- FREIRE, Laudelino (org.). *Sonetos brasileiros* (século XVII-XX). Rio de Janeiro: F. Briguier & Cia., 1913.
- GOMES, Celuta Moreira. *O conto brasileiro e sua crítica*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1977. v. 1 e 2.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de; ARAÚJO, Lucia Nascimento. *Ensaístas brasileiras*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- KRUG, Guilhermina; CARVALHO, Nelly Rezende. *Letras rio-grandenses*. Porto Alegre: Globo, 1935.
- LAMAS, Rosmarie Wank-Nolasco. *Mulheres para além do seu tempo*. Venda Nova: Bertrand, 1995.
- LEENHARDT, Jacques. A construção da identidade pessoal e social através da História e da Literatura. In: LEENHARDT, Jacques & PESSAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998. p. 41-50.
- LEFEBVE, Maurice-Jean. *Estrutura do discurso da poesia e da narrativa*. Coimbra: Almedina, 1975.
- LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. Uma construção enviesada: a mulher e o nacionalismo. In: GOTLIB, Nádia Battella. *A mulher na literatura*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1990. v. 3, p. 56-66.
- LOUSADA, Isabel. *Adelaide Cabete (1867-1935)*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Gênero – Presidência do Conselho de Ministros, 2010a.
- \_\_\_\_\_. Imprensa: amplificador da voz feminina. In: *Percursos, conquistas e derrotas das mulheres na 1.ª República*. Lisboa: CML, 2010b. p. 41-48.
- \_\_\_\_\_. Carolina: por entre os itinerários da memória e da ciência. In: *Gaudium Sciendi* – Revista da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa, n. 2, jul. 2012, p. 108-117.
- MACHADO, Antônio Carlos. *Coletânea de poetas sul-rio-grandenses (1834-1951)*. Rio de Janeiro: Editora Minerva, 1952.
- MAGALHÃES, Isabel Allegro de. *O tempo das mulheres: a dimensão temporal na escrita feminina contemporânea*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1987.
- \_\_\_\_\_. Diferenças sexuais na escrita: ao contrário de Diotima. In: *Actas do Colóquio Escrita de mulheres*. Coimbra, Faculdade de Letras – Universidade de Coimbra, 2005. p. 9-23.
- MAIA, Rita Maria de Abreu. *O amor e a pena feminina – escrita*

feminina e insurreição amorosa. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001 (Tese de Doutorado).

MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1978.

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix; Editora da Universidade de São Paulo, 1977-1978. v. 1, 4.

MELO, Luís Correia de. *Subsídios para um dicionário dos intelectuais rio-grandenses*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1944.

MELO, Revocata Heloísa de. *Folhas errantes*. Rio de Janeiro: Tipografia Hildebrandt, 1882.

\_\_\_\_\_. Primeiro livro. In: MELO, Revocata Heloísa de; MONTEIRO, Julieta de Melo. *Berilos*. Rio Grande: [s. n.], 1911. p. 3-226.

MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro ilustrado*. São Paulo: Saraiva, 1969. v. 1 e 3.

MINGOCHO, Maria Teresa Delgado. Nota prévia. In: *Actas do Colóquio Escrita de mulheres*. Coimbra, Faculdade de Letras – Universidade de Coimbra, 2005. p. 7-8.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

MONTEIRO, Julieta de Melo; MELO, Revocata Heloísa de. *Coração de mãe*. Rio Grande: Livraria Rio-Grandense, 1893.

MOREIRA, Maria Eunice (coord.). *Narradores do Parthenon Literário*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; CORAG, 2002.

MOURA, Maria Lacerda de. *Renovação*. Belo Horizonte: Tipografia Athene, 1919.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. In: *Estudos feministas*, Florianópolis, 11(1): 336, p. 225-233, jan. – jun. 2003.

\_\_\_\_\_. A ascensão das mulheres no romance. In: ARRUDA, Aline Alves et al. (orgs.). *A escritura no feminino – aproximações*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011. p. 17-27.

NEVES, Décio Vignoli das. *Vultos do Rio Grande*. Rio Grande: Artexto, 1987, t. 2.

OLIVEIRA, Américo Lopes de; VIANA, Mário Gonçalves. *Dicionário mundial de mulheres notáveis*. Porto: Lello & Irmão – Editores, 1967.

OLIVEIRA, Andradina de. *A mulher rio-grandense – escritoras mortas*. Porto Alegre: Livraria Americana, 1907.

- OSÓRIO, Ana de Castro. *A grande aliança* (a minha propaganda no Brasil). Lisboa: Tipografia Lusitana, 1924.
- PERDIGÃO, Henrique. *Dicionário universal de literatura*. Barcelos: Portucalense Editora, 1934.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. As mulheres na literatura brasileira. In: *Anhembí*, São Paulo, a. 5, v. 17, n. 49, p. 17-25, dez. 1954.
- PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2015.
- PIRES, Francisco de Paula *et al.* (org.). *Sonoras*. Pelotas: Livraria Universal, 1891.
- PÓVOAS, Mauro Nicola. *Uma história da literatura: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2004 (Tese de Doutorado).
- \_\_\_\_\_. O periódico rio-grandino *Corimbo* e a consolidação de um sistema literário sulino. In: ALVES, Francisco das Neves (org.). *Imprensa, história, literatura e informação – Anais do II Congresso Internacional de Estudos Históricos*. Rio Grande: FURG, 2007. p. 29-38.
- \_\_\_\_\_. Fragmentos de história da literatura: relatos e resultados de uma pesquisa em Portugal. In: *Letras de hoje*, Porto Alegre, v. 47, n. 4, p. 356-364, out./dez. 2012.
- PRADA, Cecília. *A pena e o espartilho*. 2. ed. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2010.
- PRIORE, Mary del. *Histórias da gente brasileira*. São Paulo: Leya, 2016. v. 2.
- REIS, Carlos. *O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- RODRIGUES, Sued de Oliveira (org.). *Rio Grande nos versos dos poetas*. Rio Grande: Academia Rio-Grandina de Letras, 1989.
- RUFATTO, Luiz (org.). *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- SABINO, Inês. *Mulheres ilustres do Brasil*. Rio de Janeiro: H. Garnier – Livreiro – Editor, 1899.
- SANT'ANNA, Benedita de Cássia Lima. *Do Brasil Ilustrado (1855-1856) à Revista Ilustrada (1876-1898): trajetória da imprensa periódica literária ilustrada fluminense*. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.
- SCHMIDT, Rita Terezinha. Revocata Heloísa de Melo. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. 2. ed. Flori-

anópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 892-902.

SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. *Dicionário de mulheres do Brasil*: de 1500 até a atualidade. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

SILVA, Domingos Carvalho da. *Vozes femininas da poesia brasileira*. São Paulo: Conselho Estadual da Cultura, 1959.

SOARES, Pedro Maia. Feminismo no Rio Grande do Sul – primeiros apontamentos (1835-1945). In: BRUSCHINI, Maria Cristina; ROSEMBERG, Fúlvia (org.). *Vivência: história, sexualidade e imagens femininas*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas; Brasiliense, 1980. p. 121-150.

SOUZA, José Galante de. *O teatro no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1960. t. 1 e 2.

\_\_\_\_\_. *Índice de biobibliografia brasileira*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.

SOUTO-MAIOR, Valéria Andrade. *Índice de dramaturgas brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1996.

SOUZA, Leal de. *A mulher na poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Leite Ribeiro & Maurillo, 1918.

SPALDING, Walter. Itinerário da literatura sul-rio-grandense. In: *Encyclopédia rio-grandense – o Rio Grande antigo*. Canoas: Editora Regional Ltda., 1956. v. 2. p. 189-220.

\_\_\_\_\_. Itinerário da literatura (1900-1957). In: *Encyclopédia rio-grandense – o Rio Grande antigo*. Canoas: Editora Regional Ltda., 1957. v. 3. p. 270-335.

TACQUES, Alzira Freitas. *Perfis de musas, poetas e prosadores brasileiros*. Porto Alegre: Editora Thurmann, 1956.

TELLES, Norma. Escritoras brasileiras no século XIX. In: GOTLIB, Nádia Battella. *A mulher na literatura*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1990. v. 3. p. 127-135.

\_\_\_\_\_. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary del (org.). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 401-442.

VIEIRA, Míriam Steffen. Atuação literária de escritoras no Rio Grande do Sul: um estudo do periódico *Corimbo*, 1885-1925. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1997 (Dissertação de Mestrado).

VILLAS-BÔAS, Pedro Leite. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense – autores*. Porto Alegre: A Nação; Instituto Estadual do Livro, 1974.

\_\_\_\_\_. *Dicionário bibliográfico gaúcho*. Porto Alegre: Escola

Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana; Editora e Distribuidora Gaúcha, 1991.

ZILBERMAN, Regina. Nos *Crepúsculos*, as «luzes das letras». In: FIGUEIROA, Amália dos Passos. *Crepúsculos & outros poemas*. Rio Grande: Editora da FURG, 2011. p. 15-29.



## COLEÇÃO ELAS

«*the beginning is always today*»  
«*O princípio é sempre hoje*»

Mary Shelley

A colecção em que se insere este volume inscreve-se no programa definido pelo grupo MCCLA no seio da CIDH, agora Cátedra de Estudos Globais. Dar visibilidade a protagonistas cujas histórias a História ofuscou torna-se o motivo central para a empresa, da qual deriva ampliar o conhecimento de uma série de figuras femininas que se afirmaram numa dada região, época ou circunstância particular.

A colecção é coordenada e editada por três colegas provenientes de diversas instituições cuja plataforma de convergência é garantida pelo trabalho desenvolvido no CLEPUL e que, em 2018, se individualizou no polo CLEPUL UAb – CIDH com a designação Faces de Judite.

Dar relevo e possibilitar um cada vez maior conhecimento em torno das vidas e obras de mulheres insignes, em Portugal e no mundo, eis o nosso propósito, na certeza de que, ao fazê-lo, no exercício da cidadania, prestamos serviço determinante no sentido do progresso social, sobretudo no mundo da lusofonia, no qual nos inscrevemos.

Reunindo autores que são convidados a desenvolver o seu ensaio em volta de um tema sugerido pelos editores o primeiro número conta com a colaboração de seis investigadores cujas biografadas foram por si eleitas, de modo a figurarem no volume dedicado às *Mulheres de Leste*, por ocasião do centenário da revolução russa. Os textos compilados evocam a faceta feminina de uma fase crucial da humanidade, a qual, à semelhança de tantas outras, denuncia um escrutínio carente de isenção e que desta feita procuramos obviar.

O número 2, *Cultura, Literatura, Memória e Identidades: por ocasião do centenário de Cláudia de Campos (1859-1916)*, surge na sequência de um Congresso Internacional que em tudo se compagina com o objectivo geral da colecção contando com a colaboração de aproximadamente quarenta autores de diferentes nações.

O número 3, *Virgínia Victorino. Na Cena do Tempo*, comemora Virgínia Victorino (13-08-1895 / 21-12-1967), insigne poeta e dramaturga nascida em Alcobaça.

Com o número 4, *Escrita Feminina no Brasil Meridional: Revocata Heloísa de Melo (reconhecimento e produção bibliográfica)*, damos continuidade a um projecto desafiante e promissor.

Isabel Cruz Lousada  
Alexandre Honrado  
Isabel Baltazar

## **Comissão Científica**

**ANÁLIA TORRES** (CIEG – Centro Interdisciplinar de Estudos de Género, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa)

**ANNE COVA** (ICS – Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa)

**ANTONELLA CAGNOLATTI** (Università di Foggia)

**CLÁUDIA BROCHADO** (Universidade de Brasília)

**ERNESTO RODRIGUES** (CLEPUL – Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

**EVA ALTERMAN BLAY** (Universidade de São Paulo)

**FRANCISCO DAS NEVES ALVES** (Universidade Federal do Rio Grande)

**ISABEL LUSTOSA** (Fundação Casa de Rui Barbosa)

**IRENE VAQUINHAS** (Universidade de Coimbra, CHS – Centro de História da Sociedade e da Cultura)

**JOSÉ EDUARDO FRANCO** (CLEPUL – Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

**MANUEL MENDES SILVA** (Sociedade de Geografia – Presidente da Secção de História da Medicina)

**RIA LEMAIRE** (Universidade de Poitiers/*Emeritus*)

**SUZAN VAN DIJK** (Huygens ING, Women Writer' Networks)

**VANIA PINHEIRO CHAVES** (CLEPUL – Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

## Títulos já publicados

### 1. *LESTE a Ler*

Isabel da Cruz Lousada  
Alexandre Honrado  
Isabel Baltazar  
(org.)

LESTE para Ler

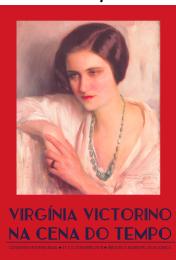
Alexandre Honrado x Ana Cartucho  
Praskovysheva x Nair Alencar  
Olga Rousinova x Simon Dorn  
Cristea x Vanda Sousa



### 2. *Cultura, Literatura, Memória e Identidades: por ocasião do centenário de Cláudia de Campos (1859-1916)*



### 3. *Virgínia Victorino. Na Cena do Tempo*



VIRGÍNIA VICTORINO  
NA CENA DO TEMPO

### 4. *Escrita Feminina no Brasil Meridional: Revocata Heloísa de Melo (reconhecimento e produção bibliográfica)*

LUCIANA COUTINHO GEPPIAK

ESCRITA FEMININA NO  
BRASIL MERIDIONAL  
Revocata Heloísa de Melo  
(reconhecimento e produção  
bibliográfica)









**FCT** Fundação para a Ciência e a Tecnologia



Esta publicação foi financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos Projectos «UIDB/00077/2020» (CLEPUL – Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade Nova de Lisboa) e «UIDB/04647/2020» (CICS.NOVA – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa)





